Jon Ronson
The Men Who Stare at Goats (Os Homens que Encaram Cabras)

2004

Em 1979, uma unidade secreta foi criada pelas mentes mais talentosas do Exército dos EUA. Desafiando todas as práticas militares conhecidas e aceitas - e, de fato, as leis da física - eles acreditavam que um soldado poderia adotar um manto de invisibilidade, atravessar paredes e, talvez o mais assustador, matar cabras apenas olhando para elas. Encarregados de defender os Estados Unidos de todos os adversários conhecidos, eles eram o Primeiro Batalhão da Terra. E eles realmente não estavam brincando. Além disso, eles estão de volta e lutando na Guerra ao Terror. Com acesso em primeira mão aos principais participantes da história, Ronson traça a evolução dessas atividades bizarras nas últimas três décadas e mostra como elas estão vivas hoje no Departamento de Segurança Interna dos EUA e no Iraque pós-guerra. Por que eles estão explodindo prisioneiros de guerra iraquianos com a música tema de Barney, o Dinossauro Roxo? Por que 100 cabras sem pelo foram colocadas secretamente dentro do Centro de Comando das Forças Especiais em Fort Bragg, Carolina do Norte? Como as Forças Armadas dos EUA foram associadas ao misterioso suicídio em massa de um estranho culto de San Diego? The Men Who Stare at Goats responde a essas e muitas outras perguntas. O livro Them: Adventures with Extremists (Eles: Aventuras com extremistas), de Ronson, um best-seller internacional altamente aclamado, examinou a paranoia à margem dos movimentos extremistas cheios de ódio em todo o mundo. The Men Who Stare at Goats revela segredos nacionais extraordinários - e muito malucos - que estão no centro da Guerra ao Terror de George W. Bush.

1. O GENERAL

Esta é uma história real. Estamos no verão de 1983. O Major General Albert Stubblebine III está sentado atrás de sua mesa em Arlington, Virgínia, e olha para a parede, onde estão pendurados seus inúmeros prêmios militares. Eles detalham uma longa e distinta carreira. Ele é o chefe de inteligência do exército dos EUA, com 16.000 soldados sob seu comando. Ele controla a inteligência de sinais do exército, sua inteligência fotográfica e técnica, suas inúmeras unidades secretas de contra-inteligência e suas unidades secretas de espionagem militar, espalhadas pelo mundo. Ele também estaria encarregado dos interrogatórios dos prisioneiros de guerra, exceto pelo fato de que estamos em 1983 e a guerra é fria, não quente.

Ele olha além de seus prêmios para a própria parede. Há algo que ele sente que precisa fazer, embora a ideia disso o assuste. Ele pensa na escolha que tem de fazer. Ele pode ficar em seu escritório ou pode ir para o escritório ao lado. Essa é sua escolha. E ele já a fez.

Ele está indo para o próximo escritório.

O General Stubblebine se parece muito com Lee Marvin. De fato, há muitos

Há rumores em toda a Inteligência Militar de que ele é gêmeo idêntico de Lee Marvin. Seu rosto é escarpado e excepcionalmente imóvel, como uma fotografia aérea de algum terreno montanhoso tirada de um de seus aviões espiões. Seus olhos, sempre atentos e cheios de bondade, parecem fazer o trabalho de todo o seu rosto.

Na verdade, ele não tem nenhum parentesco com Lee Marvin. Ele gosta do boato porque a mística pode ser benéfica para uma carreira na inteligência. Seu trabalho é avaliar a inteligência coletada por seus soldados e passar suas avaliações para o vice-diretor da CIA e para o chefe do Estado-Maior do Exército, que, por sua vez, as transmitem para a Casa Branca. Ele comanda soldados no Panamá, no Japão, no Havaí e em toda a Europa. Sendo suas responsabilidades, ele sabe que deve ter seu próprio homem ao seu lado, caso algo dê errado durante sua jornada para o próximo cargo.

Mesmo assim, ele não chama seu assistente, o Sargento de Comando George Howell. Isso é algo que ele sente que deve fazer sozinho.

Estou pronto? ele pensa. *Sim, estou pronto*.

Ele se levanta, sai de trás de sua mesa e começa a andar.

Quero dizer, ele pensa consigo mesmo, *do que o átomo é composto em sua maior parte? De espaço!*

Ele acelera o passo.

Do que eu sou composto em sua maior parte? ele pensa. *Átomos!*

Ele está quase correndo agora.

Do que a parede é composta em sua maior parte? ele pensa.

Átomos! Tudo o que tenho de fazer é mesclar os espaços. *A parede é uma* ilusão. *O que é destino? Estou destinado a ficar neste cômodo? Ah, não!*

Então o General Stubblebine bate o nariz com força na parede de seu escritório.

Droga, ele pensa.

O General Stubblebine está confuso com seu fracasso contínuo em atravessar a parede. O que há de errado com ele para que não consiga fazer isso? Talvez haja simplesmente muita coisa em sua bandeja para que ele possa dar a ela o nível de concentração necessário. Ele não tem dúvidas de que a capacidade de atravessar objetos será, um dia, uma ferramenta comum no arsenal de coleta de informações. E quando isso acontecer, bem, será que é ingênuo demais acreditar que isso anunciará o início de um mundo sem guerra?

Quem iria querer se meter com um exército que pudesse fazer *isso*?

Stubblebine, como muitos de seus contemporâneos, ainda está extremamente machucado pelas lembranças do Vietnã.

Esses poderes *podem* ser alcançados, portanto, a única pergunta é: por quem? Quem nas forças armadas já está preparado para esse tipo de coisa? Qual seção do exército é treinada para operar no auge de suas capacidades físicas e mentais?

E então a resposta lhe vem à mente. As

Forças Especiais!

É por isso que, no final do verão de 1983, o General Stubblebine voa para Fort Bragg, na Carolina do Norte.

Fort Bragg é enorme - uma cidade guardada por soldados armados, com um shopping center, um cinema, restaurantes, campos de golfe, hotéis, piscinas, estábulos e

acomodações para 45.000 soldados e suas famílias. O general passa por esses lugares a caminho do Centro de Comando das Forças Especiais. Esse não é o tipo de coisa que se leva para o refeitório. Isso é para as Forças Especiais e para mais ninguém. Mesmo assim, ele tem medo. O que ele está prestes a liberar?

No Centro de Comando das Forças Especiais, o general decide começar suavemente. "Estou vindo aqui com uma ideia", ele começa. Os comandantes das Forças Especiais acenam com a cabeça.

"Se você tem uma unidade operando fora da proteção das unidades principais, o que acontece se alguém se machucar?", diz ele. O que acontece se alguém for ferido? Como você lida com isso?

Ele observa os rostos indiferentes na sala. "Cura
psíquica!", diz ele.

Há um silêncio.

"É disso que estamos falando", diz o general, apontando para sua cabeça. Se você usar sua mente para se curar, provavelmente poderá sair com toda a sua equipe viva e intacta. Não precisará deixar ninguém para trás". Ele faz uma pausa e depois acrescenta: "Proteja a estrutura da unidade com a cura manual e prática!

Os comandantes das Forças Especiais não parecem muito interessados em cura psíquica.

"OK", diz o General Stubblebine. A recepção que ele está recebendo é realmente muito fria. Não seria uma ótima ideia se você pudesse ensinar alguém a fazer *isso?*

O General Stubblebine vasculha sua bolsa e produz, com um floreio, talheres dobrados.

"E se você pudesse fazer isso?", diz o General Stubblebine. "Você estaria interessado?

Há um silêncio.

O General Stubblebine começa a gaguejar um pouco. *Eles estão olhando para mim como se eu fosse louco*, ele pensa consigo mesmo. *Não estou apresentando isso corretamente*.

Ele olha ansiosamente para o relógio.

"Vamos falar sobre o tempo!", diz ele. O que aconteceria se o tempo não fosse um instante? E se o tempo tiver um eixo X, um eixo Y e um eixo Z? E se o tempo não for um ponto, mas um espaço? Em um determinado momento, podemos estar *em qualquer lugar* desse espaço! O espaço está confinado ao teto desta sala ou o espaço é *de vinte milhões de milhas?* O general ri. Os físicos ficam *loucos* quando eu digo isso!

Silêncio. Ele tenta novamente.

"Animais!", diz o General Stubblebine.

Os comandantes das Forças Especiais olham uns para os outros.

"Parando os corações dos animais", ele continua. "*Estourando* os corações dos animais. Essa é a ideia que estou trazendo. Vocês têm acesso aos animais, certo?

"Uh", dizem as Forças Especiais. "Na verdade, não...

A viagem do General Stubblebine a Fort Bragg foi um desastre. Ele ainda se ruboriza ao se lembrar disso. Ele acabou se aposentando precocemente em 1984. Agora, a história oficial da inteligência do exército, conforme descrito em seu pacote de imprensa, basicamente ignora os

anos Stubblebine, 1981-4, quase como se eles não tivessem existido.

Na verdade, tudo o que você leu até agora tem sido, nas últimas duas décadas, um segredo da inteligência militar. A tentativa frustrada do general Stubblebine de atravessar a parede e sua jornada aparentemente fútil para Fort Bragg permaneceram em segredo até o momento em que ele me contou sobre elas no quarto 403 do Tarrytown Hilton, no norte do estado de Nova York, em um dia frio de inverno, dois anos após o início da Guerra ao Terror.

Para dizer a verdade, Jon," disse ele, "eu praticamente bloqueei o resto da conversa que tive com as Forças Especiais da minha cabeça. Uau, sim. Eu *tirei* isso da minha mente! Eu fui embora. Saí com o rabo entre as pernas".

Ele fez uma pausa e olhou para a parede.

"Sabe", disse ele, "eu realmente achei que eram ótimas ideias. Ainda acho. Só não descobri como *meu* espaço pode se encaixar *nesse* espaço. Eu simplesmente continuei batendo o nariz. Eu não conseguia... Não. Não conseguia é a palavra errada. Nunca consegui me colocar no estado mental correto". Ele suspirou. "Se você realmente quer saber, é uma decepção. O mesmo acontece com a levitação".

Algumas noites em Arlington, Virgínia, depois que a primeira esposa do general, Geraldine, ia para a cama, ele se deitava no carpete da sala e tentava levitar.

E fracassei totalmente. Não consegui tirar minha bunda gorda do chão, desculpe minha linguagem. Mas ainda acho que foram ótimas ideias. E você sabe por quê?

"Por quê?", perguntei.

"Porque você *não pode se* dar ao luxo de ficar obsoleto no mundo da inteligência", disse ele. *Não pode* se dar ao luxo de perder algo. Você não acredita nisso? Dê uma olhada nos terroristas que frequentaram escolas de aviação para aprender a decolar, mas não a aterrissar. E onde *essa* informação se perdeu? Você não *pode* se dar ao luxo de perder algo quando está falando sobre o mundo da inteligência".

Havia algo sobre a viagem do general a Fort Bragg que nenhum de nós sabia no dia em que nos conhecemos. Era uma informação que logo me levaria ao que deve estar entre os cantos mais malucos da Guerra ao Terror de George W. Bush.

O que o general não sabia - o que as Forças Especiais mantiveram em segredo para ele - era que, na verdade, consideravam suas ideias excelentes.
Além disso, quando ele propôs seu programa clandestino de estímulo a animais e eles lhe disseram que não tinham acesso a animais, estavam ocultando o fato de que havia cem cabras em um galpão a poucos metros da estrada.

A existência dessas centenas de cabras era conhecida apenas por alguns poucos membros das Forças Especiais. A natureza oculta das cabras foi ajudada pelo fato de que elas haviam sido desossadas; estavam apenas paradas, com as bocas abrindo e fechando, sem emitir nenhum balido. Muitas delas também tinham suas pernas engessadas.

Esta é a história dessas cabras.

2. LABORATÓRIO DE CABRAS

Foi Uri Geller quem me colocou na trilha que levou às cabras. Eu o conheci no terraço de um restaurante no centro de Londres no início de outubro de 2001, menos de um mês após o início da Guerra ao Terror. Há muito tempo havia rumores (circulados em geral, é preciso dizer, pelo próprio Uri) de que, no início dos anos 70, ele havia sido um espião psíquico que trabalhava secretamente para a inteligência dos EUA. Muitas pessoas duvidaram de sua história - o *Sunday Times* certa vez a chamou de "uma afirmação bizarra", argumentando que Uri Geller é louco, enquanto a instituição de inteligência não é. Do meu ponto de vista, a verdade está em um dos quatro cenários possíveis:

Isso simplesmente nunca aconteceu.

Alguns renegados malucos nos níveis mais altos da comunidade de inteligência dos EUA trouxeram Uri Geller.

A inteligência dos EUA é o repositório de segredos incríveis, que são mantidos longe de nós para o nosso próprio bem; um desses segredos é que Uri Geller tem poderes psíquicos, que foram aproveitados durante a Guerra Fria. Eles só esperavam que ele não saísse por aí contando para todo mundo.

Naquela época, a comunidade de inteligência dos EUA era basicamente maluca.

Uri estava quieto no restaurante. Ele usava óculos de sol grandes e espelhados. Seu cunhado, Shipi, também não foi muito receptivo, e tudo foi um pouco estranho. Eu os havia encontrado uma ou duas vezes antes e os considerava pessoas contagiantes e entusiasmadas. Mas hoje não havia nenhum entusiasmo.

"Então", eu disse, "vamos começar. Como você se tornou um espião psíquico do governo dos EUA?

Houve um longo silêncio.

"Não quero falar sobre isso", disse Uri.

Ele tomou um gole de sua água mineral e olhou para Shipi.

"Uri? Eu disse. O que há de errado? Você *sempre* fala
sobre isso. "Não, não falo", disse ele.

"Sim, você *fala*! eu disse.

Eu estava pesquisando isso há duas semanas e já tinha acumulado um arquivo de 2,5 cm de espessura com suas reminiscências sobre seus dias de espionagem psíquica, ditadas a jornalistas durante as décadas de 1980 e 1990, que depois acrescentavam comentários sarcásticos. Em mais ou menos todos os artigos, a linha de raciocínio era a mesma: os serviços de inteligência não fariam isso. Havia uma relutância quase frenética em aceitar a palavra de Uri, ou até mesmo em fazer algumas ligações para verificar ou refutar a informação. Apesar de todo o nosso cinismo, aparentemente ainda atribuíamos aos serviços de inteligência algumas qualidades de rigor e metodologia científica. Os poucos jornalistas que aceitaram a afirmação de Uri expressaram implicitamente seu alívio pelo fato de tudo isso ter acontecido há muito tempo, na década de 1970.

'Eu nunca falo sobre isso', disse Uri.

Você falou sobre isso para o *Financial Times*', eu disse. 'Você disse que fez muito trabalho psíquico para a CIA no México'.

Uri deu de ombros.

Um avião voou baixo e todos no terraço pararam de comer por um momento e olharam para cima.

um momento e olharam para cima. Desde o 11 de setembro, o procurador-geral dos EUA, John Ashcroft, vinha alertando sobre ataques terroristas iminentes - em bancos, blocos de apartamentos, hotéis, restaurantes e lojas nos EUA. Em uma ocasião, o Presidente Bush anunciou que não poderia dizer *nada* sobre um determinado cataclismo iminente. Alertas igualmente inespecíficos também estavam ocorrendo em Londres. Então, de repente, Uri tirou os óculos escuros e me olhou diretamente nos olhos.

"Se você repetir o que vou lhe contar", disse ele, "eu vou negar".

"OK", eu disse.

"Será sua palavra contra a minha", disse Uri.

"Está bem", eu disse.

Uri aproximou sua cadeira da minha. Ele deu uma olhada no restaurante. "Isso", disse ele, "não é mais uma história".

"Desculpe-me? Eu disse.

"Fui reativado", disse Uri. "O quê? Eu disse.

Olhei para Shipi. Ele acenou com a cabeça gravemente.

"Suponho que não tenha sido você quem contou a John Ashcroft sobre os hotéis, os bancos e os blocos de apartamentos? perguntei.

"Não estou dizendo mais nada", disse Uri.

Uri", eu disse, "por favor, me dê algo para continuar. Por favor, me diga mais uma coisa".

Uri suspirou.

"Está bem", disse ele. Vou lhe contar apenas mais uma coisa. O homem que me reativou é..." Uri fez uma pausa, depois disse: "chama-se Ron".

E foi só isso. Não falei mais com Uri Geller desde então. Ele não retornou minhas ligações. Ele se recusou a divulgar qualquer outra informação sobre Ron. Ron era do FBI? CIA? Inteligência militar? Segurança Nacional? Ron poderia ser do MI5? MI6? Uri Geller estava participando da Guerra ao Terror?

Tive uma pequena descoberta um ano depois, em um hotel em Las Vegas, quando estava entrevistando um dos ex-espiões militares do general Stubblebine, o sargento Lyn Buchanan. Eu disse: 'Uri Geller disse que o homem que o reativou se chama Ron'. O sargento Buchanan ficou em silêncio, depois acenou enigmaticamente com a cabeça e disse: "Ah, Ron. Sim. Eu conheço o Ron".

Mas não quis me contar mais nada sobre ele. O General Stubblebine também não quis falar sobre Ron.

"Os malditos espiões psíquicos deveriam ficar de boca fechada", disse ele, "em vez de ficar conversando por toda a cidade sobre o que fizeram".

O general, descobri nas semanas seguintes ao meu encontro com Uri, havia comandado uma unidade militar secreta de espionagem psíquica entre 1981 e 1984. A unidade não era tão glamourosa quanto poderia parecer, disse ele. Era basicamente meia dúzia de soldados sentados dentro de um prédio de tábuas condenado e fortemente vigiado em Fort Meade, Maryland, tentando ser psíquicos. Oficialmente, a unidade não existia. Os médiuns eram o que é conhecido no jargão militar como Black Op. Como não "existiam", não tinham permissão para acessar o orçamento de café do exército dos EUA. Eles tinham de trazer

tinham de levar seu próprio café para o trabalho. Eles passaram a se ressentir disso. Alguns deles ficaram lá, tentando ser psíquicos, de 1978 a 1995. De tempos em tempos, um deles morria ou enlouquecia, e um novo soldado psíquico era trazido para substituir a vítima. Quando um deles tinha uma visão - de um navio de guerra russo ou de um evento futuro -, ele a desenhava e passava os esboços para a cadeia de comando.

E então, em 1995, a CIA os fechou.

Muitos dos soldados psíquicos publicaram posteriormente suas autobiografias, como *The Seventh Sense: The Secrets of Remote Viewing as Told by a 'Psychic Spy' for the U.S. Military*, de Lyn Buchanan.

"Todo mundo quer ser o primeiro a aparecer na publicidade", disse o General Stubblebine. Eu poderia torcer o pescoço de alguns deles.

E isso era tudo o que o general dizia sobre os espiões psíquicos. "Eles estão de volta à ativa? Eu lhe perguntei.

"Espero que sim", disse ele.

Uri Geller era um de seus espiões? perguntei.

"Não", disse ele, "mas eu gostaria que ele tivesse sido. Sou um grande fã dele".

E foi assim que minha busca para encontrar Ron me levou ao Havaí, a uma casa na estrada entre Honolulu e Pearl Harbor, a casa do sargento aposentado de primeira classe - e ex-espião psíquico das Forças Especiais - Glenn Wheaton. Glenn era um homem grande, com um cabelo ruivo bem cortado e um bigode estilo Vietnã. Meu plano era perguntar a Glenn sobre seus dias de espionagem psíquica e depois tentar abordar o assunto Ron, mas, no momento em que me sentei, nossa conversa tomou um rumo totalmente inesperado.

Glenn se inclinou para frente em sua cadeira. Você foi da porta da frente para a porta dos fundos. Quantas cadeiras há em minha casa?

Houve um silêncio.

"Você provavelmente não sabe me dizer quantas cadeiras há na minha casa", disse Glenn. Comecei a olhar em volta.

Um super soldado não precisaria olhar", disse ele. Ele simplesmente *saberia*. "Um super soldado? Eu perguntei.

"Um supersoldado", disse Glenn. "Um guerreiro Jedi. Ele saberia onde estão todas as luzes. Ele saberia onde estão todas as tomadas elétricas. A maioria das pessoas é um mau observador. Elas não têm a menor ideia do que realmente está acontecendo ao seu redor.

"O que é um guerreiro Jedi? perguntei. Você está olhando para um", disse Glenn.

Em meados da década de 1980, ele me contou, as Forças Especiais empreenderam uma iniciativa secreta, com o codinome Projeto Jedi, para criar super soldados - soldados com super poderes.

Um desses poderes era a capacidade de entrar em uma sala e instantaneamente estar ciente de todos os detalhes; esse era o nível um.

"Qual era o nível acima desse? perguntei.

"Nível dois", disse ele. Intuição. Existe alguma maneira de desenvolvê-lo para que tome decisões corretas? Alguém corre até você e diz: 'Há uma bifurcação na estrada. Vamos virar à esquerda ou à direita? E você vai' - Glenn estalou os dedos - 'Vamos para a direita!

"Qual era o nível acima desse? perguntei.
"Invisibilidade", disse Glenn.
"Invisibilidade de fato? Eu perguntei.
No começo", disse Glenn. Mas, depois de um tempo, nós nos adaptamos a apenas encontrar uma maneira de *não sermos vistos*.
"De que forma? perguntei.
"Ao compreender a ligação entre observação e realidade, você aprende a dançar com a invisibilidade", disse Glenn. Se você não é observado, você é invisível. Você só existe se alguém o vir.
"Então, como uma camuflagem?
perguntei. Não", suspirou Glenn.
"Você é muito bom em invisibilidade? perguntei.
"Bem", disse Glenn, "tenho cabelos ruivos e olhos azuis, então as pessoas tendem a se lembrar de mim. Mas eu consigo sobreviver. Estou vivo hoje".
Qual era o nível acima da invisibilidade? perguntei.
"Uh", disse Glenn. Ele fez uma pausa por um momento. Depois, disse: "Tínhamos um sargento-chefe que conseguia parar o coração de uma cabra".
Houve um silêncio. Glenn levantou uma
sobrancelha. "Só por...", eu disse.
"Só querendo *que* o coração da cabra parasse", disse Gienn.
"Isso é um grande salto", eu disse.
"Certo", disse Glenn.
"E ele fez o coração da cabra parar? perguntei. Ele
fez isso pelo menos uma vez", disse Glenn.
"Huh", eu disse. Eu realmente não sabia como responder a
isso. Mas não é realmente uma área que você queira...
"Ir para lá", eu disse.
"É isso mesmo", disse Glenn. Não é uma área para a qual você queira ir, porque, como se viu na avaliação, ele também causou alguns danos a si mesmo.
Eu disse novamente. Lesão
simpática", disse Glenn.
Então, não é como se o bode estivesse revidando psiquicamente?
perguntei. "A cabra não teve chance", disse Glenn.
Onde isso aconteceu? perguntei.
"Em Fort Bragg", disse ele, "em um lugar chamado Goat Lab".
"Glenn", eu disse, "você pode me contar tudo sobre o Goat Lab? E
assim Glenn começou.
O Goat Lab, que existe até hoje, é secreto. A maioria dos soldados que vivem e trabalham em Fort Bragg nem sequer sabe de sua existência. Os militares que não estão por dentro do assunto, disse Glenn, presumem que os prédios hospitalares de tábuas frágeis, datados da Segunda Guerra Mundial, situados em uma trilha não pavimentada em uma área arborizada, estão abandonados. Na verdade, eles estão cheios de cem cabras sem sangue.
As cabras não foram levadas secretamente para esses prédios apenas para que os Jedi

Os guerreiros podiam ficar olhando para eles. O Goat Lab foi originalmente criado como um laboratório clandestino para fornecer treinamento cirúrgico em campo para soldados das Forças Especiais. Durante essa fase mais convencional da vida das cabras, cada uma delas era levada para um bunker através de uma pesada porta de aço à prova de som e levava um tiro na perna com uma pistola de ferrolho. Em seguida, os estagiários das Forças Especiais levavam a cabra às pressas para uma sala de cirurgia, anestesiavam-na, faziam um curativo no ferimento e cuidavam dela até que recuperasse a saúde. O Goat Lab costumava se chamar Dog Lab, mas descobriu-se que ninguém queria fazer tudo isso com cachorros, então eles mudaram para cabras. Aparentemente, as Forças Especiais determinaram que era praticamente impossível criar um vínculo emocional com uma cabra. Na verdade, de acordo com a People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), as cabras têm sido historicamente uma porcentagem extraordinariamente grande dos cerca de um milhão de animais que são submetidos a experimentos secretos no exército dos EUA. A maior parte das atividades militares relacionadas a caprinos permanece altamente secreta, mas, de tempos em tempos, alguns detalhes são divulgados. Quando uma bomba atômica foi detonada n o céu perto do Atol de Bikini, no Pacífico Sul, em 1946, por exemplo, a maioria dos 4.000 animais que foram enviados pelos militares para flutuar sob a explosão em um barco conhecido como Arca Atômica eram cabras. Eles queriam ver como os animais s e sairiam com a precipitação radioativa. Eles se saíram mal.
Além disso, vários milhares de cabras estão sendo transformadas - em uma base da força aérea dos EUA - em uma estranha
em uma base da força aérea dos EUA - em um tipo estranho de híbrido de cabra e aranha. O "seda de aranha é realmente um biomaterial valioso que tem sido mantido longe da humanidade simplesmente porque, até agora, somente as aranhas podem produzi-lo", explicou um porta-voz da Força Aérea à CBC News no Canadá. Quando o gene da célula-aranha se tornar parte da composição genética da cabra, ela produzirá seda de aranha de forma muito econômica por muitos anos. A mágica está em seu leite. Um único grama dele produzirá milhares de metros de fio de seda que podem ser tecidos em coletes à prova de balas para as forças armadas do futuro".

E agora havia o trabalho realizado dentro do Goat Lab - os balidos, os disparos e assim por diante. Será que tudo isso, eu me perguntava, poderia explicar como um sargento-mor havia conseguido matar uma cabra só de olhar para ela? Talvez, antes de chegar à cabra, ela já estivesse em uma condição médica instável: algumas cabras estavam se recuperando de amputações; outras haviam sido cortadas, tiveram seus corações e rins examinados e foram fechadas novamente. Até mesmo as cabras mais afortunadas - as que haviam sido apenas baleadas - estavam presumivelmente mancando pelo Goat Lab em um silêncio assustador, com as pernas engessadas. Será que o sargento-chefe estava olhando para uma cabra particularmente doente? Mas Glenn Wheaton disse que não se lembrava de nada sobre a saúde da cabra em questão.

Como o sargento-mor ficou doente por ter parado seu coração? I
perguntei.

"Para gerar energia suficiente", respondeu Glenn, "para gerar força de intenção suficiente
intenção de danificar a cabra, ele se danificou. Tudo tem um custo, entende? Você paga o preço".

"Que parte dele foi danificada? perguntei.

"Seu coração".

"Huh", eu disse.

Houve um silêncio.

"*Você* pode parar o coração de uma cabra?

perguntei a Glenn. "Não", disse Glenn, assustado.

"Não! Não, não, não, não!

Glenn olhou ao seu redor, como se tivesse medo de que a própria pergunta pudesse implicá-lo no ato e colocá-lo nos livros ruins de alguma força espiritual invisível.

"Você simplesmente não *quer* fazer isso? perguntei. Você tem o poder de parar o coração de uma cabra?

"Não", disse Glenn. Acho que não tenho o poder de parar o coração de uma cabra. Acho que se alguém se treinasse para chegar a esse nível, teria de dizer: 'O que a cabra fez comigo? *Por que essa cabra?*".

"Então, quem atingiu esse nível? perguntei. Quem era o sargento-mestre?" "Seu nome", disse Glenn, "era Michael Echanis".

E isso, disse Glenn, era tudo o que ele sabia sobre o Goat Lab.

"Glenn", eu disse, "as cabras estão sendo encaradas mais uma vez depois do 11 de setembro? Glenn suspirou.

"Estou fora do exército", respondeu ele. Estou fora do circuito. Não sei mais do que você. Se eu telefonasse para as Forças Especiais, receberia a mesma resposta que eles dariam a você.

Que é o quê?

Eles não confirmaram nem negaram. A própria existência das cabras é secreta. Eles nem mesmo admitem que *têm* cabras".

Mais tarde, fiquei sabendo que esse era o motivo da remoção de sangue. Isso foi feito não porque os soldados das Forças Especiais precisavam aprender a cauterizar as cordas vocais do inimigo, mas porque as Forças Especiais estavam preocupadas com o fato de que uma centena de cabras que baliam na base poderia chamar a atenção da ASPCA local.

Glenn estava parecendo um pouco em pânico. "Isso é coisa de Black-Op", disse ele. "Para onde posso ir a partir daqui?", perguntei.

"Para lugar nenhum", disse Glenn. "Esqueça".

"Não posso esquecer", eu disse. É uma imagem que não consigo tirar de minha cabeça.

da cabeça".

"Esqueça!", disse Glenn. Esqueça o que eu disse sobre as cabras.

Mas eu não conseguia. Eu tinha muitas perguntas. Por exemplo, como tudo isso começou?

Será que as Forças Especiais haviam simplesmente roubado a ideia do General Stubblebine? Parecia possível, dada a linha do tempo que eu estava começando a montar. Talvez as Forças Especiais tenham fingido uma indiferença fria em relação à iniciativa do general, que explodiu em um coração animal, e depois instruíram Michael Echanis, quem quer que ele fosse, a começar a encarar.

Talvez eles simplesmente quisessem a glória para si mesmos, caso o ato de encarar um inimigo até a morte se tornasse uma ferramenta do arsenal militar dos EUA e mudasse o mundo para sempre.

Ou foi uma *coincidência!* Será que as Forças Especiais, sem o conhecimento do General Stubblebine, já estavam trabalhando com as cabras? A resposta a essa pergunta, na minha opinião, poderia fornecer alguns insights sobre a mente militar dos EUA. Esse é o tipo de ideia que

que as pessoas têm *rotineiramente* nesses círculos?

Depois que saí de Glenn Wheaton, tentei descobrir tudo o que podia sobre Michael Echanis. Ele nasceu em 1950, em Nampa, Idaho. Segundo um amigo de infância, a senhora que morava na rua abaixo da dele era "muito ranzinza", "então Michael explodiu o depósito de lenha dela".

Ele lutou no Vietnã por dois meses em 1970, período em que atirou em 29 pessoas - "mortes confirmadas" -, mas depois partes de seu pé e panturrilha foram arrancadas e ele foi enviado de volta para São Francisco, onde os médicos disseram que ele nunca mais voltaria a andar. Mas ele os confundiu e, em 1975, tornou-se o principal expoente da arte marcial coreana Hwa Rang Do nos EUA, ensinando técnicas como invisibilidade às Forças Especiais em Fort Bragg.

"Se você tiver que ficar perto de uma parede com tijolos horizontais, não fique na vertical", ele dizia a seus estagiários Boinas Verdes. Em uma árvore, tente se parecer com uma árvore. Em espaços abertos, dobre-se como uma pedra. Entre prédios, pareça um cano de conexão. Se você precisar passar por uma parede branca sem características, use um pedaço de tecido reversível. Segure um quadrado branco à sua frente enquanto você se move. Pense em preto. Esse é o nada".

Esse nada era importante para Echanis. Dentro desse nada, ele descobriu que podia matar. Um ex-colega de artes marciais de Echanis, chamado Bob Duggan, disse certa vez à revista *Black Belt* que considerava Echanis basicamente psicótico. Ele disse que Echanis estava sempre prestes a criar um caos, sempre pensando na morte e no processo da morte, e que esse traço de caráter havia se alojado na psique de Echanis por volta da época de suas vinte e nove mortes confirmadas no Vietnã e da subsequente explosão de seu pé.

"Olhe para os braços ou pernas do seu alvo", dizia Echanis a seus aprendizes de Boina Verde. 'Não olhe para os olhos dele até o último segundo. Você pode congelar uma pessoa ao fixá-la com seus olhos por uma fração de segundo. Eu me aproximo de uma pessoa sem olhar para ela e, de repente, olho atentamente para ela. Quando nossos olhos fazem contato, ele olha para mim. Naquela fração de segundo, seu corpo fica congelado, e é nesse momento que eu o atinjo. Você pode falar suavemente. Entre em um tom monótono. "Não, não vou esfaqueá-lo ou atacá-lo". Então faça isso. Se você estiver totalmente relaxado com os olhos, o corpo e a voz, a outra pessoa não perceberá que você está pronto para atacá-la".

Em meados da década de 1970, Echanis publicou um livro chamado *Knife Self-Defense for Combat*, que defendia de forma polêmica a técnica de saltar ruidosamente no ar e girar enquanto atacava um inimigo com uma faca. Essa abordagem foi aclamada por alguns aficionados da luta com facas, mas criticada por outros que acreditavam que o salto e o giro poderiam fazer com que a pessoa se esfaqueasse acidentalmente e que se deveria manter o trabalho de pés simples quando se está armado com uma faca.

Mesmo assim, os superpoderes de Echanis se tornaram lenda. Um ex-boina verde relembrou o fato na Internet:

Eu estava de boca aberta e de queixo caído. Observei quando ele se deitou em uma cama de pregos enquanto um estagiário quebrava um bloco de concreto em seu estômago com uma marreta, colocava raios de aço na pele do pescoço e dos antebraços e levantava baldes

de areia e, em seguida, os removeu sem sangramento e com pouquíssima evidência física de trauma, fez um cabo de guerra com uma dúzia de homens que não conseguiram movê-lo nem um centímetro, e até hipnotizou algumas das pessoas presentes. Os Boinas Verdes eram jogados de um lado para o outro como bonecos de pano. A dor que ele conseguia infligir era surreal. Ele podia ferir alguém gravemente com um dedo. Mike, você não foi esquecido. A faca que você me deu está ao lado da minha boina. Você temperou minha alma para a vida. Deus abençoe Mike Echanis!

Echanis passou algum tempo como editor de artes marciais da revista *Soldier of Fortune*
o "jornal dos aventureiros profissionais". Ele se tornou uma espécie de garoto-propaganda dos mercenários americanos, literalmente, na verdade, porque aparecia com frequência como estrela da capa da *Soldier of Fortune* e da *Black Belt*. Se você encontrar uma fotografia da década de 1970 de um mercenário americano bonito e magro, com bigode em forma de guidão, deitado, vigilante e armado em um terreno de selva, vestindo caqui e uma bandana e segurando uma faca com uma borda serrilhada cruel, é provável que seja Michael Echanis. Tudo isso o tornou ainda mais famoso, o que não é uma boa estratégia para um mercenário, e possivelmente levou à sua morte misteriosa aos vinte e oito anos de idade.

Existem várias versões de como Echanis morreu.
O que é certo é que isso aconteceu na Nicarágua, onde ele havia se relacionado, em uma capacidade profissional, com o então ditador Anastasio Somoza. Alguns relatos dizem que foi a CIA que intermediou o encontro entre os dois homens e que a agência deu a Echanis um orçamento de US$ 5 milhões para ensinar técnicas esotéricas de artes marciais à Guarda Presidencial de Somoza e aos comandos antissandinistas.

Echanis disse a um biógrafo de Somoza que a razão pela qual ele adorava estar na Nicarágua era que, nos EUA, era muito difícil andar na rua e entrar em uma briga. Mas na Nicarágua, disse ele, ele podia se envolver em brigas quase todos os dias.

Pode-se argumentar que o fato de ter sido pago por Somoza para ajudar a esmagar a insurreição camponesa não foi nada heroico, mas os fãs de Echanis me disseram, quando lhes perguntei, que isso tornou a coragem de Echanis ainda mais notável, já que o povo americano não era exatamente apaixonado por Somoza e a imprensa "transformou os sandinistas em santos".

Uma versão dos eventos que envolveram a morte de Echanis é a seguinte: Echanis e alguns outros mercenários estavam em um helicóptero, a caminho de perpetrar algum horror inspirado em Somoza. O helicóptero explodiu, seja como resultado de uma bomba colocada por rebeldes anti-Somoza, seja porque os passageiros estavam brincando com granadas e uma delas explodiu, e todos a bordo morreram.

Na outra versão, que me foi contada pelo mestre de artes marciais Pete Brusso, que ensina na Base de Treinamento dos Fuzileiros Navais de Camp Pendleton, em San Diego, Echanis não estava em um helicóptero. Ele estava no chão, agindo como se fosse grande demais para suas botas em relação a seus poderes sobre-humanos.

Ele costumava deixar os jipes passarem por cima dele", explicou Pete Brusso. As Forças Especiais pegavam um jipe, ele se deitava no chão e o jipe passava lentamente sobre ele. Isso não é muito difícil de fazer. Um jipe de dois mil e quinhentos quilos, quatro

rodas, você divide isso por quatro. Se ela passar devagar o suficiente sobre você, o corpo pode praticamente aguentar. Mas se você atingir o corpo com qualquer velocidade, terá um choque de energia cinética".

Pete disse que Echanis desafiou alguns colegas mercenários a passar por cima dele para que ele pudesse provar que sua reputação de temível era justificada.

Bem, quem estava dirigindo o jipe não percebeu que deveria reduzir a velocidade", disse Pete Brusso. "Ops!", ele riu. 'Sim, então ele sofreu ferimentos internos e morreu. Foi o que ouvi dizer.

Você acha que depois eles inventaram a história do helicóptero para poupar a vergonha de todos e possíveis recriminações legais? perguntei.

"Pode ser", disse Pete Brusso.

Mas em nenhuma das histórias que li ou ouvi sobre Michael Echanis encontrei qualquer referência a ele matando uma cabra só de olhar para ela e, portanto, fiquei em um beco sem saída com relação ao Goat Lab.

Estranhamente, de fato, sempre que eu abordava o assunto do olhar de cabra em minhas trocas de e-mail com antigos amigos e associados de Echanis, eles imediatamente, em todas as ocasiões, paravam de me responder. Comecei a pensar que talvez eles achassem que eu estava louco. Foi por isso que, depois de algum tempo, comecei a evitar palavras que pareciam malucas, como "cabra", "encarar" e "morte" e, em vez disso, fiz perguntas como: "Por acaso você sabe se o Michael esteve ou não envolvido em alguma tentativa de influenciar o gado de longe?

Mas, mesmo assim, as trocas de e-mails foram interrompidas abruptamente. Talvez eu tivesse, de fato, tropeçado em um segredo tão sensível que ninguém queria admitir que tinha conhecimento dele.

Então, liguei novamente para Glenn Wheaton.

"Apenas me diga de quem foi a ideia original de encarar a cabra", eu disse. Diga-me isso".

Glenn suspirou. Ele disse um nome.

Nos meses seguintes, outros ex-Jedi Warriors me deram a mesma resposta. nome. Ele sempre aparecia. É um nome que poucas pessoas fora do exército já ouviram. Mas foi esse homem que inspirou os Jedi Warriors a fazer o que fizeram. Na verdade, esse único homem, armado com uma paixão pelo ocultismo e uma crença em poderes sobre-humanos, teve um impacto profundo e até então não registrado em quase todos os aspectos da vida do exército dos EUA. A tentativa frustrada do General Stubblebine de atravessar sua parede foi inspirada por esse homem, assim como - no outro extremo da escala de sigilo - o famoso slogan de recrutamento do exército dos EUA na TV, "Be All You Can Be".

Você está buscando no fundo de si
mesmo coisas que nunca conheceu.
Seja tudo o que você pode ser
Você pode fazer isso no Exército.

Esse slogan já foi considerado pela revista *Advertising Age* como o segundo jingle mais eficaz na história dos comerciais de televisão dos EUA (o vencedor foi 'You deserve a break today, so get up and get away, to

McDonald's"). Ele tocou a alma Reaganite dos universitários formados nos Estados Unidos na década de 1980. Quem poderia imaginar que o soldado que ajudou a inspirar o jingle tinha uma ideia tão fabulosa do que "All You Can Be" poderia incluir?

Embora esse homem tivesse a mais gentil das intenções e pensamentos de paz, ele também foi, eu descobriria mais tarde, a inspiração por trás de uma forma de tortura realmente bizarra realizada pelas forças dos EUA no Iraque em maio de 2003. Essa tortura não ocorreu na prisão de Abu Ghraib, onde detentos iraquianos nus eram forçados a se masturbar e simular sexo oral uns com os outros. Em vez disso, ocorreu dentro de um contêiner de transporte atrás de uma estação ferroviária desativada na pequena cidade de al-Qa'im, na fronteira com a Síria. Foi realmente tão horrível, à sua maneira, quanto as atrocidades de Abu Ghraib, mas como não foram tiradas fotos e porque envolveu Barney, o dinossauro roxo, não foi recebido com a mesma cobertura geral nem com a repulsa universal.

Todas essas coisas, o olhar de bode e muito mais foram inspirados por um tenente-coronel chamado Jim Channon.

3. O PRIMEIRO BATALHÃO TERRESTRE

Era uma manhã de sábado no inverno e o tenente-coronel Jim Channon (aposentado) estava passeando pelo terreno de sua vasta propriedade - que se estende por grande parte do topo de uma colina no Havaí - gritando acima do vento: "Bem-vindo ao meu jardim secreto, minha propriedade ecológica". Morango fresco? Não há nada como comer algo que acabou de viver. Se os navios pararem de chegar, se a história desaparecer e o mundo nos esmagar até a morte, eu me alimentarei. Eu convido o vento! O vento virá se você pedir. Você acredita nisso? Venha até minha figueira-de-bengala. Venha por aqui!

"Estou indo! eu disse.

A figueira-de-bengala estava dividida ao meio e um caminho tortuoso de paralelepípedos serpenteava entre as raízes.

"Se quiser passar por esses portões", disse Jim, "você deve ser parte místico e parte visionário e, portanto, capaz de criar sua melhor lista de compras. Portanto, seja bem-vindo ao meu santuário, onde cuido de minhas feridas e sonho com um serviço melhor.

"Por que você é tão diferente da minha imagem mental de um tenente-coronel do exército americano?

Jim pensou sobre isso. Ele passou a mão em seus longos cabelos prateados. Depois disse: "Porque você não conheceu muitos de nós".

Este é o Jim agora. Mas não era o Jim do Vietnã. As fotos dele naquela época mostram um jovem bem cuidado em uniforme militar, usando um distintivo com o formato de um rifle cercado por uma coroa de flores. Jim ainda tem o distintivo. Ele o mostrou para mim.

"O que significa?", perguntei a ele.

"Significa trinta dias em condições de combate", disse ele.

Em seguida, fez uma pausa, apontou para o distintivo e disse: "*Isso* é coisa de verdade". Jim consegue se lembrar exatamente como tudo começou, o momento exato que

desencadeou tudo isso. Era seu primeiro dia de combate no Vietnã e ele se viu voando em um dos 400 helicópteros, sobrevoando o rio Song Dong Nai, em direção a um lugar conhecido por ele como Zona de Guerra D. Eles pousaram entre os corpos dos americanos que não haviam conseguido capturar a Zona de Guerra D quatro dias antes.

Os soldados", disse Jim, "foram cozidos ao sol e dispostos como uma parede".

parede".

Jim sentiu o cheiro dos corpos e, naquele instante, seu olfato se desligou. Ele recuperou-a algumas semanas depois.

Um soldado americano à direita de Jim saltou de seu helicóptero e imediatamente começou a disparar descontroladamente. Jim gritou para que ele parasse, mas o soldado não o ouviu. Então Jim pulou em cima dele e o derrubou no chão.

Jesus, pensou Jim.

E então um franco-atirador disparou um único tiro de algum lugar contra o pelotão de Jim.

Todos ficaram ali parados. O atirador disparou novamente, e os americanos começaram a correr em direção à única palmeira à vista. Jim estava correndo tão rápido que acabou batendo de cara na palmeira. Ele ouviu alguém atrás dele gritar: "VC de pijama preto a cem metros".

Cerca de vinte segundos depois, Jim pensou consigo mesmo: "*Por que ninguém está atirando? O que eles estão esperando? Eles não podem estar esperando que eu os* instrua *a atirar, podem?*

Tirem-no daqui!", gritou Jim.

Assim, os soldados começaram a atirar e, quando terminou, uma pequena equipe foi à frente para encontrar o corpo. Mas, apesar de todo o tiroteio, eles não conseguiram acertar o atirador.

Como isso aconteceu?

Então um soldado gritou: "É uma mulher!

Que merda, pensou Jim. *Como vamos lidar com isso?*

Momentos depois, o atirador matou um dos soldados de Jim com uma bala nos pulmões. Seu nome era Soldado de Primeira Classe Shaw.

"No Vietnã", disse Jim, "eu me sentia como borracha de pneu. Os políticos simplesmente me ignoravam. Tive de escrever as cartas para as mães e os pais dos soldados que morreram em minha unidade".

E quando ele voltou para os Estados Unidos, seu trabalho era dirigir até o campo para encontrar esses pais e entregar-lhes citações e os pertences pessoais de seus filhos mortos. Foi durante essas longas viagens que Jim relembrou em sua mente os momentos que levaram à morte do Soldado de Primeira Classe Shaw.

Jim havia gritado para que seus soldados matassem o atirador, e todos eles, como um só, e com cada tiro, dispararam para o alto.

Isso passou a ser entendido como uma reação comum quando novos soldados atiram em humanos", disse Jim. Não é natural atirar em pessoas".

(O que Jim viu coincidiu com estudos realizados após a Segunda Guerra Mundial pelo historiador militar General S.L.A. Marshall. Ele entrevistou milhares de soldados de infantaria americanos e concluiu que apenas 15% a 20% deles haviam

realmente atiraram para matar. O restante havia atirado alto ou não havia atirado, ocupando-se de qualquer outra coisa que pudesse.

E 98% dos soldados que *atiraram* para matar foram posteriormente considerados profundamente traumatizados por suas ações. Os outros 2% foram diagnosticados como "personalidades psicopáticas agressivas", que basicamente não se importavam em matar pessoas em nenhuma circunstância, no país ou no exterior.

A conclusão - nas palavras do tenente-coronel Dave Grossman, do Killology Research Group - foi: "há algo no combate contínuo e inevitável que deixa 98% dos homens loucos, e os outros 2% já estavam loucos quando chegaram lá").

Durante algum tempo após o Vietnã, Jim sofreu de depressão; ele descobriu que não conseguia ver sua filha nascer. Ele não conseguia ver nada que o lembrasse da dor. As parteiras do hospital acharam que ele estava louco porque esse tipo de coisa não havia sido explicado na mídia. Foi de partir o coração para Jim perceber que o soldado Shaw havia morrido porque seus colegas soldados eram impulsivamente destemidos e bondosos, e não as máquinas de matar que o exército queria que fossem.

Jim me levou para sua casa. Parecia pertencer a algum mago benevolente de um romance de fantasia; estava repleta de arte budista, pinturas de olhos que tudo veem no topo de pirâmides e assim por diante.

O tipo de pessoa atraída pelo serviço militar tem muita dificuldade em ser... astuto. Sofremos no Vietnã por não sermos astutos. Simplesmente nos apresentamos em nossa retidão e levamos um tiro na bunda. Talvez você consiga alguma astúcia em outros órgãos do governo americano, mas será difícil encontrá-la no exército".

E foi assim que, em 1977, Jim escreveu para o tenente-general Walter T. Kerwin, vice-chefe do Estado-Maior do Exército no Pentágono. Ele escreveu que queria que o exército aprendesse a ser mais astuto. Ele queria ir em uma missão de descoberta de fatos. Ele não sabia onde. Mas queria aprender a ser astuto. O Pentágono concordou em pagar o salário e as despesas de Jim durante a viagem. Jim entrou em seu carro e começou a dirigir.

Steven Halpern é o compositor de uma série de CDs de meditação e subliminares, vendidos pela Internet, com títulos como *Achieving Your Ideal Weight* ("Reproduza este programa durante as refeições. Você mastiga sua comida lentamente. Você ama e aceita seu corpo plenamente."), *Nurturing Your Inner Child* ("Você libera qualquer ressentimento ou mágoa em relação a seus pais por não atenderem às suas necessidades.") e *Enhancing Intimacy* ("Seu corpo sabe exatamente onde me tocar. Você adora me abraçar e me acariciar.").

"Há mais de 25 anos", diz o site de Steven, "sua música tem tocado a vida de milhões de pessoas e é usada em lares, centros de ioga e massagem, hospícios e escritórios de negócios inovadores em todo o mundo".

Foi no início da carreira de Steven, em 1978, em uma conferência da Nova Era na Califórnia, que ele conheceu Jim Channon. Jim disse que queria, de alguma forma, usar a música de Steven para tornar o soldado americano mais pacífico, e também esperava usar a música de Steven no campo de batalha para fazer com que o inimigo se sentisse mais

mais pacífico também.

O pensamento imediato de Steven foi: "*Não quero estar em uma lista*". "Às vezes você acaba em uma lista, entende?", disse Steven. Eles monitoram suas atividades. Quem era esse cara? Ele estava se passando por alguém que queria aprender as coisas boas, mas estava planejando usá-las contra mim?

Fiquei impressionado com a vivacidade com que Steven se lembrou de seu encontro com Jim. Steven explicou que isso se deve ao fato de que as pessoas que trabalham no campo da música ambiente não são abordadas pelos militares com muita frequência. Além disso, Jim parecia ter um bom comportamento em termos de paz interior. Jim era muito carismático. E, de qualquer forma, Steven acrescentou, eram tempos de paranoia. Tínhamos acabado de sair do Vietnã", disse ele. Descobriu-se que alguns dos mais violentos agitadores contra a guerra eram agentes duplos. O mesmo acontecia com a comunidade OVNI".

"A comunidade OVNI? Eu disse. Por que os espiões do governo iriam querer se infiltrar nela?

"Oh, Jon", disse Steven. Não seja ingênuo.

"Mas por quê? Eu perguntei.

"Todo mundo ficava de olho em todo mundo", disse Steven. Ficou tão paranoico que os palestrantes de OVNIs começavam pedindo a todos os espiões do governo que se levantassem e se identificassem. Quanto mais você sabe, mais você não sabe, entende? Enfim, havia muita paranoia. E então apareceu um cara dizendo que era do exército e que queria saber mais sobre minha música, e esse era Jim Channon".

"Por que você acha que ele o procurou em particular? perguntei. Alguém disse uma vez que minha música permite que as pessoas tenham uma experiência espiritual

experiência espiritual sem nomeá-la", respondeu Steven. Acho que foi isso. Ele disse que precisava convencer os militares mais graduados, os mais altos escalões. São pessoas que nunca conheceram um estado meditativo. Acho que ele queria convencê-las a entrar nele sem *dizer o nome*".

Ou talvez ele quisesse hipnotizar seus líderes com sons subliminares", eu disse.

eu

disse "Talvez sim", disse Steven. São coisas muito poderosas.

. Steven me contou um pouco sobre o poder dos sons subliminares. Certa vez, ele disse, uma igreja evangélica americana fez com que a congregação ouvisse sons silenciosos durante os hinos. No final do culto, eles descobriram que suas doações haviam triplicado.

"Vantagem tática, está vendo?", disse Steven. "Quer saber por que as igrejas evangélicas estão ganhando tanto dinheiro enquanto as igrejas normais estão falindo? Talvez essa seja sua resposta".

E recentemente, acrescentou, ele visitou o escritório de um amigo. Assim que entrei, me senti irritado. Eu disse: 'Seu escritório está me deixando irritado'. Ele disse: 'Essa é a minha nova fita subliminar de eficiência máxima'. Eu disse: "Bem, tire-a". Steven fez uma pausa. "Percebi imediatamente", disse ele, "porque estou sintonizado. Mas a maioria das pessoas não está".

Steven contou a Jim Channon sobre o poder dos sons subliminares também, Jim agradeceu e foi embora. Eles nunca mais se encontraram.

"Isso foi há vinte e cinco anos", disse Steven. Mas eu me lembro como se fosse ontem. Jim parecia uma alma tão gentil". Steven ficou em silêncio por um momento. Depois disse: "Sabe de uma coisa? Agora que penso no passado, não sei se cheguei a perguntar a ele o que planejava fazer com todas aquelas informações".

Quase todas as pessoas que Jim visitou durante sua jornada de dois anos eram, como Steven Halpern, californianas. Ao todo, Jim visitou 150 organizações da Nova Era, como o Biofeedback Center of Berkeley, o Integral Chuan Institute ("Assim como o botão de uma flor contém dentro de si a forma inata da flor perfeita, todos nós também temos dentro de nós a forma inata de nossa própria perfeição"), o Fat Liberation ("Você PODE perder peso!'), Beyond Jogging (Além da corrida) e, no Maine, a Gentle Wind 'World Healing Organization' (Organização Mundial de Cura Gentle Wind) ('Se você frequentou uma escola nos Estados Unidos ou em um país com práticas educacionais semelhantes antes dos dez ou doze anos de idade, você sofreu graves danos mentais e emocionais... A tecnologia de cura Gentle Wind pode ajudar').

A Gentle Wind presumivelmente ofereceu a Jim, como ofereceu a todos que passaram por seus portões, seus Instrumentos de Cura, cujos ingredientes mágicos sempre foram um segredo bem guardado, embora uma pista oferecida pela empresa seja que eles são derivados "do Mundo Espiritual, não do mundo humano".
Imagine algo que se pareça com uma barra grande de sabonete branco pintado para parecer uma placa de circuito de computador. Essa é a Healing Bar 1.3 da Gentle Wind, "Doação solicitada: US$ 7.600". Embora seja cara, ela "representa a nova vanguarda da tecnologia de cura, superando significativamente o Rainbow Puck III e IV e inclui "um mínimo de 6-60 Mhz de deslocamento temporal combinado com milhões de modificações etéricas predefinidas".

O material publicitário da Gentle Wind assegura aos compradores em potencial e aos recrutas da empresa que "Não há Messias aqui... NÃO HÁ MESSIAS no Projeto Gentle Wind. Por favor, não perca seu tempo procurando por nenhum. Não há nenhum aqui".

No entanto, alguns ex-membros alegaram para mim que o principal guru do Gentle Wind, John Miller, ordenou nos últimos anos que toda a sua equipe fizesse a dieta Atkins e se vestisse apenas de bege, e que o misterioso ingrediente do mundo espiritual incorporado em suas Barras de Cura é, na verdade, sexo grupal. O cenário alegado é aparentemente mais ou menos assim: John Miller se aproxima de uma funcionária e diz - e estou parafraseando, com base em alegações feitas a mim por ex-membros do grupo - "Parabéns. Você foi selecionada pelo mundo espiritual para participar de nosso trabalho de energia ultrassecreto. Não conte ao seu marido, pois ele não entenderia o trabalho de energia".

Ela é então levada ao quarto de John Miller, faz sexo com ele e com várias outras mulheres selecionadas e, no momento em que termina, John Miller diz: 'Rápido. Construa um Healing Bar". O Gentle Wind está contestando essas alegações e, em 2004, abriu um processo contra os ex-membros que as fizeram.

Uma avaliação de cliente da Gentle Wind - de um casal de Bristol - diz: "Notamos melhoras notáveis em nossa gata Moya, que praticamente mudou da noite para o dia, de uma gata de resgate tímida e neurótica para uma aventureira amigável e confiante depois que usamos um dos instrumentos de cura da Gentle Wind nela".

Outro cliente, no entanto, observou: "No início, fiquei satisfeito com o fato de o dispositivo ter um efeito perceptível em minha aura [mas quando o coloquei na etiqueta marcada como tranquilidade], ele me fez sentir interiormente indiferente à experiência. Para encurtar a história, tenho usado os Harmonizadores Universais da Equilibria nos últimos cinco meses e agora me sinto muito eu mesmo novamente".

A Gentle Wind afirma que mais de 6 milhões de pessoas em mais de 150 países em todo o mundo já usaram seus produtos. Eles também me disseram que não se lembram de ter conhecido Jim, e que talvez tenha sido um Gentle Wind diferente que ele encontrou durante sua odisseia financiada pelo Pentágono. Eles podem estar certos, mas não consegui encontrar outro Gentle Wind operando dentro do movimento New Age ou Human Potential naquela época.

Jim Channon também não se lembrava de muita coisa sobre o Gentle Wind, embora o grupo deva ter causado impacto nele, pois ele fez uma menção especial a eles no relatório confidencial que preparou posteriormente para o Pentágono.

Jim passou por sessões de renascimento reichiano, luta de braço primordial, que era uma luta de braço regular acompanhada de gritos guturais, e sessões de encontros nus em banheiras de hidromassagem no Esalen Institute for the Advancement of Human Potential, em Big Sur, onde foi aconselhado pelo fundador do Esalen, Michael Murphy, o homem a quem se atribui a invenção do movimento da Nova Era. Em nenhum momento Jim revelou aos terapeutas e gurus que conheceu como imaginava que suas técnicas poderiam ser adaptadas para ensinar o soldado americano a ser mais astuto.

Jim escreveu em seu diário na época: "Em geral, passam-se dez anos antes que os valores desenvolvidos em Los Angeles cheguem à zona rural do Arkansas. O que está sendo desenvolvido hoje na costa será o conjunto de valores nacionais daqui a dez anos".

Foi assim que Jim visualizou a América dos anos 803: o governo não teria mais uma "visão exploradora dos recursos naturais". Em vez disso, sua ênfase seria na "conservação e sanidade ecológica". O sistema econômico deixaria de "promover o consumo a todo custo". Ele não seria nem agressivo nem competitivo.

Esse, profetizou Jim, era o novo sistema de valores, pronto para varrer os Estados Unidos.

Jim precisava acreditar que tudo isso aconteceria. Ele estava trabalhando para o que seu então chefe de gabinete, o general Edward Meyer, havia chamado de "exército oco". Esse era um termo que Meyer havia criado para descrever o estado de espírito militar pós-Vietnã. Não eram apenas os veteranos que sofriam de depressão pós-combate e estresse pós-traumático. O exército, como uma entidade, estava traumatizado, melancólico e sofrendo de um complexo de inferioridade incapacitante. Os orçamentos estavam sendo cortados em todos os lugares. O recrutamento havia sido abolido e o exército não era uma opção de carreira atraente para os jovens americanos. As coisas estavam em um estado realmente ruim. Jim se via como uma possível fênix da Nova Era, ressurgindo das cinzas para trazer alegria e esperança ao exército e ao país que ele tanto amava.

"O papel dos Estados Unidos", escreveu Jim, "é conduzir o mundo ao paraíso".

Jim voltou de sua viagem em 1979 e escreveu um documento confidencial

para seus superiores. A primeira linha dizia: "O exército dos EUA não tem nenhuma alternativa séria a não ser ser maravilhoso".

Um aviso de isenção de responsabilidade na parte inferior dizia: "[Isso] não constitui uma posição oficial do exército até o momento".

Esse era o *Manual de Operações* do *Primeiro Batalhão Terrestre* de Jim Channon.

O manual era uma mistura de 125 páginas de desenhos, gráficos, mapas, ensaios polêmicos e reformulações ponto a ponto de todos os aspectos da vida militar. No First Earth Battalion (Primeiro Batalhão da Terra) de Jim Channon, o novo uniforme de campo de batalha incluiria bolsas para reguladores de ginseng, ferramentas de adivinhação, alimentos para melhorar a visão noturna e um alto-falante que emitiria automaticamente "música indígena e palavras de paz".

Os soldados levariam consigo para países hostis "animais simbólicos", como cordeiros bebês. Eles seriam embalados nos braços dos soldados. Os soldados aprenderiam a cumprimentar as pessoas com "olhos brilhantes". Em seguida, eles colocavam os cordeiros no chão com cuidado e davam ao inimigo "um abraço automático".

SPECIAL_IMAGE-p%3e%0a%3cblockquote%3e%0a%3cp%20class%3d-REPLACE_ME …se apaixonar por todos, sentir auras de plantas, organizar um plantio de árvores com crianças, obter o poder de atravessar objetos como paredes, dobrar metal com a mente, andar sobre o fogo, calcular mais rápido do que um computador, parar o próprio coração sem efeitos nocivos, ver o futuro, ter experiências fora do corpo, viver da natureza por vinte dias, ser 90% ou mais vegetariano, ter a capacidade de massagear e limpar o cólon, parar de usar clichês sem sentido, ficar sozinho à noite e ser capaz de ouvir e ver os pensamentos de outras pessoas.

Agora, tudo o que Jim precisava fazer era vender essas ideias para os militares.

Acho que Jim Channon é um homem rico. Ele certamente possui praticamente uma encosta inteira no Havaí, com um anfiteatro, um vilarejo de anexos, yurts e gazebos. Atualmente, ele faz para as empresas o que fez para o exército: faz com que seus funcionários acreditem que podem atravessar paredes e mudar o mundo, e faz isso fazendo com que essas coisas pareçam comuns.

"Você acredita honestamente", perguntei a Jim em um momento durante nosso dia juntos, "que alguém pode atingir um nível tão alto de monarquia guerreira que pode realmente se tornar invisível e atravessar paredes?

Jim deu de ombros.

Jim deu de ombros. "Sabe-se que as mulheres são capazes de levantar um automóvel sozinhas quando seus filhos estão embaixo dele", disse ele. Por que não esperar o mesmo de um Monge Guerreiro?

Jim me disse - assim como disse a seus comandantes em 1979 - que o monge guerreiro poderia parecer um novo protótipo militar maluco, mas seria mais maluco do que os protótipos antigos, como cowboy ou jogador de futebol?

"Um monge guerreiro", disse Jim, "é alguém que tem a presença do monge, o serviço e a dedicação do monge e a habilidade e a precisão absolutas do guerreiro".

Ele disse isso a seus comandantes no clube de oficiais em Fort Knox, na primavera de 1979. Ele havia chegado lá algumas horas antes e arrastado o máximo de vasos de plantas que conseguiu encontrar na base. Ele as organizou em um círculo, uma

uma "pseudofloresta". No centro do círculo, acendeu uma única vela.

Quando os comandantes chegaram, ele lhes disse: "Para começar a cerimônia, senhores, vamos fazer um mantra. Respirem fundo e, quando soltarem o ar, façam o som de *"Eeeeeeee*".

Nesse momento", Jim me contou, "eles riram. Alguns deles deram uma risadinha, um pouco envergonhados. Então eu pude dizer: '*Com licença*! Vocês receberam um conjunto de instruções e espero que elas sejam executadas em alto nível'. Está vendo? Estou entrando em contato direto com a mentalidade militar. Na segunda vez que fizemos isso, o local se unificou".

E então Jim começou seu discurso. Ele disse: "Senhores, é uma grande honra tê-los neste lugar de santuário onde podemos curar nossas feridas e sonhar com um serviço melhor. Juntos, com todos os outros exércitos do mundo, daremos a volta por cima, e poderá nascer uma nova civilização que não conhece fronteiras, mas sabe melhor como viver no jardim e sabe que estamos a um pensamento do paraíso".

Os comandantes não estavam mais rindo. Na verdade, Jim percebeu que alguns estavam quase chorando. Assim como Jim, eles haviam sido esmagados por suas experiências no Vietnã. Jim estava falando para generais de quatro estrelas, major-generais, generais de brigada e coronéis - "*as* pessoas mais importantes" - e ele os cativou. De fato, um dos coronéis presentes, Mike Malone, ficou tão emocionado que se levantou e gritou: "Eu sou o homem da tainha!

Percebendo as expressões de perplexidade nos rostos de seus colegas comandantes militares, ele esclareceu. 'Eu defendo a causa da tainha porque ela é um peixe de classe baixa. Ele é simples. É honesto. Ele se movimenta em grandes formações e colunas. Ele faz quase todo o trabalho. Mas ele também é *nobre*. Ele é como outra coisa nobre que eu já amei, chamada 'soldado'".

Jim continuou seu discurso: "A única vez que os óculos cor-de-rosa não funcionam é quando você os tira", disse ele. "Portanto, juntem-se a mim nesta visão de sermos *tudo o* que podemos ser, pois este é o lugar onde o Primeiro Batalhão da Terra começa. Este é o lugar onde você tem o direito de pensar o impensável, de sonhar o impossível. Você sabe que estamos aqui para criar o mais poderoso conjunto de ferramentas para o indivíduo e sua equipe, pois essa é a diferença entre onde o soldado americano está hoje e onde ele precisa estar para sobreviver no campo de batalha do futuro".

"Você sabe do que se trata essa história? perguntou-me Jim, em seu jardim no Havaí. 'É a história da criatividade de uma instituição que você esperaria que fosse a *última* a abrir a porta para as realidades maiores. Porque você sabe o que aconteceu depois?

"O quê? Perguntei.

Fui imediatamente nomeado Comandante do Primeiro Batalhão da Terra".

O aviso de isenção de responsabilidade no final do *Manual de Operações* de Jim dizia que essa não era a posição oficial do exército dos Estados Unidos. No entanto, poucas semanas após sua publicação, soldados de todo o exército começaram a tentar seriamente implementar suas ideias.

Em algum lugar em um shopping center no coração do Vale do Silício há um prédio que

parece um armazém abandonado há muito tempo e totalmente sem distinção. No entanto, de tempos em tempos, ônibus cheios de turistas aparecem para fotografar o exterior, porque esse é o prédio onde o Vale do Silício começou. Começou como um armazém de damasco, mas depois o professor William Shockley mudou-se para lá e co-inventou o transistor, cultivou cristais de silício na sala dos fundos e ganhou o Prêmio Nobel por seu trabalho em 1956.

No final da década de 1970, esse prédio - 391 San Antonio Road - tinha um novo proprietário chamado Dr. Jim Hardt. Ele foi tão pioneiro em seu campo quanto Shockley, tão visionário quanto ele, mas sua ciência era, e continua sendo, um pouco mais estranha.

O Dr. Hardt ainda trabalha aqui, cobrando dos civis US$ 14.000 por um retiro de treinamento cerebral de uma semana - "Mencione a palavra-chave 'hemi-coerente' e ganhe um desconto de US$ 500!", diz o pacote de publicidade - em uma série de pequenos escritórios nos fundos. Eles são escuros, iluminados apenas com luz roxa fluorescente, os relógios não têm ponteiros e o local me lembrou um pouco o passeio Twilight Zone Tower of Terror da Disney World.

Passei a acreditar que Michael Echanis não era, afinal de contas, o lendário "goat starer". Eu havia decidido que Glenn Wheaton estava enganado, seduzido pela lenda de Echanis, e que se tratava de outro guerreiro Jedi. Talvez o Dr. Hardt possa dar a resposta, pois foi ele quem reajustou os cérebros dos Guerreiros Jedi no final da década de 1970 e os levou a um nível de iluminação espiritual no qual encarar uma cabra até a morte era, aparentemente, possível.

O Dr. Hardt sentou-se comigo e me contou a história de suas aventuras "fascinantes, porém um tanto melodramáticas" com as Forças Especiais.

Tudo começou com a visita de um coronel chamado John Alexander, que apareceu um dia na porta da casa de Jim Hardt com alguns outros militares. O Coronel Alexander havia procurado o Dr. Hardt, pois havia ficado muito emocionado com o *Manual de Operações* do *Primeiro Batalhão Terrestre* de Jim Channon. Ele queria saber se o Dr. Hardt podia realmente transformar soldados comuns em mestres zen avançados em apenas sete dias e dar a eles o poder da telepatia simplesmente conectando-os à sua máquina cerebral.

O Dr. Hardt disse que isso era de fato verdade e, assim, a busca para criar um s u p e r s o l d a d o , um soldado com poderes sobrenaturais, foi iniciada aqui mesmo neste prédio no Vale do Silício.

O coronel disse a Jim Hardt que as Forças Especiais, desde a publicação do manual de Jim, convidaram um guru de desempenho máximo após o outro dos movimentos de Nova Era e Potencial Humano da Califórnia para dar palestras aos soldados sobre como se sintonizarem mais com seus espíritos internos, e assim por diante, mas n ã o houve sucesso. Os gurus eram rotineiramente recebidos com vaias, xingamentos e bocejos teatrais pelas Forças Especiais.

Agora, o Coronel Alexander queria saber se o Dr. Hardt estaria disposto a fazer uma tentativa. Ele levaria sua máquina portátil de treinamento cerebral para Fort Bragg?

Jim Hardt me mostrou a máquina. Você coloca eletrodos em sua cabeça e suas ondas alfa são alimentadas em um computador. Os botões são ajustados e suas ondas alfa são sintonizadas. Quando isso é alcançado, seu QI é aumentado em doze pontos e você alcança sem esforço um nível espiritual que só pode ser atingido de forma incomum

por meio de uma vida inteira de estudo diligente de técnicas zen. Se duas pessoas estiverem presas à máquina simultaneamente, elas poderão ler a mente uma da outra.

O Dr. Hardt explicou tudo isso ao Coronel Alexander e se ofereceu para fazer uma demonstração, mas o Coronel Alexander recusou. Ele disse que havia muitas informações militares confidenciais armazenadas em seu cérebro e que não poderia correr o risco de revelá-las telepaticamente à Dra. Hardt.

O Dr. Hardt disse que entendia.

O Coronel Alexander sentiu-se obrigado a dizer à Dra. Hardt que as Forças Especiais eram realmente muito hostis a toda essa ideia, que consideravam uma bobagem. Na verdade, elas seriam "incontroláveis" e se recusariam a "ficar quietas e ouvir".

Nesse caso, respondeu o Dr. Hardt, ele só aceitaria o desafio se os soldados fossem enviados primeiro para um retiro de meditação de um mês.

"Bem", disse-me agora a Dra. Hardt. Em primeiro lugar, eles não o chamariam de *retiro* de meditação, porque retiro é uma palavra proibida no exército. Então, foi chamado d e *acampamento de* meditação. E foi *um enorme* fracasso".

"Como assim? perguntei.

Os soldados realmente *brigavam* uns com os outros no ambiente de meditação", disse ele. "Eles brigavam por tédio".

E assim, quando a Dra. Hardt chegou a Fort Bragg, as Forças Especiais ainda estavam "extremamente hostis", culpando a Dra. Hardt pelo mês de meditação forçada, que eles consideravam "uma bobagem" e "uma perda de tempo".

O pequeno, magro e delicado Dr. Hardt examinou ansiosamente os soldados hostis e, em seguida, prendeu gentilmente os eletrodos em suas cabeças e também na dele. Ele ligou o computador de treinamento cerebral de ondas alfa e a sintonia começou.

E, de repente", disse Jim Hardt, "uma lágrima saiu do meu olho, rolou pelo meu rosto e respingou na minha gravata".

Uma lágrima quase se formou em seu olho agora, quando ele se lembrou desse momento de telepatia emocional.

Então, peguei minha gravata, que ainda estava molhada, e disse: 'Sei telepaticamente que alguém nesta sala está sentindo tristeza'. Bati minha mão na mesa e disse: '*Não sairemos* desta sala até que quem quer que seja se declare'. Pois bem. Dois minutos de silêncio total. Então, um coronel durão levantou a mão e disse: "Provavelmente fui eu".

E então o coronel contou a Jim Hardt e a seus colegas soldados das Forças Especiais a história de sua tristeza.

Esse coronel havia cantado em seu Glee Club na faculdade. Ele cantava música folclórica e coral e, enquanto seu cérebro estava sendo sintonizado, sua mente se encheu de lembranças de seus dias no Glee Club, cerca de vinte anos antes.

Ele sentiu muita alegria com isso", disse Jim Hardt. "Mas depois ele foi direto da faculdade para a escola de treinamento de oficiais e tomou uma decisão intelectual de desistir da alegria. Ele decidiu, ao se formar na faculdade, que a alegria não tinha nenhuma função na vida de um oficial do exército e, portanto, consciente e voluntariamente, *clique*, desligou a alegria. Agora, vinte anos depois, ele chegou à conclusão

que ela não era necessária. Ele havia vivido vinte anos sem alegria. E ela não era necessária".

No segundo dia do ajuste cerebral, os soldados prenderam os eletrodos em suas cabeças mais uma vez.

E dessa vez", disse Jim Hardt, "meus olhos pareciam *torneiras*. Peguei minha gravata e a torci. Ela estava encharcada com minhas lágrimas e, então, eu disse novamente: 'Quem *é*? Quem está sentindo tristeza? E, novamente, passaram-se dois minutos até que o *mesmo homem* levantasse a mão e, dessa vez, contasse uma história que havia vivido".

Era a ofensiva do Tet em 1968. O coronel estava em uma pequena base de fogo avançada na zona desmilitarizada quando os vietcongues atacaram.

E esse coronel, sozinho, salvou sua pequena base de fogo de ser invadida", disse Jim Hardt, "e a maneira como ele fez isso foi operando a metralhadora durante toda a noite. E então, quando amanheceu, ele olhou para as pilhas de corpos sangrando e morrendo que ele havia causado, e teve sentimentos maiores do que um coração pode abarcar".

No final do terceiro dia da sintonização do cérebro, Jim Hardt estudou as impressões computadorizadas das ondas alfa e viu algo que o surpreendeu.

Em um dos soldados", disse ele, "vi um padrão de ondas cerebrais que só é encontrado em pessoas que têm a experiência de ver anjos. Nós o chamamos de 'percepção de seres do plano astral', seres que são desencarnados, mas têm um corpo luminoso.
Então, eu estava sentado em frente à mesa desse soldado que havia sido treinado para matar e perguntei a ele, com uma voz muito calma: "Você fala com seres que as outras pessoas não veem?

E ele *girou* para trás em sua cadeira. Quase tombou. Foi como se eu tivesse batido nele com um dois-por-quatro! E ele estava todo nervoso e alarmado e sua respiração estava pesada, e ele olhou para a esquerda e para a direita, para se certificar de que não havia mais ninguém na sala. Depois, inclinou-se para a frente e admitiu: "Sim". Ele tinha um guia espiritual de artes marciais que aparecia para ele sozinho. E ele só havia contado isso a seu melhor amigo, e havia jurado que cortaria sua garganta se seu amigo contasse uma palavra sobre isso a alguém".

E esse foi o fim da história. Isso foi tudo o que o Dr. Hardt pôde me dizer. Ele saiu de Fort Bragg, nunca mais voltou e disse que não sabia qual dos soldados Jedi, cujos cérebros ele afinou, havia encarado uma cabra até a morte.

"Somente não letais!", grita o malvado pesquisador médico Glenn Talbot. "Repito, *somente não letais!* Preciso de uma amostra dele. Bata nele com a espuma!

Na base militar subterrânea de Atheon, escondida sob um cinema desativado em algum lugar do deserto, o Incrível Hulk escapou e está destruindo tudo em seu caminho. Os soldados fazem o que Glenn Talbot ordenou. Eles se posicionam e borrifam o Hulk com espuma pegajosa, que se expande e endurece no momento em que atinge seu corpo. A espuma tem sucesso onde todas as armas anteriores falharam. O Hulk é parado em seu caminho. Ele se debate, rugindo, contra a espuma, sem sucesso.

"*Até mais, garotão*...", rosna Glenn Talbot. Ele atira no peito do Hulk

com algum tipo de lançador de mísseis portátil. Isso é um erro. Isso deixa o Hulk ainda mais furioso - tão furioso, na verdade, que ele reúne poder suficiente para romper a espuma e continuar sua fúria.

Essa espuma não é uma invenção dos roteiristas do filme *do Hulk*. É uma invenção do Coronel John Alexander, o mesmo homem que recrutou o Dr. Jim Hardt para reajustar os cérebros dos Guerreiros Jedi. O Coronel Alexander desenvolveu a Espuma Pegajosa como resultado da leitura do *Manual de Operações* do *Primeiro Batalhão Terrestre* de Jim.

Os líderes do exército presentes em Fort Knox, em 1979, ficaram tão encantados com o discurso de Jim que lhe ofereceram a oportunidade de criar e comandar um verdadeiro Batalhão da Primeira Terra. Mas ele recusou. Jim tinha ambições maiores do que isso. Ele era racional o suficiente para perceber que atravessar paredes, sentir auras de plantas e derreter o coração do inimigo com cordeirinhos eram boas ideias no papel, mas não eram, necessariamente, habilidades realizáveis na vida real.

Os superiores de Jim eram homens de mente literal (daí os muitos esforços determinados do General Stubblebine para atravessar sua parede), mas a visão real de Jim era mais sutil. Ele queria que seus companheiros soldados encontrassem um plano espiritual mais elevado ao alcançar o impossível. Se ele tivesse aceitado a oferta de liderar um verdadeiro Batalhão da Primeira Terra, seus superiores teriam exigido resultados mensuráveis. Eles gostariam de ver os soldados de Jim parando seus próprios corações sem efeitos nocivos e, quando eles falhassem, a unidade provavelmente seria fechada, em ignomínia, sem que ninguém soubesse que ela existia.

Não era isso que Jim tinha em mente. Ele queria que suas ideias flutuassem por aí e criassem raízes onde quer que o destino decretasse. O Primeiro Batalhão da Terra existiria onde quer que alguém lesse o manual e se inspirasse para implementar seu conteúdo da maneira que quisesse. Ele imaginou que o manual seria assimilado no tecido do exército com tanto sucesso que os soldados do futuro agiriam de acordo com ele sem saber nada sobre sua fantástica origem. E foi assim que a Sticky Foam se tornou uma das primeiras armas do First Earth Battalion na vida real.

A espuma teve uma história difícil. Na Somália, em fevereiro de 1995, as forças de paz das Nações Unidas estavam tentando distribuir alimentos quando a multidão começou a se revoltar. Os fuzileiros navais dos EUA foram chamados para acalmar os ânimos e ajudar na retirada da ONU.

"Use a espuma pegajosa!", ordenou o comandante. E os fuzileiros navais o fizeram. Eles borrifaram a espuma não na multidão, mas na frente dela para que endurecesse e produzisse uma parede instantânea entre os desordeiros e a comida. A multidão somali fez uma pausa, olhou para a substância borbulhante, expansiva, endurecida e parecida com um creme, esperou que ela se solidificasse, subiu nela e continuou a tumultuar. Tudo isso ocorreu na frente das câmeras de TV. Naquela noite, os noticiários de toda a América exibiram a filmagem ao lado de um clipe do filme *Os Caça-Fantasmas*, no qual Bill Murray era emagrecido.

(Um dos responsáveis pela aplicação da Sticky Foam na Somália, o comandante Sid Heal, me alertou mais tarde para não retratar o incidente como um desastre absoluto. Ele disse que eles esperavam que os manifestantes levassem vinte minutos para descobrir como escalar a espuma, mas, em vez disso, levaram cinco minutos, e assim

o pior que se poderia dizer é que foi um desastre de três quartos. No entanto, foi a primeira e última vez que a espuma foi utilizada em uma situação de combate).

Não perturbadas pelo incidente da Somália, as autoridades penais dos EUA introduziram a Sticky Foam nas prisões no final da década de 1990 para subjugar presos violentos antes de serem transportados para outro lugar. No entanto, a prática foi rapidamente descontinuada porque era impossível retirar os prisioneiros com espuma de suas celas depois de imobilizados. Eles simplesmente ficavam presos lá.

Mas agora, inesperadamente, a espuma está desfrutando de um renascimento. Garrafas do material foram levadas para o Iraque em 2003. A ideia era que, quando as tropas americanas encontrassem as armas de destruição em massa, a Sticky Foam seria borrifada sobre elas. Mas as armas de destruição em massa nunca foram encontradas e, portanto, a espuma permaneceu em seus frascos.

De todas as ideias de Jim, a mais frutífera foi sua insistência em que os agentes militares e os cientistas deveriam viajar para os cantos mais selvagens de suas imaginações, sem medo de parecerem malucos e sem criatividade em sua busca por um novo tipo de arma, algo astuto, de grande coração e não letal.

A espuma é uma das centenas de invenções semelhantes mencionadas em um *relatório* vazado da Força Aérea dos EUA de 2002 - Non-Lethal *Weapons: Terms and References (Armas não letais: termos e referências)*, que detalha de forma abrangente os últimos esforços nesse campo. Há várias armas acústicas: o Blast Wave Projector, a Curdler Unit e o infrassom de baixa frequência que, de acordo com o relatório que vazou, "penetra facilmente na maioria dos prédios e veículos" e causa "náusea, perda de intestino, desorientação, vômito, possíveis danos a órgãos internos ou morte". (Os sucessores de Jim Channon parecem ser mais flexíveis em relação à definição do termo "não letal" do que ele). Há também a Bomba Fedorenta Específica de Raça e o Traje de Camuflagem Camaleão, nenhum dos quais saiu do papel ainda, porque ninguém consegue descobrir como inventá-los.

Há um feromônio especial que "pode ser usado para marcar indivíduos-alvo e depois liberar abelhas para atacá-los". Há a Electric Glove (luva elétrica), a Electric Police Jacket (jaqueta elétrica da polícia), que "dá um choque em qualquer pessoa que a toque", a Net Gun (pistola de rede) e a Electric Net Gun (pistola de rede elétrica), que é igual à Net Gun, mas "libera um choque elétrico se o alvo tentar se debater". Há todos os tipos de hologramas, inclusive o Death Hologram (Holograma da Morte), "usado para assustar um indivíduo alvo até a morte. Por exemplo, um traficante de drogas com o coração fraco vê o fantasma de seu rival morto aparecendo ao lado de sua cama e morre de medo" - e o Holograma do Profeta, "a projeção da imagem de um deus antigo sobre uma capital inimiga cujas comunicações públicas foram apreendidas e usadas contra ela em uma operação psicológica maciça".

O coronel John Alexander, do Primeiro Batalhão Terrestre, é citado como coautor do relatório. Ele mora nos subúrbios de Las Vegas, em uma grande casa repleta de arte budista e aborígene e prêmios militares. Notei que havia também vários livros escritos por Uri Geller em sua estante.

"Você conhece Uri Geller? Perguntei a ele.

"Ah, sim", disse ele. Somos grandes amigos. Costumávamos fazer festas de

de metal juntos".

O Coronel Alexander foi consultor especial do Pentágono, da CIA, do Laboratório Nacional de Los Alamos e da OTAN. Ele também é um dos amigos mais antigos de Al Gore. Ele não está completamente aposentado das forças armadas dos EUA. Uma semana depois que o conheci, ele viajou para o Afeganistão por quatro meses para atuar como "consultor especial". Quando perguntei quem ele estava assessorando e sobre o quê, ele não quis me dizer.

Em vez disso, durante boa parte da tarde, John relembrou o Primeiro Batalhão Terrestre. Seu rosto se abriu em um largo sorriso quando ele se lembrou dos rituais secretos noturnos que ele e alguns colegas coronéis realizavam nas bases militares, depois de ler o manual de Jim.

"Grandes fogueiras!", disse ele. "E caras com cobras na cabeça! Ele riu.

"Você já ouviu falar do Ron? Eu lhe perguntei. "Ron?", disse o Coronel Alexander.

"O Ron que reativou o Uri", eu disse.

O Coronel Alexander ficou em silêncio. Esperei que ele respondesse. Após cerca de trinta segundos, percebi que ele não diria mais nada até que eu fizesse uma pergunta diferente. E foi o que fiz.

"Então, Michael Echanis realmente matou uma cabra só de olhar para ela? perguntei. "Michael Echanis?", disse ele. Ele parecia perplexo. Acho que você está falando de Guy Savelli.

Acho que você está falando de Guy Savelli.

"Guy Savelli? Eu perguntei.

"Sim", disse o coronel. O homem que matou o bode era definitivamente Guy Savelli.

4. NO CORAÇÃO DO BODE

O Savelli Dance and Martial Arts Studio fica na esquina de um Red Lobster, um TGI Friday's, um Burger King e uma garagem da Texaco, nos subúrbios de Cleveland, Ohio. A placa na porta anuncia aulas de "Balé, sapateado, jazz, hip-hop, acrobacia aérea, ponta, kickboxing e defesa pessoal".

Eu havia telefonado para Guy Savelli algumas semanas antes. Disse-lhe quem eu era e perguntei se ele poderia descrever o trabalho que havia realizado no Goat Lab. O Coronel Alexander me disse que Guy era um civil. Ele não tinha nenhum contrato militar. Portanto, parecia possível que ele pudesse falar. Mas, em vez disso, houve um longo silêncio.

"Quem *é* você?", ele finalmente perguntou.

Eu lhe disse novamente. Então ouvi um suspiro profundamente triste. Era algo mais do que "Oh não, um jornalista não". Parecia quase um uivo contra as forças inescapáveis e injustas do destino.

"Será que liguei em um momento ruim? Eu lhe perguntei. Não.

"Então você *estava* no Goat Lab?", perguntei.

"Sim. Ele suspirou novamente. "E sim, eu derrubei uma cabra quando estava lá. "Suponho que você ainda pratique a técnica? Eu lhe perguntei.

"Sim, eu sei", disse ele.

Guy ficou em silêncio novamente. Então ele disse - e sua voz soou triste e angustiada - "Na semana passada, matei meu hamster".

"Só de ficar olhando para ele?

perguntei. "Sim", confirmou Guy.

Guy estava um pouco mais relaxado em carne e osso, mas não muito. Nós nos encontramos no saguão de seu estúdio de dança. Ele já era avô, mas ainda estava agitado e cheio de energia, movendo-se pela sala como se estivesse possuído. Ele estava cercado por alguns de seus filhos e netos, e meia dúzia de seus alunos de *Kun Tao* estavam ansiosos nos arredores do estúdio. Algo estava acontecendo, isso estava claro, mas eu não sabia o quê.

Então você fez isso com seu hamster? perguntei

ao Guy. "Hã?", ele disse.

"Hamsters", eu disse, subitamente inseguro.

"Sim", disse ele. "Eles..." Um olhar de perplexidade cruzou seu rosto. "Quando eu faço isso", *disse ele*, "os hamsters *morrem*".

"Sério?", perguntei.

"Os hamsters me deixam louco", disse Guy. Ele começou a falar muito rápido. Eles ficam dando voltas e mais voltas. Eu queria fazer com que ele parasse de andar para lá e para cá. Pensei: vou deixá-lo doente para que ele se esconda embaixo da serragem ou algo assim.

"Mas, em vez disso, você a fez morrer?

'Eu tenho isso gravado!', disse Guy. Eu gravei. Você pode ver a fita. Ele fez uma pausa. "Eu tinha um cara que cuidava do hamster todas as noites".

"O que você quer dizer com

isso?", perguntei. 'Alimentá-lo.

Dava-lhe água.

"Então você sabia que era um hamster

saudável", eu disse. "Sim", disse Guy.

"E então você começou a olhar", eu disse.

"Três dias", suspirou Guy.

"Você deve odiar hamsters", eu disse.

"Não é que eu *queira* fazer isso com os hamsters", explicou Guy. Mas, supostamente, se você é um *mestre*, deveria ser capaz de fazer esse tipo de coisa. A vida é apenas um soco e um chute e pronto? Ou há mais do que isso?

Guy entrou em seu carro e saiu para encontrar o vídeo caseiro do hamster sendo encarado até a morte. Enquanto ele estava fora, seus filhos, Bradley e Juliette, montaram uma câmera de vídeo e começaram a me filmar.

"Por que estão fazendo isso? Eu lhes

perguntei. Houve um silêncio.

"Pergunte ao papai", disse Juliette.

Guy voltou uma hora depois. Ele estava carregando um maço de papéis e fotografias, além de alguns vídeos cassetes.

Oh, vejo que Bradley instalou a câmera", disse ele.

Não se preocupe com isso! Nós filmamos tudo. Você não se importa, não é?

Guy colocou a fita no videocassete, e ele e eu começamos a assistir.

O vídeo mostrava dois hamsters em uma gaiola. O cara me explicou que estava olhando fixamente para um deles, tentando deixá-lo doente e visivelmente paranoico com a roda, enquanto o outro deveria permanecer como um hamster de controle sem olhar fixamente.

Vinte minutos se passaram.

"Nunca conheci um hamster", eu disse, "então eu..."

"Bradley!", interrompeu Guy. "Você já teve um hamster?"

"Sim", respondeu Bradley.

'Você já viu algum fazer *isso* antes?

Bradley entrou na sala e assistiu ao vídeo por um momento. "Nunca", disse ele.

"Veja como ele está olhando para a roda!", disse Guy.

De fato, o hamster alvo pareceu desconfiar repentinamente da roda. Ele se sentou na extremidade da gaiola, olhando para ela com cautela.

Normalmente, esse hamster *adora* sua roda", explicou Guy.

"Parece estranho", eu disse, "embora eu deva dizer que emoções como circunspecção e cautela não são tão fáceis de discernir em hamsters".

"Sim, sim", disse Guy.

Deve haver algumas pessoas lendo isso que têm hamsters", eu disse. "Ótimo", disse Guy. Então elas saberão como isso é *raro*. Seu pessoal do hamster saberão disso".

"Meus leitores que têm hamsters", concordei, "saberão se esse é ou não um comportamento aberrante... Ele caiu! Eu disse.

O hamster havia caído. Suas pernas estavam no ar.

'Estou realizando a tarefa que queria fazer', disse Guy. 'Veja! O outro hamster passou por cima dele! Ele está bem em cima do outro hamster! Isso é bizarro! Isso é meio maluco, não é? Ele não está se movendo! Estou cumprindo minha tarefa bem aqui".

O outro hamster caiu.

Você derrubou *os dois* hamsters! Eu disse.

Não, o outro apenas caiu", explicou Guy. OK", eu disse.

Houve um silêncio.

"Ele está morto agora? Eu perguntei.

"Isso vai ficar mais bizarro em um minuto", disse Guy. Ele parecia estar se esquivando da pergunta. "Agora! Está mais bizarro agora!

O hamster estava imóvel. E permaneceu assim - totalmente imóvel - por quinze minutos. Depois, ele se sacudiu e começou a comer novamente.

E então a fita terminou.

"Guy", eu disse. Não sei o que pensar disso. O hamster parecia estar se comportando de forma incomum em comparação com o hamster de controle, mas, por outro lado, ele definitivamente não morreu. Achei que você tinha dito que eu iria vê-lo morrer".

Houve um breve silêncio.

Minha esposa disse: 'Não'", explicou ele. Lá em casa. Ela disse: 'Você não sabe

Você não sabe se esse cara é um liberal de coração sangrando'. Ela disse: 'Não mostre a ele *a morte* do hamster. Não mostre isso a ele. Em vez disso, mostre a fita em que o hamster age de forma bizarra".

Guy me disse que o que eu tinha acabado de ver eram os destaques editados de dois dias contínuos de observação. Foi no terceiro dia, disse Guy, que o hamster caiu morto.

Eu sou um fantasma", disse Guy.

Estávamos no saguão de seu estúdio de dança, embaixo do quadro de avisos. Ele está coberto de lembranças dos sucessos da família Savelli. Jennifer Savelli, filha de Guy, dançou com Richard Gere em *Chicago*. Ela dançou no 75º Prêmio da Academia. Mas não havia nada na parede sobre Guy - nenhum recorte de jornal ou algo do gênero.

Você nunca saberia sobre mim se o Coronel Alexander não tivesse dito meu nome", disse ele.

Era verdade. Tudo o que consegui encontrar sobre Guy nos jornais foi uma estranha notícia do *Cleveland Plain Dealer* sobre prêmios ganhos por seus alunos em torneios locais. Esse outro lado de sua vida não tinha nenhuma crônica.

Guy folheou os jornais e as fotografias. "Veja!", disse ele. Olhe
para isso!
Ele me entregou um diagrama.
"Guy", eu disse. Esse é o Goat
Lab?" "Sim", disse Guy.
SPECIAL_IMAGE-html%3e-REPLACE_ME

5. SEGURANÇA INTERNA

Seis anos antes de o Major General Albert Stubblebine III não conseguir atravessar a parede de seu escritório em Arlington, Virgínia, seu escritório não existia. Não havia INSCOM - o Comando de Inteligência e Segurança do Exército dos EUA. Havia apenas unidades de inteligência militar espalhadas ao acaso pelo mundo. De acordo com o autor Richard Koster, que serviu no 470º Destacamento do Corpo de Contra-Inteligência no Panamá durante os dias pré-Stubblebine, era um caos.

No final dos anos 50", contou-me Koster quando lhe telefonei para perguntar sobre a vida na Inteligência Militar antes de Stubblebine, "havia ligações frenéticas de comandante para comandante. 'Precisamos expandir muito a Inteligência Militar. Queremos que você libere um número X de oficiais. Precisamos que um coronel, três majores, seis capitães e quinze tenentes sejam imediatamente transferidos para a Inteligência Militar". Então, o que você faz quando recebe uma ligação como essa? Você pensa: "Ah! Vamos dar a eles todos os nossos bindlestiffs e stumblebums". E foi o que fizeram. E foi isso que foi para a inteligência do exército, mais ou menos globalmente".

"Como era a situação no Panamá antes do General Stubblebine? perguntei a
ele. Não era um navio muito rígido", disse ele. Houve um motim em um ano
aqui em
Cidade do Panamá. Meu coronel veio correndo até mim. "Onde está o tumulto?", perguntei, "Está bem em frente ao Palácio Legislativo". Ele perguntou: "Onde fica isso? Eu disse: "Vá para o

Hotel Tivoli. Você o verá pela varanda. Ele olhou para mim como se eu fosse Einstein, porque eu tinha esse... *conhecimento*".

No final da década de 1970, um general de brigada chamado William Royla recebeu a tarefa de arrumar toda a bagunça. Ele deveria formar uma espécie de CIA para o exército, que se chamaria INSCOM. E, em 1981, o general Stubblebine, que havia sido profundamente tocado pelo *Manual de Operações do Primeiro Batalhão Terrestre*, de Jim Channon, e estava convencido de que os Estados Unidos, a grande superpotência, precisava ser defendida por pessoas que realmente tivessem superpoderes, foi nomeado seu comandante.

Stubblebine era um homem de West Point com mestrado em engenharia química pela Columbia. Ele ficou sabendo sobre o Primeiro Batalhão Terrestre quando estava na Escola de Inteligência do Exército no Arizona. Foi seu amigo e subordinado, o coronel John Alexander, inventor da Sticky Foam, quem primeiro chamou sua atenção para o fato.

Agora, o General Stubblebine estava determinado a transformar seus 16.000 soldados em um novo exército, um exército de soldados que podiam dobrar metal com suas mentes e atravessar objetos e, consequentemente, nunca mais ter que passar pelo trauma caótico de uma guerra como a do Vietnã. Quem gostaria de se meter com um exército como esse?

Além disso, o mandato de Stubblebine como comandante da Inteligência Militar coincidiu com grandes cortes em seu orçamento. Esses eram os dias de "redução" pós-Vietnã, e o Pentágono queria que seus soldados fizessem mais com menos dinheiro. Aprender a atravessar paredes era um empreendimento ambicioso, mas barato.

E foi assim que a visão maluca de Jim Channon, desencadeada por sua depressão pós-combate, chegou aos níveis mais altos das forças armadas dos Estados Unidos.

Vinte anos depois, no quarto 403 do Tarrytown Hilton, no norte do estado de Nova York, quando o General Stubblebine terminou de descrever suas tentativas fracassadas de atravessar a parede, ele olhou pela janela.

"Uma nuvem", disse ele.

Nós três - o general, sua segunda esposa, Rima, e eu - levantamos de nossas cadeiras.

cadeiras.

"Jesus, Jon, eu não sei", disse o general. Nunca fiz uma tão grande. Durante todo o dia, ficamos esperando o tipo certo de nuvem aparecer, uma

Na verdade, era um cúmulo, para que ele pudesse me mostrar que podia estourá-lo só de olhar para ele. De todos os seus poderes, ele disse que esse era o mais fácil de demonstrar.

"Qualquer um pode ver", ele me prometeu, "e qualquer um pode fazer isso".

"Bem no entalhe, bem ali onde estão os pinheiros", disse Rima. 'Faça *aquela*.

"Deixe-me ver", disse o general.

Ele ficou muito quieto e começou a olhar para o céu.

"Você está tentando estourar aquele *ali?* perguntei. Não está muito longe?

muito longe?

O General Stubblebine olhou para mim como se eu estivesse louco. '*Todas estão muito* longe', disse ele.

"Ali!", disse Rima.

Olhei para trás e para frente no céu, tentando descobrir qual nuvem o general estava tentando explodir.

"Ela se foi!", disse Rima.

A nuvem", confirmou o general, "parece ter desaparecido".

Voltamos a nos sentar. Então o general disse que não tinha certeza. As nuvens estavam se movendo tão rapidamente, disse ele, que não era possível concluir 100% que ele havia causado o desaparecimento. Poderia ter sido apenas meteorologia.

"É difícil dizer", disse ele, "quem estava fazendo o quê com quem".

Às vezes, em longas viagens de carro, disse ele, Rima dirigia e ele fazia as nuvens desaparecerem, e se fosse uma nuvem inchada sozinha em um céu azul, era inequívoco. Ele fica olhando: a nuvem estoura. Mas esse não foi um desses momentos.

Em 1983, dois anos após o início de seu mandato como comandante da Inteligência Militar, a busca do general Stubblebine por um milagre indiscutível tornou-se urgente. Ele precisava de algo para satisfazer seus oficiais comandantes no Pentágono e precisava disso rapidamente, pois seu emprego estava em risco.

O General Stubblebine estava confuso com sua contínua incapacidade de atravessar a parede. O que havia de errado com ele para que não conseguisse fazer isso? Talvez houvesse simplesmente muita coisa em sua bandeja para dar a ela o nível de concentração necessário. O general Manuel Noriega, principalmente, estava lhe causando problemas significativos no Panamá. Noriega estava na folha de pagamento da inteligência dos EUA desde 19705 - desde que o diretor da CIA, George Bush, autorizou seu recrutamento -, mas agora ele estava fora de controle.

Os colegas da CIA do General Stubblebine estavam usando a rede de pistas de pouso ocultas do Panamá para transportar armas para os Contras na Nicarágua. Depois que as armas eram entregues, os aviões retornavam ao Panamá para reabastecer para a viagem de volta aos Estados Unidos. Noriega aproveitou a oportunidade para enchê-los de cocaína. E foi assim que a CIA se envolveu no esquema de cocaína de Noriega. Essa estranha aliança estava deixando ambos os lados paranoicos e, quando o General Stubblebine visitou o Panamá, descobriu, para sua fúria, que Noriega tinha seu quarto de hotel grampeado.

Foi nesse momento que a batalha entre os dois generais - Noriega e Stubblebine - passou a ser sobrenatural. Noriega passou a amarrar fitas pretas nos tornozelos e a colocar pequenos pedaços de papel em seus sapatos com nomes escritos para protegê-lo de feitiços lançados por seus inimigos. É possível que ele estivesse andando pela Cidade do Panamá com a palavra *Stubblebine* escondida dentro do sapato no exato momento em que o general tentava atravessar sua parede. Como o General Stubblebine poderia se concentrar em atravessar objetos com esse tipo de loucura acontecendo ao seu redor?

O General Stubblebine contra-atacou colocando seus espiões psíquicos em Noriega.

Essa era a equipe de Fort Meade, que trabalhava em um prédio de tábuas condenado em uma trilha arborizada em Maryland e que, por não existir oficialmente, não tinha orçamento para o café, fato do qual se ressentiam. Eles também estavam ficando loucos. Seus escritórios eram claustrofóbicos, e muitos deles não gostavam

gostavam muito uns dos outros, para começar. Um deles, um major chamado Ed Dames, começou a espionar psiquicamente o monstro do Lago Ness durante os meses de descanso, quando não havia muito trabalho psíquico militar oficial. Ele determinou que se tratava do fantasma de um dinossauro. Essa descoberta irritou alguns dos outros, que a consideraram não científica e francamente implausível. Outro espião psíquico, David More-house, logo se internou em um hospital psiquiátrico como resultado de um excesso de espionagem psíquica.

Eles não conseguiam abrir a porta dos fundos. Ela havia sido trancada e pintada dezenas de vezes ao longo dos anos. Ninguém sabia onde estava a chave. Em um dia particularmente quente, eles quase desmaiaram lá dentro e, então, começaram a conversar sobre a possibilidade de abrir a porta com um chute e deixar entrar uma brisa.

'Não podemos', disse Lyn Buchanan. 'Nós não *existimos*. Se abrirmos a porta,

ninguém virá consertá-la.

ninguém virá consertá-la.

(Foi Lyn Buchanan quem me contou essa história, quando o encontrei no verão de 2003 em um hotel em Las Vegas).

"Deixe comigo", disse o espião psíquico Joe McMoneagle. Ele desapareceu e voltou vinte minutos depois com um esboço detalhado e psiquicamente adivinhado da chave que estava faltando. Joe McMoneagle dirigiu até a cidade e foi até um serralheiro local, fez a chave com base no esboço, voltou à unidade, destrancou a porta dos fundos e abriu a pintura.

"Oh, Joe é bom", disse Lyn Buchanan. Joe é muito bom.

Visitei Joe McMoneagle alguns meses depois. Atualmente, ele mora na Virgínia. Mencionei a história de Lyn Buchanan sobre a chave. Depois que lhe contei o que Lyn havia dito, Joe sorriu um pouco culpado.

"Eu, de fato, arrombei a fechadura", admitiu.

Explicou que Lyn parecia tão deslumbrada e que isso havia dado um grande impulso ao moral dos espiões psíquicos, que ele não teve coragem de dissuadi-los do fato de que a porta havia sido aberta por meios não psíquicos.

As condições de trabalho em Fort Meade eram tão ruins que uma teoria da conspiração começou a florescer dentro de seus muros condenados. Lá estavam eles, soldados até então comuns, que haviam sido escolhidos a dedo e iniciados em uma elite psíquica militar fabulosamente secreta, que acabou se revelando totalmente monótona. Lyn Buchanan e alguns de seus colegas passaram a acreditar que deveria haver *outra* unidade psíquica secreta, ainda mais profundamente enraizada e, presumivelmente, com escritórios mais glamorosos do que os deles.

"Cheguei a pensar que estávamos lá para sermos pegos", disse Lyn quando o encontrei em Las Vegas.

Lyn é um homem de olhos suaves e aparência folclórica que, apesar de todas as condições de trabalho ruins, vê seu tempo na antiga unidade como os dias mais felizes de sua vida.

"O que você quer dizer com 'lá para ser pego'?", perguntei a ele.

"Você sabe", disse Lyn. Se o *National Enquirer* ficasse sabendo disso, o exército poderia ter dito a eles: '*Sim*, temos uma unidade psíquica secreta. Aqui estão eles.

Pendurar os médiuns para secar - postulou Lyn com certa amargura - para que os *outros* médiuns, fossem eles quem fossem, fossem deixados em paz para continuar seu trabalho ainda mais secreto.

Assim, no verão de 1983, quando o General Stubblebine pediu à equipe que adivinhasse em que quarto de uma determinada vila na Cidade do Panamá Noriega estava hospedado e no que Noriega estava pensando enquanto estava lá, eles entraram em ação, encantados por alguma distração.

Simultaneamente, o general Stubblebine ordenou que uma equipe de espiões não psíquicos alugasse um apartamento no final da rua da casa de Noriega. O momento era crítico. No momento em que os médiuns de Fort Meade entregaram suas adivinhações, o general Stubblebine telefonou para os não-psíquicos no Panamá e ordenou que eles pulassem o muro, entrassem na casa e colocassem escutas nos quartos de Noriega. Infelizmente, dois dos cães de guarda de Noriega foram alertados durante o ataque secreto, e os não-psíquicos foram perseguidos de volta por cima do muro.

O general Noriega reagiu a esse ataque colocando um enorme amuleto no pescoço e dirigindo até uma praia próxima, onde seu feiticeiro pessoal, um brasileiro chamado Ivan Trilha, ergueu uma cruz iluminada para afastar os agentes da inteligência americana.

O General Stubblebine também tinha seus adversários em casa. Seu oficial superior, o general John Adams Wickham, chefe do Estado-Maior do exército americano, não era fã do paranormal. O General Stubblebine havia tentado cativá-lo em uma festa de alto nível em um hotel de Washington, tirando do bolso do smoking um pedaço de talher torto, mas o General Wickham recuou, horrorizado.

A razão pela qual o General Wickham se sentiu assim em relação aos talheres tortos pode ser encontrada em Deuteronômio, capítulo 18, versículos 10-11:

Não se achará entre vós quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem quem use de adivinhação... nem encantador, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte os espíritos familiares, nem mago, nem necromante.

O General Wickham acreditava, e de fato disse aos colegas, que Satanás havia de alguma forma se apossado da alma do General Stubblebine. Foi Satanás, e não o General Stubblebine, que entortou o garfo.

Nas administrações posteriores da Casa Branca, incluindo a de George W. Bush, o General Wickham continuou a ser respeitado. Em sua autobiografia, Colin Powell se refere a ele duas vezes como "meu mentor" e, em junho de 2001, ele recebeu o "American Inspirations Award" de George W. Bush por seu trabalho como parte da The Presidential Prayer Team, uma comunidade de 3 milhões de americanos que acessam o site presidentialprayerteam.org todas as semanas para s a b e r pelo que devem orar:

Ore pelos esforços contínuos na guerra contra o terrorismo, para que o Presidente e todas as suas fontes de inteligência obtenham as informações mais úteis para proteger os Estados Unidos. Ore para que eles tenham sabedoria divina na maneira como lidam com cada informação. Ore pela eficácia de uma nova iniciativa de coleta de impressões digitais que examinará os viajantes estrangeiros que entrarem nos Estados Unidos. Ore pelo forte relacionamento entre o Sr. Bush e o Sr. Blair. Ore para que o presidente continue

para ser guiado pelo Senhor em suas deliberações com o Reino Unido.

E assim por diante. O general Stubblebine poderia ter sugerido ao general Wickham que os grupos de oração não eram muito diferentes das iniciativas do tipo "entortar colheres", sendo ambas tentativas de aproveitar o poder da mente para influenciar as coisas à distância, mas o inimigo inatacável do general em relação a essa lógica era Deuteronômio, capítulo 18, versículos 10-11.

Curiosamente, e sem que o general Wickham soubesse, o general Stubblebine havia de fato cometido cada uma das abominações acima perante o Senhor durante seu mandato como chefe da inteligência do exército, com exceção de fazer seu filho ou filha passar pelo fogo, embora ele mesmo tenha feito uma caminhada no fogo nas montanhas da Virgínia, sob a tutela do guru da autoajuda Anthony Robbins.

A interpretação linha-dura do Deuteronômio feita pelo General Wickham estava tornando a posição do General Stubblebine insustentável, daí sua necessidade urgente de inventar um milagre indiscutível. De volta para casa, em Arlington, suas tentativas de levitação, feitas tarde da noite, não tiveram sucesso. O general também atribuiu esse fracasso à sua

Por isso, ele acabou voando para Fort Bragg na tentativa de convencer as Forças Especiais a estourar o coração dos animais apenas olhando para eles. Se ele não teve tempo de aperfeiçoar esses poderes, talvez eles tenham.

É difícil prever se o General Stubblebine poderia ter encontrado uma alma gêmea em seu comandante em chefe, o Presidente Reagan. O presidente parecia ter um pé em ambos os campos. Seu chefe de gabinete, Donald Regan, escreveu em suas memórias que "praticamente todos os grandes movimentos e decisões que os Reagan tomaram durante o meu período como chefe de gabinete da Casa Branca foram previamente esclarecidos com uma mulher em São Francisco que elaborava horóscopos para garantir que os planetas estivessem em um alinhamento favorável para o empreendimento".

Essa mulher, cujo nome era Joan Quigley, marcou o momento exato em que o presidente assinaria o tratado das Forças Nucleares Intermediárias em 1987. Joan Quigley agora usa o título presumivelmente não autorizado de "astróloga presidencial Joan Quigley".

Mas o presidente também compartilhava, com seu amigo General Wickham, um respeito permanente pelos fundamentos da Bíblia. Quando os estados de Arkansas e Louisiana aprovaram uma lei determinando que o criacionismo fosse ensinado nas escolas públicas, o presidente aplaudiu a iniciativa, anunciando: "A América religiosa está despertando!

Quando telefonei para o General Wickham para pedir seu relato sobre aquela festa de gravata preta, ele disse que se lembrava bem. Foi um grande jantar em um lugar chamado Quarters One. Sim, ele havia recuado, disse ele, porque, como cristão, é preciso aceitar que o sobrenatural está vivo e que, às vezes, ele se manifesta de maneiras assustadoras. Mas o General Stubblebine era, de modo geral, "um dos mocinhos".

Na verdade, fiquei um pouco intrigado", ele me disse.

O general Stubblebine tinha visto um lampejo de curiosidade no rosto do general Wickham na festa e percebeu que aquele poderia ser um momento decisivo na história militar. Se ele conseguisse convencer seu famoso chefe de gabinete cristão

cristão, realizando uma demonstração paranormal no local, poderia ser esse o momento em que o sobrenatural começaria sua jornada rumo ao reconhecimento oficial pelo exército dos EUA?

É por isso que o General Stubblebine aproveitou a oportunidade para dizer ao General Wickham: "Posso fazer isso para o senhor *agora*, se quiser. Posso dobrar uma colher para o senhor agora mesmo, se quiser".

E esse, segundo me disse o General Wickham, foi o erro do General Stubblebine.

Eu não queria que ele dobrasse uma colher no meio de uma *festa*", disse ele. Era um lugar inapropriado para fazer isso'.

Foi exatamente esse tipo de entusiasmo excessivo que levou o General Stubblebine à aposentadoria antecipada forçada.

Mas a guerra sobrenatural contra Manuel Noriega não terminou com a saída do General Stubblebine. Cinco anos depois, em dezembro de 1989, os EUA lançaram a Operação Causa Justa para depor Noriega e levá-lo a julgamento por contrabando de cocaína. Mas quando as tropas americanas chegaram ao Panamá, descobriram que Noriega havia se escondido.

Uma agência do governo dos EUA (o sargento Lyn Buchanan me disse que não se lembrava de qual era e, de qualquer forma, segundo ele, as informações provavelmente ainda eram confidenciais) chamou os espiões psíquicos. Onde estava Noriega? Lyn Buchanan sentou-se dentro do prédio de tábuas em Fort Meade, entrou em transe e recebeu "um poderoso impulso com relação à localização de Noriega".

"Pergunte a Kristy McNichol", ele continuou escrevendo em um pedaço de papel. "Pergunte a Kristy McNichol".

O sargento Buchanan tinha certeza de que a atriz de TV Kristy McNichol, que apareceu em *Starsky utch*, na minissérie da ABC *Family, em The Bionic Woman* e em *The Love Boat II*, tinha a chave para o paradeiro do general Noriega. Naquela época, em dezembro de 1989, Kristy McNichol tinha acabado de gravar o especial da CBS, *Candid Camera! The First 40 Years*, teve um papel de convidada em *Murder, She Wrote* e estrelou o thriller erótico *Two Moon Junction*.

"Pergunte a Kristy McNichol", escreveu Lyn continuamente, em seu estado de transe.

Lyn Buchanan parou nesse ponto e disse que não sabia se alguém havia agido de acordo com sua adivinhação. A forma como a unidade psíquica secreta era estruturada, explicou ele, significava que, uma vez que suas adivinhações eram transmitidas, ele raramente recebia feedback sobre o que acontecia em seguida. Ele não tinha ideia se as autoridades dos EUA entraram em contato com Kristy McNichol posteriormente.

Então, eu mesmo tentei perguntar a ela. Enviei-lhe um e-mail para saber se, por acaso, ela sabia onde o general Manuel Noriega estava escondido em dezembro de 1989. Além disso, eu era a primeira pessoa a abordá-la sobre esse assunto ou outras pessoas, talvez agentes da inteligência dos EUA, já a haviam contatado anteriormente?

Nunca recebi uma resposta.

Para os agnósticos do dia a dia, não é fácil aceitar a ideia de que nossos líderes, e os líderes de nossos inimigos, às vezes parecem acreditar que o negócio de administrar os assuntos mundiais deve ser realizado dentro das dimensões padrão e

dimensões padrão e sobrenaturais.

Ao longo de um ou dois anos, entrei em contato com todas as pessoas que encontrei que haviam conhecido Jim Channon durante sua odisseia californiana no final da década de 1970. Uma delas foi Stuart Heller. Stuart foi apresentado a Jim por sua amiga em comum, Marilyn Ferguson, a renomada autora de *The Aquarian Conspiracy*. Stuart me disse que Jim era "simplesmente maravilhoso".

Atualmente, Stuart ensina a executivos de negócios a arte do controle do estresse. Ele visita a Apple, a AT&T, o Banco Mundial e a NASA e orienta seus gerentes sobre como permanecer centrado e tranquilo em meio à agitação do local de trabalho. Ele é um dos muitos gurus semelhantes que viajam de empresa em empresa por todo o mundo ocidental, cumprindo a profecia de Jim de 1979 de que "o que está sendo desenvolvido hoje na costa será o valor nacional estabelecido daqui a dez anos".

Em um determinado momento de minha conversa com Stuart, perguntei-lhe se ele conhecia alguém que fosse a personificação viva do Primeiro Batalhão Terrestre. Stuart respondeu imediatamente: "Bert

Rodriguez". "Bert Rodriguez? Eu

disse.

Ele é um cara das artes marciais na Flórida", disse Stuart. Meu irmão mais novo é um de seus alunos. Nunca conheci ninguém como Bert. Sua academia está sempre cheia de ex-militares, ex-Forças Especiais. Espiões. E no meio está meu irmão mais novo e magrinho".

Digitei o nome de Bert Rodriguez em um mecanismo de busca e minha tela se encheu com a foto de um cubano de cabeça raspada e bigode preto de aparência intensa, congelado no ato de bater um homem enorme e suado contra a parede de sua academia - a US1 Fitness Center em Dania Beach, Flórida.

"Certa vez, Bert fez com que meu irmão se deitasse no chão", disse Stuart, "e colocou um pepino em seu peito, vendou os olhos e*, uau!* Cortou o pepino ao meio com uma espada de samurai. Não cortou meu irmão de jeito nenhum. *Com os olhos vendados*!

"Puxa vida", eu disse.

"Bert é um dos caras mais espirituais que já conheci", disse Stuart. "Não. Espiritual é a palavra errada. Ele é ocultista. Ele é como uma encarnação ambulante da morte. Ele pode parar você à distância. Ele pode influenciar eventos físicos apenas com sua mente. Se ele chamar sua atenção, pode detê-lo sem tocá-lo".

Stuart fez uma pausa.

"Mas ele não fala assim. Ele é o cara mais Primeiro Batalhão da Terra que conheço, mas é incapaz de verbalizar isso.

Ele é um lutador de rua de Cuba. Com Bert, é apenas instintivo. Mas *todo mundo* pode ver isso. É por isso que as pessoas vêm e treinam com ele".

Em abril de 2001, Bert Rodriguez contratou um novo aluno. Seu nome era Ziad Jarrah. Ziad simplesmente apareceu no US1 Fitness Center um dia e disse que tinha ouvido falar que Bert era bom. Por que Ziad escolheu Bert, dentre todos os instrutores de artes marciais espalhados pela costa da Flórida, é uma questão de especulação. Talvez a reputação exclusivamente ocultista de Bert o tenha precedido, ou talvez tenham sido as conexões militares de Bert. Além disso, Bert já havia sido professor do chefe de segurança de um príncipe saudita.

Talvez tenha sido isso.
Ziad disse a Bert que era um homem de negócios que viajava muito e que queria aprender a se defender se um grupo o atacasse.
"Eu gostava muito de Ziad", disse Bert Rodriguez quando liguei para ele. Ele era muito humilde, muito calmo. Estava em boa forma. Muito diligente.
"O que você ensinou a ele? perguntei.
"O estrangulamento", disse Bert. 'Você a usa para colocar alguém para dormir ou para matá-lo.' Eu lhe ensinei o estrangulamento e o espírito kamikaze. Você precisa de um código pelo qual morreria, um desejo de fazer ou morrer. E é isso que lhe dá o sexto sentido, a capacidade de ver o adversário e saber se ele está blefando. Sim. Eu lhe ensinei o estrangulamento e o espírito kamikaze. Ziad era um jogador de futebol. Eu preferiria ter um jogador de futebol ao meu lado em uma luta do que um faixa preta em *Tae Kwon Do*. O jogador de futebol pode se esquivar e mergulhar".
Houve um silêncio.
'Ziad era como Luke Skywalker', disse Bert. 'Sabe quando Luke percorre o caminho invisível? Você tem de acreditar que ele está lá. E se você acredita, ele *está* lá. Pois é. Ziad acreditava nisso. Ele era como Luke Skywalker".
Bert treinou Ziad por seis meses. Ele gostava dele, simpatizava com sua educação difícil no Líbano. Ele deu a Ziad cópias de três de seus manuais de treinamento de luta com faca, e Ziad os repassou a um amigo seu, Marwan al-Shehhi, que estava hospedado no quarto 12 dos apartamentos do Panther Motel em Deerfield Beach, Flórida.
Sabemos disso porque, quando Marwan al-Shehhi fez o check-out do Panther Motel em 10 de setembro de 2001, deixou para trás um manual de voo de um Boeing 757, uma faca, uma bolsa de lona preta, um dicionário inglês-alemão e três manuais de artes marciais escritos por Bert Rodriguez, o homem que Stuart Heller chamou de "o cara mais do Primeiro Batalhão Terrestre que conheço".
Marwan al-Shehhi tinha vinte e três anos de idade quando fez o check-out no Panther Motel, voou para Boston, trocou de avião, assumiu o controle do voo 175 e o colidiu contra a torre sul do World Trade Center.
Ziad Jarrah tinha 26 anos quando assumiu o controle do voo 93 da United Airlines, o avião que caiu em um campo na Pensilvânia a caminho de Washington DC.
"Quer saber?", disse Bert. Acho que o papel de Ziad era ser o sequestrador com cérebro. Ele ficava na retaguarda para garantir que o trabalho fosse feito corretamente, que o controle do avião fosse concluído. Bert fez uma pausa. Se você ama um filho e ele se torna um assassino em massa, você não deixa de amar seu filho, não é mesmo?
O papel de Guy Savelli na Guerra ao Terror começou quando meia dúzia de estranhos, com poucos dias de diferença, entraram em contato com ele por e-mail e telefone no inverno de 2003. Eles lhe perguntaram se ele tinha o poder de matar cabras psiquicamente. Guy ficou perplexo. Ele não saiu por aí divulgando o fato. Quem eram esses homens? Como eles sabiam sobre as cabras? Ele fingiu um tom de voz casual e disse: "Claro que posso".
Então ele pegou o telefone e ligou para as Forças Especiais.

Ele disse que todos que entraram em contato com ele eram *muçulmanos*, com a possível exceção de um britânico (eu). Os outros certamente estavam enviando e-mails de países muçulmanos, países do eixo do mal, na verdade. Isso nunca havia acontecido com Guy antes. Seriam eles da Al-Qaeda? Poderiam ser agentes de Bin Laden esperando aprender a encarar as pessoas até a morte? Seria esse o início de toda uma nova subdivisão paranormal da Al-Qaeda?

As Forças Especiais instruíram Guy a se encontrar comigo, porque, muito provavelmente, eu também era da Al-Qaeda.

"Cuidado com o que você diz a ele", aconselharam.

As Forças Especiais tinham até mesmo - fiquei surpreso ao saber - falado ao telefone com Guy na mesma manhã em que o visitei. Enquanto eu estava tomando café no Red Lobster, eles telefonaram para Guy e disseram: "Ele já apareceu? Tome cuidado. E filme-o. Grave-o. Queremos saber quem são essas pessoas...'

Não sei ao certo em que momento do dia em que passamos juntos Guy decidiu que eu não era um terrorista islâmico. Talvez tenha sido quando descobri que sua filha dançou com Richard Gere no filme *Chicago* e gritei: "Catherine Zeta Jones foi *brilhante* nesse filme!

Nem mesmo um terrorista infiltrado da Al-Qaeda pensaria em ser *tão* feio.

Sei que durante toda a nossa conversa sobre hamsters, Guy ainda estava convencido de que eu não era um jornalista de verdade. Quando falei sobre meus "leitores proprietários de hamsters", Guy olhou para mim com ar duvidoso porque acreditava que eu não tinha leitores e que estaria relatando os eventos do dia não para o público, mas para uma célula terrorista.

Essa é a razão - explicou Guy - pela qual houve uma confusão tão grande quando vi a foto do soldado cortando uma cabra com um golpe de caratê até a morte. Não era um golpe de caratê comum, revelou Guy. Era o toque da morte.

O toque da morte? perguntei.

Guy me falou sobre o toque da morte. Segundo ele, era o lendário *Dim Mak*, também conhecido como palma trêmula. O toque da morte é um golpe muito leve. A cabra está longe de ser golpeada. Sua pele não está quebrada. Não há nem mesmo um hematoma. A cabra fica parada com uma expressão atordoada no rosto por cerca de um dia, antes de cair morta de repente.

"Imagine se a Al-Qaeda tivesse esse tipo de poder", disse Guy. "Ficar olhando é uma coisa. O toque da morte é outra bem diferente.

Por isso ficamos todos tão assustados quando você viu a foto. Ainda não sabíamos se *você* era da Al-Qaeda".

E foi assim que a vida de Guy sofreu uma nova e estranha reviravolta. Seria ele um instrutor de dança e artes marciais durante o dia e um agente secreto infiltrado em uma unidade paranormal até então desconhecida da Al-Qaeda durante a noite?

Nas semanas seguintes, Guy e eu mantivemos contato.

"Eu me reuni com *outro* departamento", ele me disse em uma

ligação. "Segurança Nacional? perguntei.

Não posso lhe dizer *isso*", disse Guy. Mas eles têm certeza de que um dos caras que me contataram é da Al-Qaeda. Eles têm *certeza* disso".

"Como eles sabem? perguntei.

"O nome confere", disse Guy. O número de telefone também. O número de telefone está em uma *lista*.

O que o pessoal da inteligência disse a você? Eu perguntei.

Eles disseram: "Sim, sim. Ele é um dos caras, com certeza". "Al-Qaeda?

"Al-Qaeda", disse Guy.

"Vocês são *iscas*? Eu perguntei.

"É o que parece", disse Guy. Está ficando meio complicado aqui.

"Você é a isca", eu disse.

"Vou lhe dizer, Jon", disse Guy, "essas pessoas da inteligência me veem como um cachorro. Um *cachorro!* Eu disse a eles: 'Eu tenho uma família'. "Sim, sim", eles disseram. 'Ter uma família é muito, muito bom'. Somos realmente dispensáveis. Vou acabar pendurado em um poste de luz. Um maldito *poste de luz*".

Nesse momento, ouvi a esposa de Guy dizer: "Muito engraçado, porra". "Espere um pouco", disse Guy.

Guy e sua esposa tiveram uma conversa abafada.

"Minha esposa disse que eu não deveria estar falando assim ao telefone", disse ele. Vou desligar agora.

"Mantenha-me informado! Eu disse.

E Guy o fez. À medida que os vários esquemas para capturar a possível subdivisão paranormal da Al-Qaeda mudavam, Guy me mantinha informado sobre os acontecimentos. O plano A era que Guy convidasse essas pessoas para os Estados Unidos. Depois, o pessoal da inteligência mudou de ideia e disse a Guy: "Não os queremos *aqui*".

O Plano B, muito mais arriscado, era Guy viajar para o país *deles*. Ele iria Ele lhes ensinaria um poder psíquico relativamente benigno e relataria tudo o que visse e ouvisse.

Guy lhes disse: "De jeito nenhum".

O plano C era Guy encontrá-los em um local neutro - talvez Londres. Ou na França. O plano C era adequado para ambos os campos e parecia ser o mais provável de prosseguir.

"Eu adoraria ter você lá", disse Guy.

Guy me enviou um trecho de um e-mail que, segundo ele, foi "absoluta e positivamente" escrito por um agente da Al-Qaeda. O texto era o seguinte:

Prezado senhor Savelli,

Espero que você esteja bem e em forma. Estou ocupado com minha nave campeã, minha nave campeã está sendo bem-sucedida. Senhor Savelli, por favor, diga-me se posso me candidatar à afiliação em sua Federação, então o que é um prosiger, por favor, diga-me um detalhe.

E era isso. Parecia que um de dois cenários estava se desenrolando. Ou Guy estava no meio de uma sensacional operação de espionagem ou um jovem e infeliz entusiasta de artes marciais que só queria se filiar à federação de Guy estava prestes a ser enviado para a Baía de Guantánamo. Tudo o que podíamos fazer era esperar.

6. PRIVATIZAÇÃO

Até agora, esta tem sido uma história sobre coisas secretas realizadas clandestinamente

dentro de bases militares nos Estados Unidos. De tempos em tempos, os resultados tangíveis desses esforços secretos chegam à vida cotidiana, mas sempre muito distantes de suas raízes sobrenaturais. Ninguém que entrou em contato com a Espuma Pegajosa do Coronel Alexander, por exemplo - nem os prisioneiros que foram colados em suas celas por ela, nem as equipes de TV que filmaram sua utilização parcialmente desastrosa na Somália, nem mesmo, eu diria, os soldados que a levaram para o Iraque na esperança de borrifá-la sobre as ADMs - sabia que ela era produto de uma iniciativa paranormal do final da década de 1970.

De repente, porém, em 1995, uma parte palpável da loucura vazou da comunidade militar para o mundo civil. O homem que fez o vazamento era um prodígio errante do General Stubblebine.

O que aconteceu foi o seguinte.

Quando criança, nos anos 70, Prudence Calabrese adorava assistir a *Dr. Who* e documentários científicos.

Ela cresceu em uma mansão decadente na Nova Inglaterra. Quando seus pais saíam nas noites de sábado, as crianças pegavam seu tabuleiro Ouija feito em casa e tentavam entrar em contato com o fantasma do antigo proprietário, que aparentemente havia se enforcado no celeiro por ser alcoólatra e impopular com os vizinhos. Eles realizavam sessões espíritas em festas do pijama.

Queríamos ter experiências incomuns", disse-me Prudence quando nos sentamos à mesa de sua cozinha em Carlsbad, San Diego. Todos nós nos reuníamos, acendíamos velas, apagávamos as luzes e tentávamos fazer uma mesa se levantar apenas tocando-a.

"Ela chegou a se levantar? perguntei a ela.

"Bem, sim", disse Prudence. Mas nós éramos crianças. Olhando para trás, não tenho certeza se todo mundo apenas acrescentou um pouco de esforço e isso a fez subir.

"Com seus joelhos?", perguntei.

"Sim", disse Prudence. "É difícil dizer.

Às vezes, Prudence e suas amigas corriam para fora e tentavam ver OVNIs. Elas achavam que tinham visto um uma vez.

Prudence frequentou a universidade local, mas engravidou quando tinha 18 anos, então desistiu e começou a administrar um parque de trailers local com seu primeiro marido, Randy. Ela trabalhou como dançarina em uma fantasia de porco na feira estadual, voltou para a faculdade, estudou física, desistiu, teve outros quatro filhos, ensinou dança do ventre para aposentados em Indiana e, finalmente, acabou com um novo marido chamado Daniel em um apartamento em Atlanta, administrando uma empresa de design de sites. Foi lá, em 1995, que Prudence ligou a TV uma noite. Um militar estava na tela.

"O que ele estava dizendo? Perguntei a Prudence. "Ele não disse que era um Obi-Wan Kenobi da vida real?

"Foram exatamente essas as palavras que ele usou", disse Prudence. "Um Obi-Wan Kenobi da vida real".

Trabalhando para o exército dos EUA?

"Trabalhando para o exército dos EUA", disse Prudence.

"E até aquele momento ninguém sabia que essas pessoas existiam? I

perguntei.

"Sim", disse Prudence. Até aquele momento, elas tinham sido mantidas completamente
secreto. Ele estava falando sobre como usava apenas sua mente para acessar qualquer coisa em todo o universo. E como os militares o usavam, e a outros espiões psíquicos como ele, para evitar guerras e descobrir coisas secretas sobre outros países. Ele disse que eles eram chamados de visualizadores remotos. Sim. De acordo com sua história, ele fazia parte de uma equipe secreta de espiões psíquicos e era um dos líderes da unidade. E ele não se parecia com o que se esperava. Não parecia ter poderes super secretos".

"Como ele era? Prudence riu.

Ele era baixo e magro e tinha um penteado maluco dos anos 70 e um bigode. E nem parecia um militar, muito menos um espião psíquico. Parecia apenas uma pessoa estranha, uma pessoa que você veria na rua".

O homem na TV disse que tinha autorização de alto nível. Ele disse que sabia a localização exata de Saddam Hussein e da arca perdida da aliança. Prudence ficou paralisada. Enquanto assistia à TV, suas paixões de infância há muito esquecidas voltaram a ela: o tabuleiro Ouija, *Dr. Who*, os projetos de ciências que costumava fazer na escola.

Lembrei-me do motivo pelo qual eu gostava tanto de ficção científica e de ler todas aquelas histórias sobre videntes e alienígenas", disse ela.

Naquele momento, Prudence decidiu que era isso que ela queria fazer de sua vida. Ela queria ser como o homem na TV, saber as coisas que ele sabia, ver as coisas que ele podia ver.

Seu nome era Major Ed Dames.

O General Albert Stubblebine ficou feliz em conversar comigo sobre sua incapacidade de atravessar paredes e levitar, e seu aparente fracasso em interessar as Forças Especiais em sua iniciativa de explodir corações de animais. Ele me contou esses incidentes de forma alegre, embora não devam ter sido boas lembranças para ele. A única vez durante nossos encontros que um olhar angustiado cruzou seu rosto foi quando a conversa se voltou para o assunto de seu prodígio, o Major Ed Dames.

"Me incomodava muito o fato de ele falar", disse ele. "Lá estava ele, yap, yap, yap, yap, yap, yap". O general fez uma pausa. "Yap, yap, yap, yap, yap, yap", disse ele, com tristeza. Se alguém deveria ter colocado uma mordaça na boca, esse alguém era Ed Dames. Ele estava *claramente* falando quando deveria estar ouvindo. Muito perturbador, diga-se de passagem.

Por quê?

Ele fez o mesmo juramento que eu fiz: "Juro que não divulgarei". Mas ele passou por cima de todo mundo para falar. Ele estufou o peito. "Eu era um deles! Ele queria ser rei".

Ed Dames foi um dos recrutas pessoais do General Stubblebine. Quando o general assumiu o comando da unidade psíquica secreta em 1981, ele permitiu que um grupo de colegas entusiastas das forças armadas participasse do programa. Até então, a pesquisa psíquica do governo dos Estados Unidos se concentrava basicamente em três

homens: um ex-policial e empreiteiro de construção chamado Pat Price; e dois soldados, Ingo Swann e Joe McMoneagle. Esses três eram considerados por todos, com exceção dos céticos mais ferrenhos, como tendo algum tipo de dom incomum. (O dom de Joe McMoneagle aparentemente se manifestou depois que ele caiu de um helicóptero no Vietnã).

Mas o general Stubblebine acreditava fervorosamente na doutrina do Primeiro Batalhão Terrestre de que todo ser humano vivo era capaz de realizar milagres sobrenaturais e, por isso, abriu as portas da unidade secreta, e Ed Dames era um de seus integrantes.

Quando criança, Ed Dames era um grande fã do Pé Grande, de OVNIs e de programas de ficção científica. Ele tinha ouvido rumores sobre a unidade enquanto estava estacionado, convencionalmente, na estrada dos espiões psíquicos em Fort Meade e, por isso, pediu ao General Stubblebine que o deixasse entrar. Talvez seja por isso que o general continua tão irritado com Ed Dames nove anos depois que Prudence o viu revelar os segredos da unidade na TV naquela noite. Talvez ele se sinta parcialmente responsável pelas coisas terríveis - envolvendo Prudence - que aconteceram em seguida.

Em 1995, Ed de repente, e repetidamente, revelou tudo em grande estilo. Ele começou a aparecer em programas de TV e de rádio. Ele não mencionou o olhar de bode, nem o andar na parede, nem o Primeiro Batalhão da Terra, mas falou com prazer sobre a unidade psíquica secreta.

Mas foi o programa de Art Bell que realmente transformou Ed em um superstar.

Art Bell transmite da pequena cidade desértica de Pahrump, Nevada. Pahrump raramente aparece nos noticiários, embora já tenha sido manchete por ter a maior taxa de suicídio per capita dos Estados Unidos. Dezenove dos 30.000 habitantes de Pahrump tendem a se matar todos os anos. Pahrump também é o lar do bordel mais famoso do mundo, o Chicken Ranch, a algumas ruas empoeiradas de onde fica a casa de Art Bell. Ela é azul e extensa, cercada e rodeada por antenas. Art Bell pode estar situado no meio do nada, e seu programa pode ser transmitido na calada da noite, mas ele é distribuído em mais de 500 estações AM para um público de cerca de 18 milhões de americanos.

Em seu auge, segundo me disseram, Art Bell tinha 40 milhões de ouvintes, muitos dos quais eram atraídos pela aparição de Ed Dames. Dames se tornou uma espécie de presença regular no programa. Aqui está um trecho típico de uma de suas aparições em 1995.

ART BELL:

Se você se lembra, o governo, ao longo de muitos anos, investiu muito dinheiro, tempo e esforço na visão remota. Portanto, não é tão louco quanto parece. Consegui colocar o Major Dames na linha. Sei que é muito, muito tarde. Major, bem-vindo ao programa.

ED DAMES:

Obrigado, Art.

ART BELL:

O que pode nos dizer?

ED DAMES:

Bem, além de nosso treinamento e de nossos contratos de alto nível que

para várias agências - rastreando terroristas para o governo - temos dados que indicam que bebês humanos morrerão em breve, muitos bebês humanos... Parece que há um vírus da AIDS bovina em desenvolvimento. Essa AIDS bovina se tornará um insulto toxicológico aos bebês humanos e eles morrerão em números relativamente grandes.

ART BELL:

Deus. Ufa!... Não há escapatória, não é?

ED DAMES:

Não, parece que não há escapatória.

ART BELL:

Oh, Deus, essa é uma notícia *horrível*.

Art Bell já foi anfitrião de muitos profetas da desgraça ao longo dos anos, mas esse, sensacionalmente, era um major do Exército dos EUA com autorização de segurança de alto nível. Ed continuou. Sim, milhões de bebês americanos estavam prestes a desenvolver AIDS por beberem leite de vaca infectado. Ele disse que isso era algo que ele havia percebido psiquicamente quando ainda estava no exército e que havia passado a informação para seus superiores.

Portanto, os oficiais do alto escalão da Inteligência Militar também sabiam disso.

Art Bell ficou ofegante com a revelação de que o pré-conhecimento desse cataclismo iminente chegava até o topo.

Além disso, Ed disse que, em breve, ventos de 300 mph assolariam os Estados Unidos, acabando com todo o trigo, e todos teriam que ficar em casa praticamente pelo resto de suas vidas.

Foi ótimo!", relembrou Prudence na mesa de sua cozinha em San Diego. Esses foram os dias de glória da visão remota. As pessoas estavam tão empolgadas com isso. Parecia tão fantástico. Ed Dames tornou-se imediatamente um dos entrevistados favoritos de Art Bell. Ele estava sempre no ar. Ele disse que seríamos queimados por uma enorme erupção solar, que acabaria com a maior parte da vida na Terra. E ele disse que um cometa que se aproximava, o Hale-Bopp, iria lançar um patógeno vegetal".

"Sério?", perguntei.

Sim. Ele disse que uma raça alienígena havia anexado um recipiente ao Hale-Bopp e que esse recipiente seria lançado sobre a Terra e que algum tipo de vírus sairia e comeria toda a vida vegetal e que teríamos de viver de minhocas e no subsolo. Prudence riu.

"Ed Dames disse isso?

'Ah, sim! E ele tinha datas específicas para isso. Ele disse que isso aconteceria em fevereiro de 2000".

Nós dois rimos.

"E quanto à AIDS bovina?", perguntei.

"Aids bovina!", disse Prudence. Ela ficou séria. "Vaca louca", disse ela.

Entre 1995 e hoje, além da AIDS bovina e dos ventos de 300 mph, o Major Ed Dames previu publicamente o seguinte, principalmente no programa de Art Bell: marcianas grávidas que vivem no subsolo do deserto surgirão para roubar fertilizantes de empresas americanas; a AIDS terá origem em cães, não em macacos; fungos voadores serão descobertos em cães, não em macacos; e a AIDS será descoberta em macacos.

cães, e não em macacos; fungos voadores de cilindros do espaço sideral destruirão todas as plantações; a existência de Satanás, anjos e Deus será provada sem qualquer dúvida; e um raio em um campo de golfe em abril de 1998 mataria o presidente Clinton.

E misturado a isso", disse Prudence, "ele falava sobre suas experiências com o exército, o que fazia com que todas essas coisas malucas parecessem muito mais reais e tangíveis". O governo não contestou o fato de ele ser um espião psíquico; elogiaram seus esforços; ele ganhou *medalhas*. Ele foi dispensado com honra. Tudo a seu respeito foi comprovado".

Às vezes, para alguns dos ouvintes de Art Bell, deve ter soado como se eles estivessem espionando reuniões de alto nível dentro do Pentágono", eu disse.

Parecia tão real", disse Prudence. Ele falava sobre como os militares haviam investido 20 milhões de dólares do dinheiro dos contribuintes na pesquisa, então tudo fazia sentido.

O que os ouvintes de Art Bell não sabiam é que Ed Dames era um espião psíquico militar atípico. A maioria dos colegas de Ed na unidade secreta em Fort Meade passava seu tempo visualizando psiquicamente coisas extremamente entediantes, principalmente coordenadas de mapas. Ed, enquanto isso, concluía psiquicamente que o Monstro do Lago Ness era o fantasma de um dinossauro. Se um dos contemporâneos menos coloridos de Ed tivesse optado por contar a história e ido ao Art Bell para falar sobre coordenadas de mapas, duvido que os milhões de ouvintes teriam ficado tão encantados.

As aparições de Ed na mídia podem ter acelerado o fim da unidade secreta. A CIA a desclassificou oficialmente e a fechou em 1995. Os soldados de infantaria do General Stubblebine estavam tentando ser psíquicos durante a maior parte de suas carreiras, e agora estava tudo acabado. Depois de anos vivendo simultaneamente em um mundo onde rotineiramente avançavam e recuavam no tempo e no espaço - dentro da sala de Noriega na Cidade do Panamá em um minuto, rastejando psiquicamente pelos palácios de Saddam Hussein no Iraque no minuto seguinte - e em um mundo mais banal, onde seu status de Black-Op lhes negava uma máquina de café e um orçamento para manutenção de prédios, eles emergiram em um mundo talvez o mais estranho de todos: o mundo civil.

Durante algum tempo, em meados da década de 1990, parecia que poderia haver muito dinheiro a ser ganho. Ed Dames mudou-se para Beverly Hills, onde teve reuniões de alto nível com executivos de Hollywood. Ele começou a negociar com a Hanna-Barbera, criadora do *Scooby Doo*, sobre a possibilidade de se transformar em um personagem de desenho animado para um programa infantil de sábado de manhã sobre super soldados que usavam seus poderes psíquicos para derrotar os malfeitores. Ele criou uma escola de treinamento de espionagem psíquica, cobrando dos alunos US$ 1.400 por um "programa rigoroso de quatro dias, altamente personalizado (um a um)".

O slogan de sua empresa era "Aprenda Visualização Remota com o Mestre".

Em um sábado de verão, Ed Dames e eu passamos por Maui em seu jipe. (Assim como Jim Channon e o sargento Glenn Wheaton, que me contaram pela primeira vez que as Forças Especiais haviam realizado atividades secretas de encarar cabras em Fort Bragg, Ed se estabeleceu nas ilhas havaianas).

Ed usava grandes óculos escuros - seus olhos eram a única parte de seu rosto que aparentava sua idade.

rosto que aparentava sua idade. Ed tem cinquenta e cinco anos agora, mas tudo o mais nele é adolescente - seu cabelo de surfista, seus jeans rasgados, sua energia maníaca. Ele segurava um café Starbucks em uma mão e dirigia o jipe com a outra.

As pessoas do exército ficaram chateadas com você por ter contado sobre a existência da unidade secreta no programa do Art Bell?

"Cruzado?", disse ele. "Irritado? Irritado? Pode apostar. "Qual foi seu motivo para fazer isso? perguntei.

"Eu não tinha nenhum motivo". Ed deu de ombros. "Eu não tinha motivo algum.

Continuamos a dirigir. Estávamos na estrada da praia.

Eu me mudei para cá por causa da paz e da beleza", disse Ed. Mas, sim, no horizonte há algumas coisas muito, muito desagradáveis chegando. As coisas vão se tornar sombrias.
As coisas ficarão feias. Este é um bom lugar para estar quando isso acontecer. "O que vai acontecer?

"Todos nós vamos morrer!", disse Ed. Ele riu. Mas depois disse que estava falando sério.

"Na próxima década, a humanidade verá algumas das mudanças mais catastróficas na civilização que já viu em toda a sua história registrada. Mudanças na Terra. Coisas do tipo biblicamente proféticas.

"Como pragas? Perguntei.

Não, isso é menor", disse Ed.

"Pior do que pragas?

Doenças devastarão a humanidade, mas estou falando de mudanças reais na Terra e não estou brincando.

Vulcões e terremotos?

"O eixo da Terra vai oscilar e isso vai sacudir os oceanos", disse Ed. Geofisicamente, teremos um passeio selvagem do Sr. Toad na próxima década.

"Essas são coisas que você visualizou psiquicamente? perguntei. "Muitas e muitas vezes", disse Ed.

Prudence diz que foi ligando a TV um dia em Atlanta e vendo você que ela começou a se interessar pela visão remota", eu disse.

Houve um silêncio. Eu queria avaliar a reação de Ed ao ouvir o nome Prudence. Tantas coisas terríveis haviam acontecido que eu estava curioso para ver se ele se retrairia, mas ele não se retraiu. Em vez disso, ele se mostrou vago.

A maioria das pessoas que praticam a visão remota nas ruas hoje são meus alunos ou alunos de meus alunos", disse ele.

Isso era verdade. Embora muitos dos antigos colegas militares de Ed tenham acabado por criar suas próprias escolas de treinamento após o fechamento da unidade, Ed fez uma campanha insinuando que todos os outros videntes secretos eram psiquicamente inferiores a ele. Funcionou. Enquanto a casa de Ed em Maui fica em um condomínio fechado fabulosamente opulento perto da praia, alguns de seus ex-colegas - como o psíquico Sargento Lyn Buchanan - são obrigados a lutar como engenheiros de computação e assim por diante. Lyn Buchanan é uma figura lendária no circuito de OVNIs, mas sua personalidade gentil negou-lhe a oportunidade de conquistar um nicho no setor privado de espionagem psíquica, cada vez mais acirrado.

Prudence queria que Ed a ensinasse a ser uma espiã psíquica, "mas Ed não tinha nenhuma vaga", disse ela. Ele ficou lotado por dois anos seguidos.
Todo mundo queria ser um espião psíquico como Ed Dames".

Então, ela se contentou com o segundo melhor: um professor de ciências políticas de Atlanta. Seu nome era Dr. Courtney Brown.

As credenciais de Courtney Brown eram impressionantes. Ele podia não ser um espião militar de alto nível, mas era um acadêmico de uma universidade bem conceituada, cuja "declaração de visão", conforme descrito em seu prospecto, era "ser excelente em descobertas, gerar sabedoria, incutir integridade e honra, estabelecer padrões seguidos por outros, ser procurado e valorizado por suas opiniões e fazer descobertas que beneficiem o mundo".

"Foi incrível para mim", disse Prudence. 'O Dr. Courtney Brown foi praticamente o primeiro aluno civil de Ed Dames e depois criou sua própria escola de treinamento, o Farsight Institute, em Atlanta. Eu estava em Atlanta. Eu morava na única cidade fora de Los Angeles onde era possível obter treinamento em visão remota. Então, me inscrevi imediatamente!

A Dra. Courtney Brown é bonita e inteligente, tem olhos de pombinha e é elegante. Depois de fazer um curso individual de oito dias de vidência com Ed Dames, ele começou a ensinar sua versão do método Dames a vários alunos.

Ele e Prudence se tornaram grandes amigos. Ela administrava o site e o diário dele.
Juntos, eles se sentavam no porão do Dr. Brown e espionavam psiquicamente seus alvos favoritos, alienígenas, bestas míticas e assim por diante, as mesmas coisas fantásticas que Ed Dames costumava ver remotamente dentro da unidade militar.

Em julho de 1996, Prudence recebeu uma ligação de Art Bell. Seus milhões de ouvintes tinham ficado loucos por Ed Dames e estavam ansiosos para ouvir qualquer coisa relacionada. O Dr. Brown estava disponível para aparecer em seu programa?

"Todo dia era uma nova aventura", Prudence me disse, "mas essa foi a maior aventura até agora".

No programa, Art Bell perguntou a Courtney Brown se ele concordava com o Major Dames sobre o "grande número de bebês morrendo" e os iminentes "tremendos ventos na Terra".

COURTNEY BROWN:

Definitivamente, há mudanças climáticas a caminho.

ART BELL:

Como o quê?

COURTNEY BROWN:

No período de vida de nossos filhos, começaremos a entrar em um cenário de *Mad Max*.
A essa altura, está bem claro que a civilização precisa se agachar e ir para abrigos subterrâneos.

ART BELL:

Abrigos subterrâneos, professora Brown?

COURTNEY BROWN:

Sim. A população está se desintegrando. Os sistemas políticos estão desmoronando. Há gangues errantes na superfície. A população basicamente sobrevive em

bunkers subterrâneos. E nem todo mundo pode ir para os bunkers. A maioria das pessoas tem de lutar na superfície.

ART BELL:

Bem, desculpe-me se eu disser que é uma fumaça sagrada, Dr. Brown. Se você soubesse o quanto o que acabou de dizer se parece com o que o Major Dames disse, acho que provavelmente começaria a cavar.

Os civis que haviam treinado com Ed Dames pareciam ter herdado o desdém do professor por seus antigos colegas. No programa de Art Bell, Courtney Brown disse que eles não estavam intelectualmente equipados para lidar com os subprodutos mais profundos de suas adivinhações. Por exemplo, se a CIA pedisse a um espião psíquico para caçar Saddam Hussein e, enquanto se arrastava psiquicamente por um palácio de Bagdá, o espião encontrasse um extraterrestre escondido nas sombras, ele continuaria andando até encontrar o ditador. Certamente, sugeriu Courtney Brown aos ouvintes de Art Bell, qualquer espião psíquico que se preze pararia e se envolveria com o extraterrestre, mas, oh não, não os médiuns militares. Art Bell concordou que isso parecia uma loucura - e falar sobre oportunidades desperdiçadas.

ART BELL:

Você fez um projeto profissional sério em Marte, não foi?

COURTNEY BROWN:

Bem, estudei duas espécies de ETs - uma espécie chamada Greys e os marcianos. Há muito tempo, na época em que os dinossauros vagavam pela Terra, havia uma antiga civilização marciana...

Quando a civilização marciana foi exterminada por algum cataclismo planetário em Marte, na época dos dinossauros, explicou a Dra. Courtney Brown, "a Federação Galáctica autorizou um grupo de resgate de Greys para salvá-los".

Muitos marcianos foram resgatados", disse ele. Levados para fora do planeta?", perguntou Art Bell.

"Sim", disse Courtney Brown. Mas agora eles estão em cavernas subterrâneas em Marte. Eles estão felizes por terem sido resgatados, mas gostariam muito de ter sido trazidos para a Terra. O problema é que eles estão basicamente em um planeta morto. Eles precisam ir embora. Eles estão entre a espada e a parede. Eles têm que sair de Marte. Eles precisam vir para cá. Mas *esse* planeta é povoado por uma espécie humana agressiva e hostil que tem filmes sobre invasões de Marte, e os próprios marcianos estão aterrorizados. Os resultados da exibição remota sobre isso são absolutamente inequívocos".

Courtney Brown disse que os marcianos certamente chegariam à Terra dentro de dois anos. Art Bell imediatamente fez a pergunta que, presumivelmente, estava assombrando os ouvintes anti-imigração mais à direita em sua audiência:

ART BELL:

Pergunta importante. Quantos marcianos existem?

COURTNEY BROWN:

Isso não causará um problema populacional. Provavelmente estamos falando do suficiente para povoar uma cidade razoável.

ART BELL:

Esse é um número pequeno, na verdade.

COURTNEY BROWN:

Você pode dizer: qual é o incentivo? Por que deveríamos ajudá-los? Na verdade, as pessoas me disseram: 'Esqueça o altruísmo de termos um bom nome na galáxia. Por que deveríamos ajudar alguém? Tivemos problemas para aceitar refugiados cambojanos e vietnamitas no final da Guerra do Vietnã, então por que deveríamos ajudar os marcianos?

A resposta de Courtney para esses isolacionistas terráqueos: esqueça o altruísmo. Os marcianos têm uma "vantagem tecnológica de cento e cinquenta anos sobre nós. Imagine se alguém como Saddam Hussein disser a eles: 'Ei, você quer um lugar para pousar? Venham para cá".

Por isso, Courtney Brown afirmou, com certa urgência em sua voz, que era imperativo que o governo dos Estados Unidos aproveitasse a oportunidade e "colocasse essas naves marcianas sob o comando da OTAN. Coloquem esses marcianos no país por meio dos processos de imigração adequados".

Nesse ponto, Art Bell expressou sua preocupação com o fato de que "pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas". Mesmo que os marcianos fossem inerentemente pacíficos, talvez suas condições de vida sem esperança nas cavernas de Marte pudessem torná-los inesperada e ingratamente violentos quando os americanos viessem salvá-los. Não foi essencialmente isso que aconteceu em Granada e no Vietnã?

Courtney Brown lhe garantiu que entendia sua preocupação, mas que isso não aconteceria.

Prudence achou que Courtney se saiu muito bem no programa de Art Bell. O

carisma de Courtney saltou das ondas do rádio para o seu colo", disse ela. Dava para sentir a sinceridade e a ternura dele ao dizer suas palavras.

E, enquanto Prudence ouvia o programa naquela noite, seu telefone tocou.

"Pru", disse a voz. É o Wolfie.

Wolfie era, segundo Prudence, o apelido na Internet de uma mulher chamada Dee, noiva de um locutor de rádio de Houston chamado Chuck Shramek. Prudence havia conhecido Dee e Chuck em uma sala de bate-papo na Internet; eles haviam trocado e-mails, mas nunca haviam conversado pessoalmente.

"Pru", disse Dee, "há algo que você precisa ver". Chuck conseguiu uma foto do cometa Hale-Bopp e há algo ao lado dela, vou enviá-la para você'.

Naquele momento, a caixa de entrada do e-mail de Prudence piscou. Ela abriu o anexo e encontrou uma fotografia. Chuck, disse Dee, a havia tirado de um telescópio em seu quintal. Ele era um astrônomo amador. Ao lado do cometa Hale-Bopp, à direita do quadro, parecia haver algum tipo de objeto.

SPECIAL_IMAGE-p%3e%0a%3cp%20class%3d-REPLACE_ME Quando Prudence viu essa fotografia, ela chorou.

"O objeto companheiro", ela me disse, "brilhava mais do que qualquer estrela".

Nos dias que se seguiram, Prudence, Courtney Brown e os outros alunos de Courtney começaram a trabalhar seriamente na visualização psíquica do objeto em forma de Saturno ao lado do Hale-Bop.

em forma de Saturno ao lado do cometa Hale-Bopp.

"E descobrimos", disse Prudence, "que era artificial. E não foi um erro da câmera do Chuck. Era um objeto real. E era de origem alienígena. Parecia um enorme objeto redondo de metal e tinha todos esses amassados. Recortes côncavos. E tinha antenas e tubos saindo para fora. E estava vindo em nossa direção! Ficamos muito empolgados. Courtney Brown ligou para Art Bell imediatamente".

Em 14 de novembro de 1996, Art Bell anunciou dois convidados em seu programa: Chuck Shramek e Courtney Brown.

ART BELL:

Chuck, bem-vindo ao programa.

CHUCK SHRAMEK:

Obrigado, Art, é ótimo estar aqui.

ART BELL:

Você é um astrônomo amador, certo?

CHUCK SHRAMEK:

Sou desde os oito anos de idade. Agora estou com quarenta e seis.

ART BELL:

Então não é tão amador assim!

CHUCK SHRAMEK:

Ha ha ha!

Chuck começou a descrever sua fotografia, como ele a tirou, como seu coração começou a bater forte quando percebeu que o objeto - o "companheiro" do Hale-Bopp - não era uma estrela, porque ele verificou seu mapa estelar e não havia nenhuma estrela como aquela na vizinhança do cometa.

CHUCK SHRAMEK:

Isso é muito importante. E parece haver anéis semelhantes aos de Saturno. Isso é incrível.

ART BELL:

O que poderia ser?

CHUCK SHRAMEK:

Bem, acho que essa pode ser uma área para a Courtney entrar. Não tenho ideia.

ART BELL:

Então, aí está, Chuck em Houston. Vamos perguntar a Courtney Brown sobre o que é tudo isso. Talvez ele possa ajudar. Suspeito que sim.

Após o intervalo, Courtney Brown ofereceu o nocaute - o resultado de seu estudo psíquico, o de Prudence e o do Farsight Institute sobre a fotografia de Chuck Shramek.

ART BELL:

Eu vi a fotografia do Hale-Bopp e ela é realmente estranha. Há algo realmente grande lá fora. Não faço ideia do que seja, mas seja o que for, é real. Bem, professor, o que diabos é isso?

COURTNEY BROWN:

Estou disposta a lhe contar. Quer que eu lhe diga?

ART BELL:

Conte-me.

Courtney tentou parecer científico e sensato, mas não conseguiu esconder sua empolgação.

COURTNEY BROWN:

As informações que estou prestes a lhe dar são tão abrangentes, tão incríveis, que você vai se perguntar: como isso é possível? Lembre-se, sou PhD.

ART BELL:

Certo.

COURTNEY BROWN:

Esse objeto tem aproximadamente quatro vezes o tamanho do planeta Terra e está vindo em nossa direção. Aparentemente, ele tem túneis. E está se movendo por meios artificiais. Está sob controle inteligente. É um veículo. E há uma *mensagem* vindo dele.

ART BELL:

Oh, meu Deus! Há uma mensagem vindo dele?

COURTNEY BROWN:

Esses seres estão tentando se comunicar conosco. Esse objeto é *senciente*. Ele está vivo. Ele *tem conhecimento*. É algo como o obelisco de *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Ele tem corredores. Esta é uma boa notícia. Nosso tempo de ignorância, nosso tempo de escuridão, está chegando ao fim. Estamos entrando em uma época de *grandeza*. *Há mais* deles chegando!

ART BELL:

O quê?

COURTNEY BROWN:

Meu senhor... Meu senhor...

ART BELL:

Há *mais* desses a caminho? Pessoal, esta não é uma transmissão falsa *da Guerra dos Mundos*.

São notícias de última hora. Sinto-me como se tivesse sido atingido por uma marreta.

COURTNEY BROWN:

Art, essa é real.

Houve um breve silêncio e, em seguida, Art Bell falou, e sua voz tremeu um pouco.

ART BELL:

De alguma forma, eu sempre senti que estaria à disposição para isso.

Naquela noite, o site de Art Bell caiu com o volume de tráfego - ouvintes tentando se conectar para poder ver a fotografia de Chuck Shramek. Finalmente, em apenas alguns meses - aproximadamente em meados de março de 1997, na verdade - os marcianos estavam chegando.

Uma coisa extraordinária sobre a Internet é como ela pode congelar e preservar momentos no tempo. Se você procurar bem, poderá encontrar os pensamentos de alguns dos ouvintes de Art Bell naquela noite, enquanto digitavam apaixonadamente com o rádio

tocando ao fundo:

Isso está realmente acontecendo? Oh, cara, isso é incrível!!! No Art Bell, foi anunciado que alguns astrônomos estão vendo, de repente, um objeto enorme parecido com Saturno perto do nosso cometa Hale-Bopp! Ele está sob controle inteligente e está conectado a ETs!

Caros amigos,

Enquanto essa incrível notícia está sendo divulgada, estou digitando descontroladamente.

FLASH!!! Movendo-se em direção à Terra, um objeto celeste com quatro vezes o tamanho da Terra segue logo atrás do cometa Hale-Bopp; uma esfera em forma de anel, fonte de luz autoemissora, superfície uniformemente lisa e luminescente. Será essa a vinda do
anti-Cristo?

Prudence também foi ao Art Bell, alguns dias depois, para esclarecer suas descobertas psíquicas sobre o companheiro do Hale-Bopp. Ela e Courtney foram inundadas com telefonemas e e-mails.

Milhares de e-mails", disse Prudence. Enviamos uma resposta padrão para muitos deles porque não é possível responder a todo o mundo. É preciso escolher".

Um e-mail, entre os milhares de outros, pareceu particularmente estranho para Prudence. Ele perguntava: "O companheiro nos elevará a um nível acima do humano?

Prudence ficou olhando para esse e-mail por um momento e depois enviou a resposta padrão: "Obrigado por seu interesse no Farsight Institute. Aqui está nossa programação das próximas aulas...'

Em uma casa branca e imaculada em um subúrbio muito rico de San Diego, Califórnia, em meados de março de 1997, um ex-professor de música do Texas chamado Marshall Applewhite ligou sua câmera de vídeo, apontou-a para si mesmo e disse: "Estamos tão empolgados que não sabemos o que fazer porque estamos prestes a reentrar no nível acima do humano!

Ele desviou a câmera de vídeo de si mesmo para uma sala cheia de pessoas. Todas estavam vestidas exatamente da mesma forma, com uniformes abotoados de seu próprio projeto, como algo saído *de Jornada nas Estrelas*, com um emblema no braço que dizia: "Equipe de exploração de Heavens Gate".

Todos eles, como Marshall Applewhite, estavam sorrindo.

"Heavens Gate *Away* Team!", disse Marshall Applewhite para a câmera de vídeo. É exatamente isso que significa para nós. Estivemos fora e agora estamos *voltando*. Estou muito orgulhoso desses alunos do nível evolutivo acima do humano. Eles estão prestes a partir e estão *animados* para partir!

Alguém desse grupo havia postado uma mensagem em seu site. A mensagem dizia: "Alerta vermelho! O Hale-Bopp encerra o Heavens Gate".

O site também incluía um link para o site de Art Bell.

Marshall Applewhite e seus trinta e oito discípulos foram a um restaurante local para seu último jantar. Todos pediram exatamente a mesma coisa do cardápio: chá gelado, salada com molho vinagrete de tomate, peru e cheesecake de mirtilo.

Em seguida, voltaram para seu rancho comunitário.

Algumas noites mais tarde, quando o Hale-Bopp se aproximou o suficiente da Terra para ser visto a olho nu, Prudence ficou de pé.

a olho nu, Prudence estava na sacada de um Holiday Inn em Atlanta e arqueou o pescoço desconfortavelmente para ver por cima das árvores, com a grade de ferro entrando em seu peito. E então ela viu o cometa.

"Era tão bonito", disse ela. Mas

ele estava sozinho", eu disse.

"Ele *estava* sozinho", disse Prudence. Eu estava ali parado, tentando descobrir para onde foi o objeto que o acompanhava, e então alguém subiu correndo as escadas.

Trinta e nove pessoas haviam morrido.

Marshall Applewhite e seus trinta e oito discípulos calçaram exatamente os mesmos tênis Nike. Todos eles colocaram um rolo de moedas em seus bolsos. Deitaram-se em seus beliches e cada um tomou um coquetel letal de sedativos, álcool e analgésicos porque acreditavam que, assim, conseguiriam uma carona para o nível acima do humano no objeto companheiro Hale-Bopp de Prudence e Courtney.

Foi horrível", disse Prudence. Foi...

Ela ficou em silêncio e colocou a cabeça entre as mãos, olhando para longe. Eles

acreditavam que iam se juntar ao objeto companheiro do cometa", disse ela.

cometa", disse ela.

"Hmm", eu disse.

"Todas essas pessoas", disse ela.

"Uh", eu disse.

"É meio estressante falar sobre isso", disse ela. Eu realmente não sei o que dizer.

dizer".

"Acho que você não sabia que toda essa empolgação levaria a um suicídio em massa", eu disse.

"Se você é um observador remoto, deveria ter sido capaz de descobrir isso com antecedência", disse Prudence.

Chuck Shramek - o homem que tirou a fotografia da "companheira" - morreu de câncer em 2000. Ele tinha quarenta e nove anos. Após sua morte, um amigo de infância chamado Greg Frost disse à *UFO Magazine* que Chuck sempre foi um brincalhão inveterado. Eu estava lá em uma ocasião em que ele passou sua voz por um filtro que o fazia soar como Zontar, o Mestre Dimensional, enquanto se comunicava com alguns crédulos operadores de rádio amador. Chuck havia convencido um bando deles de que ele era um alienígena espacial de Vênus.

Meu palpite é que Chuck Shramek ouviu Ed Dames e depois Courtney Brown no Art Bell e decidiu pregar uma peça nos espectadores remotos. Então, ele adulterou uma fotografia e fez com que sua noiva telefonasse para Prudence. Se foi isso que aconteceu, não tenho ideia se Dee estava participando do esquema.

Art Bell proibiu Prudence e Courtney Brown de voltarem a aparecer em seu programa. O Major Ed Dames ainda é um convidado regular e popular. Ele é rotineiramente apresentado por Art Bell como "Major Edward A. Dames, Exército dos EUA, agora aposentado, oficial condecorado da Inteligência Militar, membro original do programa de treinamento de visão remota do protótipo do Exército dos EUA, oficial de treinamento e operações da Agência de Inteligência da Defesa, ou DIA, inteligência psíquica ou

unidade de coleta PSIINT...

Os acrônimos militares são realmente fascinantes.

A aparição mais recente de Ed no Art Bell, no momento em que este artigo foi escrito, foi na primavera de 2004. Ele disse aos ouvintes: "Isso é importante. Antes de todo mundo ir para a cama, ouçam isso. Quando virem um de nossos ônibus espaciais sendo forçado a pousar por causa de uma chuva de meteoros, isso é o começo do fim. Esse é o *prenúncio*. Imediatamente depois disso, começarão algumas mudanças geofísicas drásticas na Terra, resultando em uma oscilação e, possivelmente, em um deslocamento completo dos polos.

"Deus!", interrompeu Art Bell. Haverá alguém que sobreviverá a isso, Ed?
Ou ninguém sobreviverá a isso?

Estamos diante de alguns bilhões de pessoas que ficarão crocantes", respondeu Ed.

No entanto, tenho notado uma certa irreverência nas entrevistas mais recentes de Art Bell com as Major Dames. Atualmente, em meio aos hipnotizantes acrônimos militares, Art Bell às vezes se refere ao Major Dames como "Dr. Doom".

O Farsight Institute do Dr. Courtney Brown diminuiu de trinta e seis alunos para vinte alunos, para oito alunos e para nenhum aluno nos meses que se seguiram aos suicídios. Ele parou de dar entrevistas. Ele não fala sobre o que aconteceu há sete anos. (Acho que ele foi ao Art Bell mais uma vez para ser xingado.) Eu o visitei na primavera de 2004.

Ele ainda mora em Atlanta. Ele está muito magro agora. Ele me levou para o porão de sua casa.

"Heavens Gate?", disse ele.

Ele agiu por um momento como se não conseguisse se lembrar de quem eles eram.
Ele estava usando uma jaqueta de tweed com remendos de couro nos
cotovelos. "Heavens Gate?", disse ele novamente. Seu olhar sugeria que ele tinha a
memória de um acadêmico vago e que eu deveria tolerá-lo por um momento. "Oh!",
disse ele. "Ah, sim. Esse era um grupo interessante. Eles eram
eunucos. Foi o que eu li no jornal. Eles se castraram e acabaram se matando".

O Dr. Brown ficou em silêncio.

"Era como Jim Jones", disse ele. O líder deles era provavelmente um tipo de pessoa louca que estava envelhecendo e, vendo que seu grupo estava se desfazendo à sua frente, provavelmente estava procurando alguma oportunidade para finalizá-lo.

O Dr. Brown tirou os óculos e esfregou os olhos.

"Eunucos! Ele deu uma risada seca e balançou a cabeça. "É um controle psicológico muito pesado para fazer com que as pessoas se castrassem e, eventualmente, ele fez com que todos se matassem também, procurando uma oportunidade. Você sabe, uh. Esse era um grupo interessante. Era um grupo muito, muito selvagem. Era um grupo louco.
Era uma... uma tragédia esperando para acontecer. O Dr.
Brown me preparou um chá de ervas.

Ele disse: 'Você precisa entender que sou um acadêmico. Não fui treinado para lidar com massas de pessoas. Descobri, por meio da escola de duros golpes, que é melhor não lidar com massas de pessoas. Não é que elas não

não mereçam a informação, mas elas realmente reagem de maneiras *muito* estranhas. Elas ficam em pânico e excitadas, ou superexcitadas, e é muito fácil para os acadêmicos esquecerem isso. Somos treinados em matemática. Somos treinados em ciências. Não somos treinados para as massas".

Ele fez uma pausa.

"O público é extremamente selvagem", disse ele, "incontrolavelmente selvagem". Em seguida, encolheu os ombros.

"Vocês precisam entender", disse ele, "sou um acadêmico".

7. O DINOSSAURO ROXO

Se você descer cerca de 500 metros na estrada das cabras de Fort Bragg, chegará a um grande e moderno prédio de tijolos cinza com uma placa na frente onde se lê "C Company 9 th PsyOps Battalion 11-3743".

Esse é o quartel-general de Operações Psicológicas do exército dos EUA.

Em maio de 2003, uma pequena parte da filosofia do Primeiro Batalhão Terrestre foi colocada em prática, por PsyOps, atrás de uma estação de trem desativada na pequena cidade iraquiana de al-Qa'im, na fronteira com a Síria, logo após o presidente Bush ter anunciado "o fim das principais hostilidades".

A história começa com uma reunião entre dois americanos - um jornalista *da Newsweek*

Newsweek chamado Adam Piore e um sargento da PsyOps chamado Mark Hadsell.

Adam estava viajando em um Humvee da PsyOps, dirigindo em direção a al-Qa'im, passando pelos postos de controle da coalizão, pela placa da estrada principal da cidade, que estava destruída e dilapidada e agora dizia "a Q m". Eles pararam em frente a uma delegacia de polícia. Era o segundo dia de Adam no Iraque. Ele não sabia praticamente nada sobre o país. Precisava muito urinar, mas estava preocupado com o fato de que, se urinasse em frente à delegacia ou nos arbustos, poderia ofender alguém. Quais eram os protocolos relativos à urinação em público no Iraque? Adam mencionou sua preocupação ao soldado da PsyOps que estava sentado ao lado dele no Humvee. Esse era o trabalho do PsyOps - entender e explorar a psique e os costumes do inimigo.

"Vá para o pneu da frente", disse o soldado a Adam.

Então Adam saltou do Humvee, e foi quando o sargento Mark Hadstll, da PsyOps, se aproximou e ameaçou matá-lo.

Adam estava me contando essa história dois meses depois, nos escritórios *da Newsweek* em Nova York. Estávamos no andar de cima, na sala de reuniões, decorada com ampliações de capas recentes *da Newsweek*: um fundamentalista islâmico mascarado com uma arma sob a manchete POR QUE ELES NOS ODEIAM, e o Presidente e a Sra. Bush no jardim da Casa Branca, sob a manchete DE ONDE VEM NOSSA FORÇA. Adam tem vinte e nove anos, mas parece mais jovem, e tremeu um pouco ao contar o incidente.

Então foi assim que conheci o cara", disse Adam. Ele riu. Ele perguntou se eu queria levar um tiro. Então, rapidamente fechei o zíper...

"Ele estava sorrindo quando disse isso? Eu perguntei.

Imaginei o Sargento Hadsell, quem quer que ele fosse, com um grande e simpático sorriso no rosto, perguntando a Adam se ele queria levar um tiro.

"Não", disse Adam. Ele só disse: 'Você quer levar um tiro?

Adam e o sargento Hadsell acabaram se tornando amigos. Eles ficaram juntos no centro de comando do esquadrão PsyOps, em uma estação de trem desativada em Al-Qa'im, e pegaram DVDs emprestados um do outro.

Ele é um cara muito corajoso", disse Adam. O comandante do esquadrão costumava chamá-lo de Psycho Six, porque ele estava sempre pronto para entrar em ação com poder de fogo. Ah! Uma vez ele me contou que apontou uma arma para alguém e puxou o gatilho, mas a arma não estava carregada, e o cara fez xixi nas calças. Não sei por que ele me contou essa história, pois não a achei engraçada. Na verdade, achei que era um tanto distorcida e perturbadora".

"*Ele* achou engraçado?", perguntei ao Adam.

"Acho que ele achou engraçado", disse Adam. Sim. Ele era um assassino treinado pelos americanos.

O povo da Al-Qaeda não sabia que Bagdá havia caído nas mãos das tropas da coalizão, então o sargento Hadsell e sua unidade PsyOps estavam lá para distribuir panfletos com essa notícia. Adam estava acompanhando, cobrindo o "fim das principais hostilidades" do ponto de vista da PsyOps.

Maio de 2003 foi um mês bastante calmo na Al-Qaeda. Até o final do ano, as forças dos EUA estariam sob frequente bombardeio de guerrilheiros na cidade. Em novembro de 2003, um dos comandantes da defesa aérea de Saddam Hussein - o major-general Abed Hamed Mowhoush - morreria durante um interrogatório ali mesmo, na estação de trem desativada. ("Causas naturais", disse a declaração militar oficial dos EUA. A cabeça de Mowhoush não estava encapuzada durante o interrogatório").

Mas, por enquanto, tudo estava em paz.

"Em um determinado momento", disse Adam, "alguém passou correndo e pegou uma pilha de folhetos. Hadsell falou sobre a importância de, na próxima vez que isso acontecesse, encontrar o cara e dar uma surra nele para que ele não fizesse isso de novo. Isso provavelmente tinha a ver com o estudo da cultura árabe. Você tem que mostrar que é forte".

Certa noite, Adam estava no centro de comando do esquadrão quando o sargento Hadsell se aproximou dele. Hadsell deu uma piscadela conspiratória e disse: "Vá dar uma olhada onde estão os prisioneiros".

Adam sabia que os prisioneiros estavam alojados em um pátio atrás da estação de trem. O exército havia estacionado um comboio de contêineres lá atrás e, quando Adam se dirigiu a eles, viu uma luz brilhante piscando. Ele também podia ouvir música. Era "Enter Sandman", do Metallica.

À distância, parecia que alguma discoteca estranha e ligeiramente sinistra estava acontecendo no meio dos contêineres. A música soava especialmente fraca, e a luz estava piscando alegremente, ligando e desligando, ligando e desligando.

Adam caminhou em direção à luz. Ela era muito brilhante. Estava sendo segurada por um jovem soldado americano e ele a acendia e apagava, acendia e apagava, dentro do contêiner de transporte. "Enter Sandman" estava reverberando dentro do contêiner, ecoando violentamente pelas paredes de aço. Adam ficou ali parado por um momento e observou.

A música terminou e, imediatamente, começou de novo.

O jovem soldado que segurava a luz olhou para Adam. Ele continuou piscando a luz e disse: "Você precisa ir embora agora".

"Ha!", disse Adam para mim, de volta aos escritórios *da Newsweek*. Esse é o termo que ele usou. "Você precisa ir embora".

"Você olhou dentro do contêiner? Eu lhe perguntei.

"Não", disse Adam. Quando o cara me disse que eu tinha que ir embora, eu fui embora". Ele fez uma pausa. Mas era meio óbvio o que estava acontecendo lá dentro.

Adam ligou para *a Newsweek* de seu celular e propôs a eles várias histórias. A favorita deles era a do Metallica.

Disseram-me para escrevê-la de forma bem-humorada", disse Adam. Eles queriam uma lista completa de músicas".

Então Adam perguntou por aí. Descobriu-se que as músicas que estavam sendo tocadas para os prisioneiros dentro do contêiner de transporte incluíam "Enter Sandman", do Metallica; a trilha sonora do filme XXX; uma música que dizia "Burn Motherfucker Burn"; e, o que é mais surpreendente, a música "I Love You" de *Barney riends*, o programa Barney the Purple Dinosaur, além de músicas da *Vila Sésamo*.

Adam enviou o artigo por e-mail para Nova York, onde um editor *da Newsweek* telefonou para o pessoal da Barney para fazer um comentário. Ele foi colocado em espera. A música de espera era a canção "I Love You" do Barney.

A última linha do artigo, escrita pelo editor *da Newsweek*, era: "Isso também nos quebrou!

Fiquei sabendo da história da tortura de Barney pela primeira vez em 19 de maio de 2003, quando ela foi publicada como um item engraçado, do tipo "E finalmente...", no programa *Today* da NBC:

ANN CURRY (âncora do noticiário):

As forças dos EUA no Iraque estão usando o que alguns estão chamando de ferramenta cruel e incomum para quebrar a resistência dos prisioneiros de guerra iraquianos e, acredite, muitos pais concordariam! Alguns prisioneiros estão sendo forçados a ouvir Barney, o dinossauro roxo, cantar a música "I Love You" por 24 horas seguidas...

A NBC cortou para um clipe de *Barney*, no qual o dinossauro roxo cambaleava em meio a sua gangue de crianças sempre sorridentes do palco da escola. Todos no estúdio riram. Ann Curry colocou uma voz engraçada do tipo "pobrezinhos prisioneiros" para relatar a história.

ANN CURRY:

...de acordo com a revista *Newsweek*. Um agente dos EUA disse à *Newsweek* que ouviu Barney por quarenta e cinco minutos seguidos e nunca mais quis passar por *isso*!

ESTÚDIO:

(risos)

Ann Curry voltou-se para Katie Couric, sua co-apresentadora.

ANN CURRY:

Katie! Cante comigo!

KATIE COURIC (rindo):

Não! Acho que depois de mais ou menos uma hora, eles provavelmente vão contar tudo, não é?

o que você acha? Vamos até o Al para saber como está o tempo.

AL ROKER (meteorologista):

E se o Barney não os pega, eles mudam para os Teletubbies, e isso os esmaga como um *inseto*...!

É o Primeiro Batalhão da Terra! Eu pensei.

Eu não tinha dúvidas de que a noção de usar a música como uma forma de tortura mental havia sido popularizada e aperfeiçoada nas forças armadas como resultado do manual de Jim. Antes do aparecimento de Jim, a música militar estava confinada à arena do tipo banda marcial. Era tudo uma questão de ostentação e de energizar as tropas. No Vietnã, os soldados tocavam "Ride of the Valkyries", de Wagner, para se prepararem para a batalha. Mas foi Jim quem teve a ideia de usar alto-falantes no campo de batalha para transmitir "sons discordantes", como "música de rock ácido fora de sincronia" para confundir o inimigo, e o uso de sons semelhantes na arena de interrogatório.

Jim teve essas ideias em parte, pelo que pude perceber, depois que conheceu Steven Halpern, o compositor de CDs ambientais como *Music For Inner Peace*, em 1978. Então, liguei para o Jim imediatamente.

"Jim! Eu disse: "Você diria que explodir prisioneiros iraquianos com a música tema do *Barney* é um legado do First Earth Battalion?

"Desculpe-me?", disse Jim.

Eles estão reunindo pessoas no Iraque, levando-as para um contêiner de transporte e tocando repetidamente músicas infantis enquanto piscam repetidamente uma luz brilhante para elas", eu disse. "Esse é um de seus legados?

"Sim!", disse Jim. Ele parecia entusiasmado. "Fico muito feliz em ouvir isso!" "Por quê?", perguntei.

Eles estão obviamente tentando aliviar o ambiente", disse ele, "e dar a essas pessoas algum conforto, em vez de espancá-las até a morte! Ele suspirou. "Música infantil! Isso fará com que os prisioneiros estejam mais dispostos a divulgar onde estão suas forças e encurtará a guerra! Muito bom!

Acho que Jim estava imaginando algo mais parecido com uma creche do que um contêiner de aço nos fundos de uma estação ferroviária desativada.

Acho que se eles tocam *Barney* e *Vila Sésamo* uma ou duas vezes", eu disse, "isso é leve e reconfortante, mas se eles tocam, digamos, cinquenta mil vezes em uma caixa de aço no calor do deserto, isso é mais... uh... torturante?

Não sou psicólogo", disse Jim, um pouco bruscamente.

Ele parecia querer mudar de assunto, como se estivesse negando a maneira pela qual sua visão estava sendo interpretada atrás da estação ferroviária em al-Qa'im. Ele me fez lembrar de um avô que não admitia a ideia de que seus netos pudessem se comportar mal.

"Mas o uso da música...", eu disse.

Foi isso que o Primeiro Batalhão Terrestre *fez*", disse Jim. Ele abriu a mente dos militares para o uso da música.

"Então", eu disse, "tudo se resume a fazer com que as pessoas falem em um... em um quê?

"Uma dimensão psicoespiritual", disse Jim. 'Além do medo básico de ser

atingido, temos um componente mental, espiritual e psíquico. Então, por que não usar isso? Por que não ir direto para o lugar onde o *ser* realmente decide se vai dizer algo ou não?

"Então, você tem certeza", perguntei a Jim, "dado o que você sabe sobre como seu Batalhão da Primeira Terra se disseminou no tecido militar, que explodir iraquianos com *Barney* e *Vila Sésamo* é um de seus legados?

Jim pensou sobre isso por um momento e depois disse: "Sim".

Christopher Cerf compõe músicas para a *Vila Sésamo* há vinte e cinco anos. Sua grande casa em Manhattan está cheia de recordações da Vila Sésamo - fotografias de Christopher com o braço em volta do Big Bird, etc.

Bem, certamente não é o que eu esperava quando as escrevi", disse Christopher. Tenho que admitir que minha primeira reação foi: "Meu Deus, será que minha música é realmente tão ruim assim?

Eu ri.

Uma vez escrevi uma música para Bert e Ernie chamada 'Put Down The Ducky'", disse ele, "que pode ser útil para interrogar membros do Partido Ba'ath".

"Isso é muito bom", eu disse.

"Esta entrevista", disse Christopher, "foi trazida a você pelas letras W, M e D".

"Isso é muito bom", eu

disse. Nós dois rimos.

Fiz uma pausa.

"E você acha que os prisioneiros iraquianos, além de darem informações vitais, estão aprendendo novas letras e números? Eu disse.

"Bem, isso não seria uma vitória dupla incrível?", disse Christopher. Christopher me levou para cima, para seu estúdio, para tocar uma de suas músicas do *Sesame*

Composições *de rua*, chamadas 'Ya! Ya! Das Is a Mountain!".

A maneira como fazemos a *Vila Sésamo*', explicou ele, 'é que temos pesquisadores educacionais que testam se essas músicas estão funcionando, se as crianças estão aprendendo. Em um ano, eles me pediram para escrever uma música que explicasse o que é uma montanha, e eu escrevi uma música boba sobre o que era uma montanha".

Christopher me cantou um pouco da música:

Oompah-pah!

Oompah-pah!

Ya! Ya! Das é uma montanha!

Parte do solo que fica bem alto!

De qualquer forma", disse ele, "quarenta por cento das crianças sabiam o que era uma montanha *antes de* ouvir a música e*, depois de* ouvir a música, apenas cerca de vinte e seis por cento sabiam o que era uma montanha. Isso é tudo o que eles precisavam. Você não sabe o que é uma montanha agora, certo? Ela se foi! Então, pensei que, se eu tivesse o poder de sugar informações do cérebro das pessoas compondo essas músicas, talvez isso pudesse ser útil para a CIA em técnicas de lavagem cerebral".

Naquele momento, o telefone de Christopher tocou. Era um advogado de sua editora musical, a BMI. Ouvi o lado da conversa de Christopher:

"Ah, é mesmo?", disse ele. Entendo... Bem, teoricamente eles têm que registrar isso e eu deveria receber alguns centavos por cada prisioneiro, certo? Certo. Tchau, tchau...

"Sobre o que era isso?", perguntei a Christopher.

"Se eu tenho direito a algum dinheiro pelos direitos autorais da performance", ele explicou. Por que não? É uma coisa que os americanos fazem. Se eu tenho o dom de compor músicas que podem enlouquecer as pessoas mais cedo e com mais eficiência do que outras, por que eu não deveria lucrar com isso?

É por isso que, mais tarde naquele dia, Christopher pediu a Danny Epstein - que tem sido o supervisor musical da *Vila Sésamo* desde que o primeiro programa foi transmitido em julho de 1969 - que fosse à sua casa. Seria responsabilidade de Danny cobrar os direitos autorais dos militares se eles se mostrassem negligentes ao preencher uma planilha de música.

Por cerca de uma hora, Danny e Christopher tentaram calcular exatamente quanto dinheiro Christopher poderia receber se - como ele estimava - suas músicas estivessem sendo tocadas em loop contínuo em um contêiner de transporte por até três dias s e g u i d o s .

"São quatorze mil vezes ou mais em três dias", disse Christopher. Se fosse tocada no rádio, eu receberia três ou quatro centavos de dólar cada vez que o loop fosse executado, certo?

Seria uma máquina de dinheiro", concordou Danny.

É isso que estou pensando", disse Christopher. Poderíamos estar ajudando nosso país e fazendo limpeza ao mesmo tempo.

Não acho que haja dinheiro suficiente no pool para pagar essa taxa", disse Danny. Se eu estivesse negociando para a ASCAP [Sociedade Americana de Compositores, Autores e Editores], eu diria que isso se enquadraria na categoria de um tema ou taxa de jingle, algum tipo de derrubada...'

'O que é um termo apropriado porque há evidências de que os prisioneiros estão sendo derrubados enquanto ouvem a música', disse Christopher.

Todos nós rimos.

A conversa parecia estar oscilando desconfortavelmente entre a sátira e o desejo genuíno de ganhar algum dinheiro.

E isso é apenas em uma sala de interrogatório", disse Danny. Se houver uma dúzia de salas, estamos falando de dinheiro. Isso não é patrocinado?

"Essa é uma boa pergunta", disse Christopher. Acho que é patrocinado pelo Estado.

Eu receberia mais dinheiro se fosse ou não fosse?

"Agora, teríamos uma tarifa especial para o Mossad?", disse Danny.

Nós rimos.

Acho que deveríamos cobrar direitos autorais", disse Christopher. Se eu tivesse escrito as músicas diretamente para o exército, eles me pagariam, presumo?

"Não", disse Danny. Você estaria trabalhando por encomenda. Estaria empregado por eles. Bem, *neste* caso, eu não sou um trabalhador contratado", disse Christopher.

"Não tenho tanta certeza", disse Danny. Como cidadão, você está sujeito a trabalhar por encomenda, se os militares precisarem de você.

Bem, eles poderiam ter me pedido para ser voluntário", disse Christopher.

Ele estava mais sério agora. Danny tirou os óculos e esfregou os olhos.
olhos.

"Querer dinheiro pelo uso de sua música em um momento de crise", disse ele, depois de um momento, "me parece um pouco indecente".

E os dois homens caíram em uma gargalhada impotente.

No final do outono de 2003, depois de muitos faxes e e-mails, e de eu ter passado pela triagem de segurança de vários escritórios do Pentágono e da Embaixada Americana, a PsyOps consentiu em me mostrar sua coleção de CDs.

Adam Piore, o jornalista *da Newsweek*, havia dito que a lista de músicas usadas para explodir com os prisioneiros havia sido escolhida aqui na sede da PsyOps. A coleção estava alojada em uma série de suítes de produção de rádio dentro de um prédio baixo de tijolos no meio de Fort Bragg, a uns 500 metros da estrada de onde, segundo rumores, ficava o Goat Lab. Eu ficava olhando pelas janelas na esperança de ver cabras atordoadas ou mancando, mas não havia nenhuma em evidência.

A PsyOps começou a me mostrar seus CDs de efeitos sonoros.

"Principalmente enganosos", explicou o sargento que me guiou durante essa parte do dia, "projetados para fazer com que as forças inimigas pensem que estão ouvindo algo que não existe".

Um CD de efeitos sonoros tinha o título 'Crazy Woman Says 'My Husband's Never Liked You''.

'Compramos um lote de trabalho', explicou o sargento.

Nós rimos.

Outro dizia 'Many Horses Galloping By', e rimos novamente e dissemos que isso poderia ter sido usado há 300 anos, mas não agora.

Em seguida, ele tocou uma música aplicável: 'Tank Noises'.

A suíte de rádio estava cheia de ruídos de tanques. Eles pareciam estar vindo de todos os lugares ao mesmo tempo. O sargento explicou que, às vezes, as PsyOps se escondem atrás de uma colina a leste do inimigo e emitem seus ruídos de tanques, enquanto os tanques reais chegam, mais silenciosamente, pelo oeste.

Em seguida, ele me mostrou seus CDs de música árabe ('Nossos analistas e especialistas estão familiarizados com o que pode ser popular e culturalmente relevante, e compramos essa música para atrair a população'), seguidos por sua coleção de CDs de Avril Lavigne e Norah Jones.

"Como Avril Lavigne pode ser usada em países hostis? perguntei. Houve um silêncio.

"Em algumas partes do mundo, a música ocidental é popular", respondeu ele. Tentamos nos manter atualizados.

"Quem escolhe a lista de jogos?", perguntei.

"Nossos analistas", disse ele, "em conjunto com nossos especialistas". "Quais países? perguntei.

"Não quero entrar nesse assunto", disse ele.

Minha visita à PsyOps foi um turbilhão bem ensaiado - a mesma visita que um dignitário visitante ou um congressista receberia. Um soldado de PsyOps sabe como

criar um folheto, gravar um CD, operar um alto-falante, tirar uma foto e entrar em formação para a visita oficial.

Eles me mostraram seus estúdios de rádio e de TV e sua biblioteca de arquivos, com prateleiras cheias de vídeos rotulados como "Guantanamo Bay" e assim por diante. Notei um pôster em uma parede que lembrava os soldados das PsyOps, funções oficiais: "Apelos de rendição. Controle de multidões. Engano tático. Assédio. Guerra não convencional. Defesa interna estrangeira".

Eles me mostraram suas impressoras de folhetos e seus recipientes. Eles são lançados de aviões e são projetados para se abrirem em pleno ar e, então, dezenas de milhares de folhetos flutuam até o território inimigo.

Os americanos sempre foram melhores do que os iraquianos no uso de panfletos. No início da primeira Guerra do Golfo, as operações psicológicas iraquianas lançaram um lote de seus próprios folhetos sobre as tropas dos EUA, projetados para serem psicologicamente devastadores. Eles diziam: "Suas esposas estão em casa fazendo sexo com Bart Simpson e Burt Reynolds".

Em seguida, fui conduzido a uma sala de conferências da PsyOps, onde fui apresentado aos especialistas e analistas. Alguns estavam de uniforme. Outros pareciam simpáticos cabeças de ovo, com óculos e ternos de negócios.

Os especialistas me mostraram alguns de seus folhetos que haviam sido lançados de helicópteros da PsyOps para as forças iraquianas apenas um ou dois meses antes. Um deles dizia: "Ninguém se beneficia com o uso de Armas de Destruição em Massa. Qualquer unidade que opte por usar Armas de Destruição em Massa enfrentará uma retribuição rápida e severa das forças da coalizão".

"Esse produto", explicou um especialista, "está estabelecendo uma ligação clara entre *suas*
necessidades não atendidas e *nosso*
comportamento desejado". "O que você
quer dizer com isso?", perguntei a ele.

"A necessidade não atendida", disse ele, "era o fato de não quererem enfrentar uma retribuição severa. E nosso comportamento desejado era que não queríamos que eles usassem armas de destruição em massa".

Assenti com a cabeça.

Nossos produtos mais eficazes são aqueles que vinculam uma necessidade não atendida da parte deles a um comportamento desejado de nossa parte", disse ele.

Houve um silêncio.

"E as armas de destruição em massa *não* foram usadas contra as forças americanas", acrescentou o especialista, "portanto, esse folheto pode muito bem ter sido eficaz".

"Você realmente...? Comecei. "Ah, nada", eu disse.

Peguei outro folheto. Ele dizia: "Vocês não estão sendo alimentados. Seus filhos estão passando fome. Enquanto vocês vivem na miséria, os generais de Saddam estão tão acima do peso e gordos que ele tem de multá-los para mantê-los em forma de combate".

Enquanto lia esse folheto, tive uma breve conversa com um analista de PsyOps chamado Dave. Ele não estava de uniforme. Era um homem amigável, de meia-idade. O que ele me disse não me pareceu particularmente significativo no momento, então apenas acenei com a cabeça e sorri, e então fui levado para fora da sala de conferências e para um escritório forrado de carvalho, onde um homem alto e bonito vestindo caqui apertou minha mão e disse: "Olá, sou o Coronel Jack N...".

Ele corou, de forma desarmante.

'N!' Ele riu. "Nome do meio! Jack N. Summe. Sou o comandante da 4ª Divisão de Operações Psicológicas Aerotransportadas, em Fort Bragg, Carolina do Norte.

Você é o responsável por todas as operações psicológicas? Eu lhe perguntei. Minha mão ainda estava sendo vigorosamente apertada.

Estou encarregado do grupo de Operações Psicológicas da ativa do Exército dos Estados Unidos", disse ele. Nosso trabalho é convencer nossos adversários a apoiar as políticas dos EUA e tornar o campo de batalha um lugar menos perigoso usando técnicas de multimídia.

"Coronel Summe", eu disse. O que o senhor pode me dizer sobre a instalação de *Barney* e *da Vila Sésamo*, por PsyOps, dentro de contêineres em Al-Qa'im? O Coronel Summe não perdeu o ritmo.

Eu estava no quartel-general do Estado-Maior Conjunto e assumi o comando do 4º Grupo de PsyOps em 17 de julho, portanto, não tive a capacidade de me deslocar operacionalmente para o Iraque e descobrir em que nível estamos fazendo as coisas. Ele fez uma pausa para respirar fundo e continuou: "Atuamos como provedores de força. Quando há uma necessidade - uma necessidade de crise - somos encarregados de enviar PsyOpers para dar apoio. Quando as Operações Psicológicas são enviadas...

As palavras do coronel Summe, proferidas como tiros de metralhadora, passaram por minha cabeça. Sorri e acenei com a cabeça em branco para ele.

'...estamos sempre apoiando o comandante. O comandante sênior, o comandante de manobra ou o comandante de área nunca é um oficial de PsyOps. Somos sempre uma força de apoio. Portanto, quando vinculamos essa força de PsyOps a um comandante, ele pode identificar o uso da capacidade de alto-falante de Operações Psicológicas exatamente por esse motivo...

Continuei balançando a cabeça. Era quase como se o Coronel Summe quisesse me dizer algo, mas queria dizer de uma forma que não queria que eu entendesse. Talvez, pensei, enquanto minha mente divagava e eu olhava pela janela para o gramado do lado de fora de seu escritório, na vã esperança de encontrar cabras feridas, ele estivesse realizando algum tipo de PsyOp em mim.

Se tivermos forças de combate em campo, eu preferiria ver nossa capacidade de PsyOps sendo usada para apoiar essas forças de combate, em vez de alguma outra missão como a que você descreveu.

Em seguida, o Coronel Summe tossiu, apertou minha mão novamente, agradeceu meu interesse e me levou para fora da porta.

8. O PREDADOR

O mestre de artes marciais Pete Brusso, que ensina combate corpo a corpo na base dos fuzileiros navais de Camp Pendleton, em San Diego, leu o *Manual de Operações do Batalhão da Primeira Terra* de Jim Channon "de capa a capa". Apenas uma semana antes de eu conhecer Pete, em março de 2004, ele teve uma longa conversa telefônica com Jim, durante a qual eles discutiram como os princípios do First Earth poderiam ser aplicados no Iraque atualmente. Pete tinha "vários de meus agentes" no Iraque "neste momento", disse-me.

Estávamos passeando pelo Camp Pendleton dentro do Hummer Hi de 167.000 dólares do Pete.

Hummer Hi. Sua placa dizia *My Other Car Is A Tank (Meu outro carro é um tanque*). O Hummer do Pete é algo como uma versão de pesadelo do carro *Chitty Chitty Bang Bang*, pois pode nadar, navegar sem esforço pelo terreno mais traiçoeiro do planeta e tem vários lugares espalhados pela carroceria onde se pode montar suas armas. Pete aumentou o volume da música para demonstrar seu sistema de som de última geração. Ele tocou uma música muito alta, cristalina, mas estranha, que basicamente era *bling blong bling blong*.

'EU MESMO COMPOSTEI ISSO', gritou Pete.

O QUÊ? Eu disse.

Pete abaixou o volume da música.

'Eu mesmo compus essa música', disse ele.

"É interessante", eu disse.

"Vou lhe dizer *por que* é interessante", disse Pete. Ela impede a entrada de bugs. Alguém está grampeando este Hummer? É só aumentar o volume da música. O dispositivo de escuta não consegue lidar com isso. Normalmente, os espiões podem pegar uma fita de escuta, tirar a música e ouvir a conversa. Não com *essa* música".

Pete faz para os fuzileiros navais dos EUA em Camp Pendleton o que Guy Savelli costumava fazer para as Forças Especiais em Fort Bragg. Ele lhes ensina técnicas de artes marciais com uma dimensão do First Earth Battalion. Mas, ao contrário de Guy, Pete é um veterano militar. Ele lutou no Camboja por dez meses. Sua experiência em combate fez com que ele não gostasse da capacidade de Guy de encarar cabras. As cabras violentas não correm para você no campo de batalha. O fato de Guy encarar cabras pode ser lendário, mas é basicamente um truque de festa.

Em seguida, Pete aumentou o volume da música e me contou um segredo, do qual não consegui ouvir uma palavra, então ele abaixou o volume e me contou novamente. O segredo era que ele e Guy Savelli são concorrentes. Os comandantes militares estão considerando um programa obrigatório de treinamento em artes marciais pós-9/11. Os dois sensei - Pete e Guy - estavam competindo entre si pelo contrato. Pete basicamente disse que não havia competição. Será que os militares realmente gostariam de um *civil*, como Guy, com seus truques de festa?

Em resumo, Pete é um pragmático. Ele é um admirador do First Earth Battalion, mas tomou para si a responsabilidade de adaptar as ideias de Jim em aplicações práticas para o fuzileiro naval no campo de batalha.

Pedi a Pete que me desse um exemplo de aplicação prática.

"Muito bem", disse ele. Há uma gangue de insurgentes à sua frente. Você está sozinho. Você quer dissuadi-los de atacá-lo. O que você faz? O que você faz?

Eu disse ao Pete que não sabia.

Pete disse que a resposta estava na esfera psíquica - especificamente o uso da estética visual para incutir psiquicamente no inimigo um desestímulo ao ataque.

"Você pode ser mais explícito? perguntei.

"Está bem", disse Pete. 'O que você faz é pegar um deles, arrancar seus globos oculares e esfaqueá-lo no pescoço, o sangue jorra como uma fonte - realmente, uma *fonte*

-Faça o sangue jorrar sobre seus amigos. Apenas o castigue, bem ali na frente de seus amigos".

"Está bem", eu disse.

"Ou vá para os pulmões", disse Pete. Crie um ferimento aberto no peito. O que você terá então é muita sucção de ar e espuma. Ou passar uma faca no rosto. Aqui está uma coisa inteligente. Coloque sua faca dentro da clavícula. Essa é a clavícula. Quando estiver lá, você poderá raspar a maior parte do tecido desse lado do pescoço. Separe o tronco cerebral da parte de trás do pescoço. Não é preciso muito movimento, do ponto de vista físico". Pete fez uma pausa. O que estou fazendo é criar um poderoso desestímulo visual e psíquico para que os outros insurgentes me ataquem.

Pete aumentou o volume da

música. "ISSO É UMA...", gritei.

O QUE?", gritou Pete.

'... INTERPRETAÇÃO LARGA DOS IDEAIS DE JIM', gritei.

Pete abaixou o volume da música novamente e deu de ombros para dizer: "Aí está.

Isso é guerra.

Paramos em frente a um hangar. Meia dúzia de estagiários de Pete o aguardavam. Nós entramos. Então Pete disse: "Me sufoque".

"Me desculpe? Eu disse.

"Me sufoque", disse Pete. 'Sou velho e gordo. O que posso fazer? Me sufoque. Aqui mesmo

aqui.'

Pete apontou para seu pescoço.

"Agora engasgue", disse ele, suavemente. "Engasgue. Engasgue.

"Sabe", eu disse a Pete, "sinto que nenhum de nós tem nada a provar

Aqui.

"Sufoque-me", disse Pete. "Ataque-me".

Quando ele disse as palavras "me ataque", ele fez aquela coisa de aspas em O que me irritou um pouco, pois deu a entender que eu era incapaz de montar algo mais do que um ataque figurativo. De fato, eu era incapaz, mas conhecia Pete há apenas alguns minutos e senti que ele estava tirando conclusões precipitadas a meu respeito.

"Se eu optar por sufocá-lo", perguntei, "o que você pretende fazer?

"Vou interromper seu padrão de pensamento", disse Pete. Seu cérebro levará três décimos de segundo para perceber o que está acontecendo com você. E, depois desses três décimos de segundo, você será meu. Vou tocá-lo e pronto. Não vou mover nem mesmo meus pés. Mas vou me projetar em você, e você vai voar.

"Bem", eu disse. Se eu decidir sufocá-lo, você pode ter em mente que não sou fuzileiro naval?

"Me sufoque", disse Pete. "Sufoque.

Olhei para trás e vi várias bordas afiadas. "*Não* gosto de

bordas afiadas", eu disse. *Não gosto de* bordas afiadas.

"Está bem", disse Pete. "Nada de bordas afiadas.

Levantei as mãos para estrangular Pete e fiquei surpreso ao ver como elas tremiam violentamente. Até aquele momento, eu havia presumido que estávamos basicamente brincando, mas a visão das minhas mãos me fez perceber que não estávamos. Naquele momento, o resto do meu corpo acompanhou o ritmo das minhas

mãos. Eu me senti incrivelmente fraco. Abaixei minhas mãos novamente. "Me sufoque", disse Pete.

"Antes de sufocá-lo", eu disse, "gostaria de lhe fazer mais uma ou duas perguntas".

"Me sufoque", disse Pete. "Vamos lá. Me sufoque. Apenas me sufoque.

Suspirei, coloquei minhas mãos em volta do pescoço de Pete e comecei a apertar.

Não vi as mãos de Pete se moverem. Tudo o que sei é que minhas axilas, meu pescoço e meu peito começaram a doer enormemente, tudo ao mesmo tempo, e então eu estava voando, voando pela sala, voando em direção a dois fuzileiros navais, que saíram gentilmente do caminho, e então eu estava derrapando, derrapando como um patinador de gelo dolorido em direção a bordas afiadas, e parei a alguns centímetros dessas bordas. Senti muita dor, mas também fiquei impressionado. Pete era realmente um mestre da violência.

"Porra", eu disse.

"Está doendo?", perguntou Pete.

"Sim", eu disse.

"Eu sei que está doendo", disse Pete. Ele parecia satisfeito. "Está doendo pra caramba, não está?

"Sim", eu disse.

"Você sentiu medo", disse Pete, "não sentiu? Antes.

"Sim", eu disse. Eu estava debilitado de medo antes.

"Você diria que esse nível de medo era anormal para você?", perguntou Pete. Eu pensei sobre isso.

"Sim e não", eu disse.

"Explique melhor", disse Pete.

"Às vezes sinto medo quando algo ruim está acontecendo comigo ou está prestes a acontecer", expliquei, "mas, por outro lado, a *quantidade* de medo que senti no período que antecedeu a asfixia parecia incomum. Eu estava definitivamente *mais assustado* do que deveria estar".

"Você sabe por quê?", disse Pete. 'Não foi você. Fui eu. Foi uma projeção de pensamento. Eu estava dentro de sua cabeça.

Eu era, explicou ele, um brinquedo da vida real de uma aplicação prática da visão de Jim Channon. Eu era o insurgente iraquiano que estava sendo borrifado com a fonte de sangue que emanava do pescoço de seu amigo. Eu era o hamster. Eu era o bode.

Em seguida, Pete tirou do bolso um pequeno pedaço de plástico amarelo. Tinha bordas pontiagudas, bordas lisas e um buraco no meio. Parecia um brinquedo de criança, embora não tivesse nenhum meio óbvio de ser divertido. Essa bolha amarela, disse Pete, foi projetada por ele mesmo, mas era a personificação da visão de Jim Channon e estava sendo carregada agora mesmo nos bolsos do 82º Batalhão Aerotransportado no Iraque e, em breve, se o Pentágono quiser, estará nos bolsos de todos os soldados do Exército dos Estados Unidos, Sua bolha, disse Pete, "é amigável com a Terra, tem um espírito, é tão humana quanto você quiser que seja, os pedaços pontiagudos entram nas pessoas, pode acabar com sua vida em um piscar de olhos e tem uma aparência um pouco engraçada. É", disse ele, "o Primeiro Batalhão da Terra".

"Como se chama? perguntei.

"O Predador", disse Pete.

Durante uma ou duas horas, Pete feriu meus pontos de chakra de várias maneiras com seu Predator. Ele pegou meu dedo, colocou-o no buraco e o girou 180 graus.

"Agora você é meu", disse ele.

"Pare de me machucar", eu disse.

Ele agarrou minha cabeça, enfiou a broca pontiaguda em minha orelha e me levantou do chão, como se eu fosse um peixe em um anzol.

"Pelo amor de Deus", eu disse. Pare.

A propósito, essa é uma ótima história iraquiana", disse Pete.

"A história da orelha? Perguntei, levantando-me do chão e me escovando.

e me escov ando.

"Sim", disse Pete.

O que a história do Iraque tem a ver com o fato de colocar o Predator no ouvido de alguém?

no ouvido de alguém? perguntei.

Pete começou a me contar, mas um comandante da Marinha que estava perto de nós balançou a cabeça, quase imperceptivelmente, e Pete ficou em silêncio.

"Basta dizer", disse Pete, "que o iraquiano que não queria se levantar se levantou". Ele fez uma pausa. "Você quer um pouco de tolerância à dor?", ele me perguntou.

"Não", eu disse.

Pete esfregou rapidamente a borda serrilhada do Predator contra uma parte da minha têmpora e, enquanto eu soltava um grito de gelar o sangue, ele agarrou meus dedos e os apertou agonizantemente contra a borda lisa.

"PARE!", gritei.

"Imagine este cenário", disse Pete. Estamos em um bar em Bagdá e quero que você venha comigo. Você vem agora?

"Pare de me machucar o tempo todo", eu disse.

Pete parou e olhou para seu Predator com carinho.

"O que é legal nele", disse ele, "é que se você o encontrasse no chão, ninguém saberia o que era, mas ele é *tão* letal".

Pete fez uma pausa. 'Globos oculares', disse ele. "NÃO!", eu disse.

"Você pode tirar os globos oculares", disse Pete, "com esta broca".

No 34º andar do Empire State Building, na cidade de Nova York, Kenneth Roth, diretor da Human Rights Watch, percebeu que estava em uma situação embaraçosa. Desde que a história de Barney foi divulgada, os jornalistas estavam ligando para ele para fazer comentários. Era uma piada surrealista e envolvente, mas também havia uma familiaridade reconfortante nela. Era a comédia do reconhecimento. Se Barney estava envolvido, a tortura não parecia *tão* ruim assim. De fato, um artigo do *Guardian*, publicado em 21 de maio de 2003, um jornal que normalmente não achava graça nem se mostrava otimista em relação à guerra do Iraque, dizia o mesmo:

O que as antigas Fedayeen e a Guarda Republicana estão passando agora não é nada. Então, estão tocando a música do Barney. A que horas? No meio do dia? Sem sentido. Só quando você é arrastado do sono antes do amanhecer, dia após dia

só quando você é arrastado do sono antes do amanhecer, dia após dia, por meses a fio, para entrar no mundo Day-Glo do Barney... só então você conhece todo o horror da guerra psicológica que é a vida com uma criança em idade pré-escolar.

Isso se tornou a piada mais engraçada da guerra. Poucas horas após a publicação do artigo de Adam Piore *na Newsweek*, a Internet estava em chamas com piadas relacionadas à tortura de Barney, como "Um loop infinito da música tema de *Titanic*, de Celine Dion, seria infinitamente pior! Eles confessariam tudo em 10 minutos!

E, em um outro grupo de discussão: "Acho que 12 horas de Celine Dion seriam necessárias para os realmente difíceis!

Um terceiro grupo de discussão que vi tinha a seguinte mensagem postada: 'Por que eles simplesmente não fizeram tudo e tocaram Celine Dion para eles? Isso sim seria uma punição cruel e incomum!

E assim por diante.

O tema de Celine Dion de *Titanic* estava, de fato, sendo tocado no Iraque, embora em um contexto diferente. Um dos primeiros trabalhos da PsyOps, após a queda de Bagdá, foi tomar as estações de rádio controladas por Saddam e transmitir uma nova mensagem - que os Estados Unidos não eram o Grande Satã. Uma das maneiras pelas quais eles esperavam conseguir isso era tocando a música "My Heart Will Go On" repetidamente. Como um país que produzia melodias como essa poderia ser tão ruim? Isso me pareceu muito com a visão de Jim Channon de "olhos brilhantes" e "cordeirinhos".

O próprio Adam Piore me disse que estava achando o impacto de sua história sobre Barney bastante desconcertante.

Ele disse: "A atenção foi enorme". Quando eu estava no Iraque, minha namorada me ligou para dizer que tinha visto a notícia passar no ticker da CNN. Eu não acreditei nela. Achei que devia haver algum engano. Mas então *a Fox News* quis me entrevistar. Depois ouvi que estava no *Today* Show. Depois, vi no *Stars Tripes*".

"Como eles relataram isso? perguntei a ele.

"Tão bem-humorado", disse Adam. Sempre bem-humorado. Foi um tanto quanto ultrajante estar nesse buraco de merda na fronteira, em uma estação de trem abandonada, totalmente desconfortável, sem poder tomar banho, dormindo em berços, e quando finalmente conseguimos assistir à TV a cabo, alguns dias depois, a tela estava cheia dessa... história *do Barney*".

Kenneth Roth, da Human Rights Watch, percebeu o clima. Ele percebeu que se suas respostas aos jornalistas fossem excessivamente austeras, pareceria que ele não estava *entendendo*. Ele soaria como um rabugento.

Então ele disse aos jornalistas, inclusive a mim, 'Tenho filhos pequenos. Posso entender o fato de ser enlouquecido pela música tema do Barney! Se eu tivesse que ouvir 'I Love You, You Love Me' em altos decibéis por horas a fio, talvez eu estivesse disposto a confessar qualquer coisa também!

E os jornalistas riram, mas ele logo acrescentou: "E eu me pergunto o que mais está acontecendo naqueles contêineres enquanto a música está sendo tocada! Talvez os prisioneiros estejam sendo chutados de um lado para o outro. Talvez eles estejam nus com um saco na cabeça. Talvez estejam acorrentados e pendurados de cabeça para baixo...

Mas os jornalistas raramente, ou nunca, incluíram essas possibilidades em suas histórias.

Na época em que conheci Kenneth Roth, ele estava claramente cansado de falar sobre Barney.

"Eles", disse Kenneth, "têm sido muito experientes nesse aspecto".

"Inteligentes? Eu disse.

Ele parecia estar insinuando que a história de Barney havia sido deliberadamente divulgada *apenas para que* todas as violações de direitos humanos cometidas no Iraque pós-guerra pudessem ser reduzidas a essa única piada.

Eu disse isso a ele e ele deu de ombros. Ele não sabia o que estava acontecendo.

Esse, disse ele, era o problema.

O que eu sabia era que o sargento Mark Hadsell, o soldado da PsyOps que se aproximou de Adam Piore naquela noite e disse a ele: "Vá ver onde estão os prisioneiros", havia recebido apenas uma leve reprimenda por sua indiscrição. Será que Kenneth Roth estava certo? Teria Barney sido escolhido para torturar pessoas no Iraque simplesmente porque o dinossauro proporcionava aquela coisa poderosa: uma história engraçada para as pessoas em casa?

Há uma sala em um prédio da polícia no topo de uma colina em Los Angeles que abriga uma série de sprays de pimenta, armas de choque e desodorantes - cápsulas minúsculas de "matéria fecal, mamíferos mortos, enxofre e alho" em pó que são "ótimas para dispersar multidões" e "amordaçam uma larva". O homem que me mostrou essas coisas foi o comandante Sid Heal, do Departamento do Xerife de Los Angeles. Depois do Coronel John Alexander, do Primeiro Batalhão da Terra, Sid é o principal defensor das tecnologias não letais nos Estados Unidos.

Sid e o Coronel Alexander - "meu mentor", como Sid o chamava - se reúnem com frequência na casa de Sid para testar vários novos zappers eletrônicos um no outro. Se os dois homens ficarem impressionados, Sid os introduz no arsenal da polícia de Los Angeles. Em seguida, assim como a arma de choque TASER, agora muito difundida, as armas às vezes se espalham por toda a comunidade policial dos EUA. Um dia, alguém poderá calcular quantas pessoas estão vivas hoje, sem terem sido mortas a tiros por policiais, por causa de Sid Heal e do Coronel Alexander.

Sid Heal dedicou sua vida à pesquisa de novas tecnologias não letais, portanto, presumi que ele saberia tudo sobre a tortura Barney, mas quando lhe descrevi o que eu sabia - a luz piscante, a música repetitiva, o contêiner de transporte - ele pareceu perplexo.

"Não sei por que eles estão fazendo isso",

eu disse. "Eu também não sei", disse ele.

Houve um silêncio.

"Você acha que *eles* sabem por que estão fazendo isso? perguntei.

"Ah, sim." Sid sorriu. Acho que ninguém se daria ao trabalho de montar um sistema tão elaborado sem ter algum esquema final em mente. Não fazemos experimentos uns com os outros. Não em nossa cultura.

Sid ficou em silêncio. Ele pensou na técnica de Barney e nas luzes piscantes que a acompanhavam e, de repente, um olhar assustado cruzou seu rosto.

"Suponho que poderia..." Ele fez uma pausa e depois disse:
"Não." "O quê? Eu disse.
"Pode ser o Efeito Bucha", disse ele. "O
Efeito Bucha? Eu disse.
Sid me contou sobre a primeira vez que ouviu falar do Efeito Bucha. Foi na Somália, disse ele, durante a implantação parcialmente desastrosa da Sticky Foam do Coronel Alexander. Os especialistas em tecnologia não letal que haviam acompanhado a espuma até Mogadíscio estavam compreensivelmente desanimados naquela noite, e a conversa girou em torno do que poderia ser o Santo Graal dessas tecnologias exóticas. Foi então que o tenente Robert Ireland falou sobre o Efeito Bucha.
Tudo começou na década de 1950, Sid me contou, quando helicópteros começaram a cair do céu, simplesmente se espatifando sem motivo aparente, e os pilotos que sobreviveram não conseguiam explicar o fato. Eles estavam voando normalmente e, de repente, sentiram-se nauseados, tontos e debilitados, perderam o controle de seus helicópteros e caíram.
Então, um Dr. Bucha foi chamado para resolver o mistério.
O que o Dr. Bucha descobriu", disse Sid, "foi que as lâminas do rotor estavam refletindo a luz do sol e, quando ela atingia a frequência aproximada das ondas cerebrais humanas, interferia na capacidade do cérebro de enviar informações corretas para o resto do corpo".
Como resultado das descobertas do Dr. Bucha, foram introduzidas novas medidas de segurança, como vidros fumê, viseiras de capacete e assim por diante.
Acredite em mim", disse Sid Heal, "há maneiras mais fáceis de fazer a privação do sono do que se esforçar tanto. Música do Barney? Luzes piscantes? A privação do sono pode ser uma parte do processo, mas deve ter algum efeito oculto mais profundo. Meu palpite é que esse é o Efeito Bucha. Meu palpite é que eles estão tentando atingir a amígdala".
"Imagine o seguinte", disse Sid. Você está andando por um corredor escuro e um vulto salta na sua frente, você grita, pula para trás e, de repente, percebe que é sua esposa. Não se trata de duas informações", disse ele. É a mesma informação sendo processada simultaneamente por duas partes diferentes do cérebro. A parte que faz o julgamento leva três ou quatro segundos. Mas a parte que é *reacionária* - a amígdala - leva apenas uma fração de segundo".
A busca por aproveitar esse momento da amígdala, aqueles segundos esmagadores de choque insuportável e incapacitante, aproveitar esses momentos e não deixá-los ir embora, arrastando-os pelo tempo que for operacionalmente necessário, esse, disse Sid, é o objetivo do Efeito Bucha.
"Seria o máximo em termos de não letalidade", disse ele.
"Então", eu disse, "a tortura musical com luz estroboscópica do Barney dentro de um contêiner de transporte nos fundos de uma estação ferroviária na Al-Qaeda pode ser, de fato, o *máximo* em não letalidade?
Não conheço ninguém que tenha sido bem-sucedido", disse Sid. O problema é que o limite entre a eficácia e a incapacidade permanente é tão estreito que eu...

Em seguida, Sid ficou em silêncio, acho que porque percebeu que, se completasse a frase, levaria sua mente a um lugar para onde não queria ir, um lugar onde os soldados no Iraque não se importavam de fato, como ele se importava, com aquele limite.

"Mas eles podem ter conseguido", eu disse.

"Eles poderiam ter conseguido", disse Sid, melancolicamente. "Sim." Então ele acrescentou: "Mas qualquer tipo de arma não letal que forçaria a obediência em um interrogatório não nos agradaria nem um pouco, porque as provas resultantes não poderiam ser usadas no tribunal".

Mas eles não têm essas restrições dentro de um contêiner de transporte em Al-Qa'im", eu disse.

Não, não têm", disse Sid.

Eu disse.

"Sabe no que você se meteu aqui?", disse Sid. "O quê? Eu

perguntei.

"O lado negro", disse ele.

Deixei Sid e voltei ao Reino Unido para descobrir que haviam me enviado sete fotografias. Elas foram tiradas por um fotógrafo *da Newsweek*, Patrick Andrade, em maio de 2003, e tinham a seguinte legenda: "Um detento fugitivo é devolvido a uma área de detenção em al-Qa'im, Iraque". Não há sinal de alto-falantes, mas as fotografias mostram o interior de um dos contêineres de transporte atrás da estação ferroviária desativada.

Na primeira das fotografias, dois soldados americanos de constituição física robusta estão empurrando o detento em uma paisagem de ferro corrugado e arame farpado.

Ele não parece ser difícil de empurrar. Ele é tão magro quanto um ancinho. Um pano cobre seu rosto. Um dos soldados tem um revólver encostado em sua nuca. Seu dedo está no gatilho.

Em todas as outras fotografias, o detento está dentro do contêiner de transporte. Ele está descalço, uma fina tira de plástico prende seus tornozelos e ele está agachado no canto, contra a parede de papelão ondulado prateado. O piso de metal está coberto de poeira marrom e poças de líquido. Bem na parte de trás do contêiner, nas sombras, é possível distinguir a figura de outro detento, deitado em um amontoado no chão, com o rosto mascarado por um capuz.

Agora o pano cobre apenas os olhos do primeiro homem, de modo que é possível ver seu rosto, que tem linhas profundas, como o de um velho, mas seu bigode fino revela que ele deve ter uns dezessete anos. Ele está usando um colete branco rasgado, coberto de manchas amarelas e marrons. Há uma ferida aberta em um de seus braços magros e, acima dela, alguém escreveu um número com uma caneta preta.

Ele pode ter feito coisas terríveis. Não sei nada sobre ele além desses sete fragmentos de sua vida. Mas posso dizer o seguinte. Na última fotografia, ele está gritando com tanta força que quase parece que está rindo.

9. O LADO ESCURO

"Não fazemos experiências uns com os outros", Sid Heal me disse em Los Angeles no início de abril de 2004. "Não em nossa cultura".

Uma ou duas semanas se passaram. E então apareceram as outras fotografias. Eram de prisioneiros iraquianos na prisão de Abu Ghraib, nos arredores de Bagdá. Uma reservista americana de 21 anos chamada soldado Lynndie England foi fotografada arrastando um homem nu pelo chão em uma coleira. Em outra fotografia, ela estava sorrindo, com um cigarro pendurado na boca, enquanto apontava para os órgãos genitais de uma fileira de homens nus e encapuzados.

Lynndie England, com seu corte de cabelo pixie e rosto jovem e doce, era a estrela de muitas das fotografias. Foi ela quem se ajoelhou rindo atrás de uma pilha de prisioneiros nus. Elas haviam sido forçadas a se construir em uma espécie de pirâmide humana. Talvez tenha sido a roupa íntima dela que foi colocada sobre a cabeça de um iraquiano nu, que estava amarrado a uma estrutura de metal da cama, com as costas arqueadas de forma excruciante.

Parecia que um pequeno grupo de guardas militares, com Lynndie England no centro, havia usado Abu Ghraib para realizar suas fantasias sexuais, e que sua ruína havia sido o desejo de tirar fotos de troféus.

O Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, foi até a prisão. Ele disse às tropas reunidas que os eventos mostrados nas fotos eram obra de "alguns poucos que traíram nossos valores e mancharam a reputação de nosso país". Foi um golpe duro para mim. Aqueles que cometeram crimes serão punidos, e o povo americano se orgulhará disso, e o povo iraquiano se orgulhará".

O exército pendurou uma placa no portão da prisão com os dizeres: "Os Estados Unidos são amigos de todo o povo iraquiano".

Lynndie England foi presa. Naquela época, ela estava de volta aos Estados Unidos, grávida de cinco meses, trabalhando como secretária em Fort Bragg. Descobriu-se que ela vinha de uma cidade pobre no interior da Virgínia Ocidental e que havia morado por um tempo em um trailer. Para alguns comentaristas, isso explicava tudo.

Uma manchete dizia: "DELIVERANCE COMES TO IRAQ".

No filme americano *Deliverance*, de 1972, Bobby, o vendedor de seguros acima do peso (Ned Beatty), é obrigado a se despir. Ele é então estuprado por trás pelo maior dos dois caipiras, enquanto é forçado a guinchar como um porco. Talvez seja hora de repensar se esses personagens são exageros. A Sra. England definitivamente vem de um país caipira.

As imagens dificilmente poderiam ter sido mais repulsivas, mas foram especialmente repulsivas para o povo do Iraque, que há muito tempo vinha sendo alimentado à força com a visão de Saddam de que os Estados Unidos eram, em sua essência, incontrolavelmente depravados e imperialistas. Ali estavam jovens muçulmanos - cativos - sendo humilhados e subjugados pelo que parecia ser a grotesca decadência sexual dos EUA. Pareceu-me uma infeliz coincidência o fato de a jovem Lynndie England e seus amigos terem criado um quadro que era o epítome do que mais enojaria e repeliria o povo iraquiano, aquele povo cujos corações e mentes eram o grande prêmio para as forças da coalizão e também para os fundamentalistas islâmicos.

Mas depois os advogados de Lynndie England ficaram sabendo que sua defesa era que ela estava agindo sob ordens, amaciando os prisioneiros para interrogatório, e que as pessoas que davam as ordens eram ninguém menos que

Inteligência Militar, a unidade outrora comandada pelo major-general Albert Stubblebine III.

Era triste lembrar de todas aquelas batidas de nariz e entortadas de talheres, e pensar em como as boas intenções do General Stubblebine haviam chegado a esse ponto. Seus soldados jamais teriam recorrido a atos tão terríveis. Em vez disso, eles teriam realizado proezas psíquicas de tirar o fôlego, juntamente com atos notáveis de filantropia.

Liguei para o General Stubblebine.

Qual foi seu primeiro pensamento quando viu as fotos?

perguntei a ele.

"Meu primeiro pensamento", disse ele, "foi 'Oh, merda!'" "Qual foi seu segundo pensamento?

"Graças a Deus não sou eu na base daquela pirâmide". "Qual foi seu terceiro pensamento?

"Meu terceiro pensamento", disse o general, "foi: 'Isso *não foi* iniciado por alguns jovens nas trincheiras. Isso teve de ser conduzido pela comunidade de inteligência". Eu disse a Rima. Eu disse: 'Você está vendo. Isso foi inteligência". Sim. Alguém *muito* acima na inteligência deliberadamente planejou isso, defendeu, dirigiu e treinou pessoas para fazer isso. Não há dúvida quanto a isso. E quem quer que seja, está se escondendo agora mesmo".

"Inteligência *Militar*? perguntei. "Seus velhos?" "É uma possibilidade", disse ele. Meu palpite é que não.

"Quem, então?

"A Agência", disse ele. "A Agência?

"*A* Agência", ele confirmou.

"Em conjunto com a PsyOps? perguntei.

Tenho *certeza de que* eles participaram disso", disse o general. Claro, sem dúvida.

sem dúvida.

Houve um silêncio.

"Sabe", disse o General Stubblebine, "se eles tivessem seguido as ideias de Jim Channon, não teriam precisado de toda essa porcaria".

"Com as ideias de Jim Channon, você está se referindo à música alta? perguntei. "Sim", disse o general.

Então, a ideia de explodir os prisioneiros com música alta", eu disse, "*com certeza* teve origem no Primeiro Batalhão Terrestre?

"Sem dúvida", disse o general. Sem dúvida. E as frequências também. As frequências? Eu perguntei.

"Sim, as frequências", disse ele.

"O que as frequências fazem?", perguntei.

"Elas desequilibram as pessoas", disse ele. "Há todo tipo de coisa que você pode fazer com as frequências. Jesus, você pode pegar uma frequência e fazer um cara ter diarreia, fazer um cara ficar doente do estômago. Não entendo por que eles tiveram que fazer essa porcaria que você viu nas fotos. Eles deveriam ter simplesmente *explodido*

eles com frequências! Houve
um silêncio.
"Pensando bem", ele acrescentou, um pouco triste, "não tenho certeza do que a Convenção de Genebra diria sobre algo assim".
A música alta e as frequências?
Acho que ninguém pensou nisso", disse o general. Provavelmente esse é um conjunto de águas não testadas do ponto de vista da Convenção de Genebra.
Em 12 de maio de 2004, Lynndie England deu uma entrevista a um repórter de TV de Denver chamado Brian Maas:
BRIAN MAAS:
Aconteceram coisas piores nessa prisão com os prisioneiros iraquianos do que as que vimos nessas fotos?
LYNNDIE ENGLAND:
Sim.
BRIAN MAAS:
Pode me falar sobre isso?
LYNNDIE ENGLAND:
Não.
BRIAN MAAS:
O que estava pensando quando essas fotos foram tiradas?
LYNNDIE ENGLAND:
Eu estava pensando que era meio estranho... Eu realmente não queria, quero dizer, não queria estar em nenhuma foto.
BRIAN MAAS:
Há uma foto em que você aparece segurando um prisioneiro iraquiano pela coleira. Como isso aconteceu?
LYNNDIE ENGLAND:
Fui instruído por pessoas de alto escalão a 'ficar ali, segurar essa coleira e olhar para a câmera'. E eles tiraram uma foto para a PsyOps e isso é tudo o que sei... Disseram-me para ficar ali, levantar o polegar, sorrir, ficar atrás de todos os iraquianos nus na pirâmide [para tirar uma foto].
BRIAN MAAS:
Quem lhe disse para fazer isso?
LYNNDIE ENGLAND:
Pessoas em minha cadeia de comando superior... Foram por motivos de PsyOps e os motivos funcionaram. Então, para nós, estávamos fazendo nosso trabalho, o que significava que estávamos fazendo o que nos era pedido, e o resultado era o que eles queriam. Eles voltavam, olhavam as fotos e diziam: 'Oh, essa é uma boa tática, continuem assim. Isso está funcionando. Isso está funcionando. Continue fazendo isso, está conseguindo o que precisamos'.
Lynndie England parecia estar dizendo que as fotografias eram nada menos que uma peça elaborada de teatro de PsyOps. Ela disse que as pessoas do PsyOps que lhe disseram para "continuar fazendo isso, pois está conseguindo o que precisamos" não usavam crachás. Eu estava começando a me perguntar se os cenários tinham sido, de fato, cuidadosamente

cuidadosamente calculados por um especialista cultural da PsyOps para apresentar uma visão que mais repelisse os jovens iraquianos. Será que os atos capturados nas fotografias não eram o ponto principal, e as fotografias *em si* é que eram o ponto principal? Será que a intenção era que as fotografias fossem mostradas apenas a prisioneiros iraquianos para assustá-los e fazê-los cooperar, em vez de serem divulgadas e assustar o mundo inteiro?

Depois de ouvir a entrevista com Lynndie England, peguei minhas anotações sobre meu tempo na PsyOps. A unidade havia me deixado entrar em sua sede em Fort Bragg para me mostrar sua coleção de CDs em outubro de 2003, o mesmo mês em que as fotos de Abu Ghraib foram tiradas. Passei os olhos por toda a conversa sobre "necessidades não atendidas" e "comportamento desejado" até encontrar minha conversa com o simpático boffin em trajes civis, o "analista cultural sênior" chamado Dave, especializado no Oriente Médio.

Na época, nossa conversa parecia inócua. Estávamos falando sobre os "produtos" da PsyOps em geral. Todos os materiais da PsyOps são conhecidos como "produtos" - seus programas de rádio, seus folhetos e assim por diante.

Ao reler minhas anotações, o que ele me disse adquiriu uma ressonância totalmente nova.

"Pensamos em como um iraquiano reagirá aos nossos produtos, não em como um americano reagirá aos nossos produtos", disse ele.

Ele me disse que eles tinham conselhos - comitês de analistas militares e especialistas - que analisavam cada produto para ver se ele promovia a causa da política externa dos EUA.

E se for aprovado", disse ele, "nós o produziremos, seja aqui ou no futuro [no Iraque]".

Em seguida, Dave falou sobre como o público-alvo de seus "produtos" - forças iraquianas, civis iraquianos ou detentos iraquianos - nem sempre são os clientes mais dispostos.

"Não é como vender Coca-Cola", disse ele. Às vezes, estamos tentando vender a alguém algo que sabemos que talvez não queira em seu coração. Portanto, isso causa ambiguidades e problemas. E eles têm que pensar sobre isso. É mais como vender vitamina D para alguém beber. Algo que ela pode não querer, mas que precisa para sobreviver".

"Interessante", eu disse.

"Isso causa ambiguidades", disse ele.

10. UM TANQUE DE PENSAMENTO

No início de 2004, ouvi um boato de que Jim Channon havia começado a se reunir em particular com o General Pete Schoomaker, o novo Chefe do Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos.

O presidente Bush havia nomeado o general Schoomaker para o cargo em 4 de agosto de 2003. Sua "mensagem de chegada", para usar o vernáculo militar para um discurso de aceitação, incluía as seguintes frases:

A guerra é tanto uma realidade física quanto um estado de espírito. A guerra é ambígua, incerta e injusta. Quando estamos em guerra, precisamos pensar e agir de forma diferente. Devemos

Devemos antecipar a última verificação da realidade - o combate. Precisamos vencer tanto a guerra quanto a paz. Devemos estar preparados para questionar tudo. Nossos soldados são guerreiros de caráter... Nosso azimute para o futuro é bom.

Azimute? Dei uma olhada. É "a direção de um objeto celeste". As notícias sobre os encontros do General Schoomaker com Jim Channon não foram uma grande surpresa para mim. (Além das pistas linguísticas, de fato, a linha do tempo da carreira do general Schoomaker se encaixava. Ele havia sido comandante das Forças Especiais em Fort Bragg entre fevereiro de 1978 e agosto de 1981, e também na segunda metade de 1983, durante os períodos em que os Jedi Warriors e os goat starers estavam mais ativos em seu canto da base. Não acredito que ele não soubesse, ou de fato não tivesse sancionado, os esforços deles).

O boato era que o General Schoomaker estava pensando em trazer Jim de volta da aposentadoria para criar, ou contribuir para, um novo e secreto grupo de reflexão, projetado para incentivar o exército a levar suas mentes cada vez mais para fora da corrente principal.

Jim havia sido membro de um grupo semelhante no início da década de 1980. Chamava-se Força-Tarefa Delta e era composta por cerca de 300 soldados de alta patente que se reuniam quatro vezes por ano para rituais e sessões de brainstorming em Fort Leavenworth e passavam o tempo entre eles se comunicando uns com os outros por meio de algo que chamavam de Meta Network, que era uma encarnação inicial da Internet.

Foi um soldado da Força-Tarefa Delta chamado Coronel Frank Burns, um dos amigos mais antigos de Jim Channon, que lançou essa tecnologia para o exército dos EUA no final da década de 1970. Em 1983, o Coronel Burns publicou um poema no qual imaginava como sua rede de comunicações incipiente poderia um dia influenciar o mundo:

Imagine o surgimento de uma nova metacultura.
Imagine todos os tipos de pessoas em
todos os lugares se comprometendo com a
excelência humana, se comprometendo a
fechar a lacuna entre a condição humana
e o potencial humano...
E imagine todos nós conectados
com um sistema comum de comunicação de alta
tecnologia. Essa é uma visão que nos faz chorar.
A excelência humana é um ideal
que podemos incorporar
em todas as estruturas humanas
formais de nosso planeta.
E é realmente por isso que vamos fazer isso. E
é também por isso que a
A Meta Network é uma criação que podemos amar.

Apesar de o coronel Burns não ter previsto que as pessoas usariam a Internet principalmente para acessar pornografia e procurar a si mesmas no Google, sua presciência foi admirável. Acredita-se também que esse mesmo coronel, juntamente com

Jim Channon, como sendo a inspiração por trás do slogan de recrutamento "Be All You Can Be" (Seja tudo o que você pode ser) e do jingle relacionado que, praticamente sozinho, transformou a sorte do exército na década de 1980. O Coronel Burns atribuiu suas ideias à leitura do *Manual de Operações* do *Primeiro Batalhão Terrestre* de Jim.

A falta de recrutas havia sido a grande crise enfrentada pelo exército naquela época. Não era de se admirar que, agora que o general Schoomaker, fã de Jim Channon, estava no comando do exército dos EUA, esses homens fossem recrutados mais uma vez para contribuir com suas ideias para a nova crise, a Guerra ao Terror.

Jim enviou um e-mail para dizer que os rumores sobre o think-tank do General Schoomaker eram verdadeiros. A ideia surgiu, explicou ele, "porque Rumsfeld agora pediu abertamente uma contribuição criativa para a guerra contra o terrorismo... mmmm".

Jim acrescentou que não queria que eu entrasse em contato com o General Schoomaker para fazer um comentário: "Não consigo suportar a ideia de que você interromperia o dia importante desse homem com um pedido tão gratuito. Controle-se! Isso é uma doença da mídia e está paralisando o mundo! Sei que você entende".

Mas Jim ofereceu algumas informações sobre sua contribuição para a política externa de George W. Bush:

O Exército solicitou meus serviços para ensinar os Majors mais bem selecionados. O Primeiro Batalhão Terrestre é o exemplo de ensino escolhido. Já fiz isso na presença do general Pete Schoomaker... Estou em contato com jogadores que estão ou estiveram recentemente no Afeganistão e no Iraque. Enviei planos de estratégia de saída baseados nos ideais do Batalhão da Terra.

Converso semanalmente com um membro de um batalhão de controle de estresse no Iraque que carrega o manual e o usa para informar seus companheiros de equipe sobre sua possível contribuição de serviço. Lembre-se, a mitologia do batalhão funciona como um folclore. Ela é transmitida por meio de histórias, não por meio de atribuições ou artefatos do mundo real. Os resultados são onipresentes, contagiosos, mas não são bem arquivados por definição.

Embora Jim tenha declarado não ter interesse nos "artefatos do mundo real" inspirados por ele, espalhados pela Guerra ao Terror, eu fiquei um tanto obcecado em identificá-los.

Pequenos pedaços do Primeiro Batalhão Terrestre estavam aparecendo em todo o Iraque pós-guerra. Um ex-espião militar com quem conversei dividiu os fãs modernos de Jim em duas categorias - os Ninjas Negros e os Ninjas Brancos - e foi assim que passei a vê-los também.

A unidade de Controle de Estresse de Combate da 785ª Companhia Médica, sediada em Taji, a vinte milhas ao norte de Bagdá, era composta por Ninjas Brancos. Um de seus soldados, Christian Hallman, me enviou um e-mail:

Utilizo muitas tecnologias da FEB - meditação, ioga, qigong, relaxamento, visualização - todas fazem parte da caixa de ferramentas da FEB para tratar o estresse de combate. Seria ótimo se o senhor viesse ao Iraque para me entrevistar, mas primeiro tenho que dar autorização ao meu comandante. Ele leu parte da literatura da FEB que eu lhe dei e até conversou com Jim por telefone.

No dia seguinte, Christian me enviou outro e-mail:

Meu comandante precisa falar com o XO antes de tomar sua decisão.

E então, no terceiro dia:

Meu comandante recusou a permissão. Ele não quer correr o risco de distorcer o que fazemos e nossa reputação. Às vezes, a política vence.

Paz no Oriente Médio, Christian.

Algumas semanas depois de receber esse e-mail, fiquei sabendo de um fato que me pareceu tão bizarro, tão incongruente, que não sabia o que fazer com ele. Era ao mesmo tempo banal e extraordinário, e totalmente inconsistente com os outros fatos que o cercavam. Foi algo que aconteceu com um mancuniano chamado Jamal al- Harith em um lugar chamado Brown Block. Jamal também não sabe o que fazer com o fato, por isso o deixou de lado e só o mencionou para mim como uma reflexão tardia quando o encontrei no café do Malmaison Hotel, perto da estação Manchester Piccadilly, na manhã de 7 de junho de 2004.

Jamal é um designer de sites. Ele mora com suas irmãs em Moss Side. Tem trinta e sete anos, é divorciado e tem três filhos. Ele disse que supunha que o MI5 o havia seguido até o hotel, mas parou de se preocupar com isso. Ele disse que continua vendo o mesmo homem observando-o do outro lado da rua, encostado em um carro, e sempre que o homem acha que foi visto, parece em pânico e imediatamente se abaixa para mexer casualmente no pneu.

Jamal riu quando me contou isso.

Jamal nasceu Ronald Fiddler em uma família de imigrantes jamaicanos de segunda geração. Quando tinha vinte e três anos, aprendeu sobre o Islã e se converteu, mudando seu nome para Jamal al-Harith sem nenhum motivo específico, a não ser o fato de ter gostado do som. Ele diz que al-Harith significa basicamente "plantador de sementes".

Em outubro de 2001, Jamal visitou o Paquistão como turista, segundo ele. Ele estava em Quetta, na fronteira com o Afeganistão, quatro dias após o início da viagem, quando começou a campanha de bombardeio americana. Rapidamente, decidiu partir para a Turquia e pagou a um motorista de caminhão local para levá-lo até lá. O motorista disse que a rota os levaria pelo Irã, mas de alguma forma eles acabaram no Afeganistão, onde foram parados por uma gangue de partidários do Talibã. Eles pediram para ver o passaporte de Jamal, e ele foi prontamente detido e jogado na cadeia sob a suspeita de ser um espião britânico.

O Afeganistão caiu nas mãos da coalizão. A Cruz Vermelha visitou Jamal na prisão. Sugeriram que ele cruzasse a fronteira com o Paquistão e voltasse para casa em Manchester, mas Jamal não tinha dinheiro e, em vez disso, pediu para entrar em contato com a Embaixada Britânica em Cabul.

Nove dias depois, enquanto ele esperava em Kandahar que a embaixada o levasse para casa, os americanos o pegaram.

"Os americanos", disse Jamal, "me sequestraram". Quando ele disse "sequestraram", pareceu surpreso consigo mesmo por usar uma palavra tão dramática.

Os americanos em Kandahar disseram a Jamal que ele precisava ser enviado a Cuba por dois meses para processamento administrativo, e assim por diante, e quando ele se deu conta

ele estava em um avião, algemado, com os braços acorrentados às pernas e, em seguida, acorrentado a um gancho no chão, com o rosto coberto por protetores auriculares, óculos de proteção e uma máscara cirúrgica, com destino à Baía de Guantánamo.

Nas semanas após a libertação de Jamal, dois anos depois, ele deu algumas entrevistas, durante as quais falou sobre as algemas, o confinamento solitário e os espancamentos - as coisas que o mundo exterior já havia imaginado sobre a vida dentro daquele complexo misterioso. Ele disse que batiam em seus pés com cassetetes, borrifavam spray de pimenta e o mantinham dentro de uma gaiola aberta aos elementos, sem privacidade ou proteção contra ratos, cobras e escorpiões que rastejavam pela base. Mas essas não foram revelações sensacionalistas.

Ele conversou com Martin Bashir, da ITV, que lhe perguntou (fora da câmera): "Você viu meu documentário sobre Michael Jackson?

Jamal respondeu: "Eu estive na Baía de Guantánamo por dois anos".

Quando conheci Jamal, ele começou a me contar sobre os abusos mais desconcertantes. Prostitutas eram trazidas dos Estados Unidos - ele não sabe se elas estavam lá apenas para espalhar seu sangue menstrual no rosto dos detentos mais devotos. Ou talvez elas tenham sido trazidas para servir os soldados e algum especialista em PsyOps - um analista cultural residente - tenha planejado esse outro trabalho para elas como uma reflexão tardia, explorando os recursos à disposição do exército.

Um ou dois britânicos", disse-me Jamal, "disseram aos guardas: '*Podemos* ficar com as mulheres? Mas os guardas disseram: 'Não, não, não. As prostitutas são para os detentos que não as querem de fato'. Eles nos explicaram isso! 'Se você quiser, não vai funcionar com você'.

"Então, o que as prostitutas estavam fazendo com os detentos?", perguntei.

"Apenas mexendo em seus órgãos genitais", disse Jamal. "Tirando a roupa na frente deles. Esfregando os seios em seus rostos. Nem todos os rapazes falavam. Eles voltavam do Brown Block [o bloco de interrogatório] e ficavam quietos por dias e choravam sozinhos, então você sabe que algo aconteceu, mas não sabe o quê. Mas os caras que falaram, foi isso que ouvimos".

Perguntei a Jamal se ele achava que os americanos em Guantánamo estavam mergulhando nas águas das técnicas exóticas de interrogatório.

"Eles estavam fazendo muito mais do que mergulhar", respondeu ele.

E foi então que ele me contou o que aconteceu com ele dentro do Brown Block. Bloco.

Jamal disse que, por ser novo na tortura, não sabia se as técnicas testadas nele eram
técnicas testadas nele eram exclusivas de Guantánamo ou tão antigas quanto a própria tortura, mas lhe pareciam muito estranhas. A descrição de Jamal sobre a vida dentro do Brown Block fez com que a Baía de Guantánamo parecesse um laboratório de interrogatório experimental, repleto não apenas de agentes de inteligência, mas também de ideias. Era como se, pela primeira vez na carreira dos soldados, eles tivessem prisioneiros e uma instalação pronta à sua disposição e não pudessem resistir a colocar em prática todos os seus conceitos - que até então haviam definhado, às vezes por décadas, no reino insatisfatório da teoria.

Primeiro foram os ruídos.

Eu os descreveria como ruídos industriais", disse Jamal. Gritos e estrondos. Eles eram reproduzidos em todo o Brown Block, em todas as salas de interrogatório. Não dá para descrever. Gritos, estrondos, gás comprimido. Todo tipo de coisa. Barulhos confusos".

"Como uma máquina de fax começando a funcionar? perguntei.

"Não", disse Jamal. Não é gerado por computador. Industrial. Ruídos estranhos. E, misturado a isso, havia algo como um piano eletrônico. Não como na *música*, porque não havia ritmo.

"Como um sintetizador?

Sim, um sintetizador misturado com ruídos industriais. Tudo uma confusão e uma bagunça.

Você já perguntou a eles: "Por que vocês estão fazendo esses barulhos estranhos para nós?
eu disse.

Em Cuba, você aprende a aceitar", disse Jamal.

Os ruídos industriais eram emitidos em todo o quarteirão. Mas o mais estranho O mais importante de tudo aconteceu dentro da própria sala de interrogatório de Jamal. A sala era equipada com uma câmera CCTV e um espelho de duas vias. Jamal era levado para sessões de 15 horas, durante as quais não conseguiam nada dele porque, segundo ele, não havia nada a ser obtido. Ele disse que seu passado era tão limpo - nem mesmo uma multa de estacionamento - que, em determinado momento, alguém se aproximou dele e sussurrou: "Você é um agente do MI5?

"Um ativo do MI5!", disse Jamal. Ele assobiou. "*Ativo!*", ele repetiu. 'Essa foi foi a palavra que ele usou!

Os interrogadores estavam ficando cada vez mais irritados com a aparente recusa de Jamal em ceder. Além disso, Jamal usava seu tempo dentro do Brown Block para fazer exercícios de alongamento, mantendo-se são. O regime de exercícios de Jamal deixou os interrogadores mais irritados, mas em vez de espancá-lo ou ameaçá-lo, eles fizeram algo muito estranho.

Um oficial da Inteligência Militar levou um ghetto blaster para seu quarto. Ele o colocou no chão, no canto. Ele disse: 'Aqui está uma ótima banda feminina tocando músicas do Fleetwood Mac'.

Ele não explodiu o CD no Jamal. Não se tratava de privação do sono, nem de uma tentativa de induzir o Efeito Bucha. Em vez disso, o agente simplesmente colocou o CD em um volume normal.

Ele colocou o CD", disse Jamal, "e foi embora".

"Uma banda de covers do Fleetwood Mac só de garotas? Eu disse. "Sim", disse Jamal.

Isso me pareceu a ponta de um iceberg muito estranho. "E o que aconteceu depois? perguntei.

Quando o CD terminou, ele voltou para a sala e disse: 'Talvez você goste disso'. E colocou os maiores sucessos de Kris Kristofferson. Volume normal. E saiu da sala novamente. Depois, quando terminou, ele voltou e disse: 'Aqui está um CD do Matchbox Twenty'.

"Ele estava fazendo isso para fins de entretenimento? perguntei.

"Eu" É um interrogatório", disse Jamal. Acho que eles não estavam tentando entreter
.

"Matchbox Twenty? Eu disse.

Eu não sabia muito sobre o Matchbox Twenty. Minha pesquisa revelou que eles são
são uma banda de country rock de quatro integrantes da Flórida, que não soa particularmente abrasiva (como o Metallica e "Burn Motherfucker Burn!") nem irritantemente repetitiva (como Barney e "Ya! Ya! Das Is a Mountain"). Eles soam um pouco como REM. A única outra ocasião em que ouvi falar do Matchbox Twenty foi quando Adam Piore, da *Newsweek*, me disse que eles também haviam sido explodidos nos contêineres de transporte em Al-Qa'im.

Mencionei isso a Jamal e ele pareceu surpreso. "Matchbox Twenty?", disse ele.

"O álbum deles*, More Than You Think You Are*", eu disse.

Houve um silêncio.

Pensei que eles estivessem apenas tocando um CD para mim", disse Jamal. 'Só estavam tocando um CD para mim. Para ver se eu gosto de música ou não. Agora que ouvi isso, estou pensando que deve ter havido algo mais. Agora estou pensando: por que eles tocaram o mesmo CD para mim também? Eles estão tocando esse CD no Iraque e estão tocando o mesmo CD em Cuba. Para mim, isso significa que há um *programa*. Eles não estão tocando música porque acham que as pessoas gostam ou não gostam mais de Matchbox Twenty do que de outras músicas. Ou Kris Kristofferson mais do que outras músicas. Há um motivo. Há algo mais acontecendo. Obviamente, não sei o que é. Mas deve haver alguma outra intenção".

Deve haver", eu disse.

Jamal parou por um momento e depois disse: "Você não sabe até onde vai a toca do coelho, não é? Mas você sabe que é profunda. Você sabe que é profunda".

11. UM HOTEL ASSOMBRADO

Joseph Curtis (não é seu nome verdadeiro) trabalhava no turno da noite na prisão de Abu Ghraib no outono de 2003. Agora ele havia sido exilado pelo exército em uma cidade na Alemanha. A ameaça de uma corte marcial pairava sobre ele. Ele havia dado uma entrevista sobre o que tinha visto a uma agência de imprensa internacional, incorrendo assim na ira de seus superiores. Mesmo assim, contra seu próprio bom senso e contra o conselho de seus advogados, ele concordou em se encontrar comigo, secretamente, em um restaurante italiano em uma quarta-feira de junho de 2004. Não tenho certeza absoluta do motivo pelo qual ele estava disposto a arriscar mais censura. Talvez ele tenha achado que não poderia ficar de braços cruzados e ver Lynndie England e os outros policiais militares capturados nas fotos serem bodes expiatórios apenas por cumprirem ordens.

Sentamos na varanda do restaurante e ele empurrou a comida em seu prato.

"Você já viu *The Shining?*", ele disse.

"Sim", eu disse.

Abu Ghraib era como o Overlook Hotel", disse ele. "Era *assombrado*".

"Você quer dizer...", eu disse.

Presumi que Joseph quisesse dizer que o lugar era cheio de fantasmas: oficiais de inteligência - mas a expressão em seu rosto me fez perceber que ele não queria dizer isso.

"Era *assombrado*", disse ele. 'Ficava muito escuro à noite. Muito escuro. Sob o comando de Saddam, as pessoas eram dissolvidas em ácido lá. Mulheres estupradas por cães. Cérebros espalhados por todas as paredes. Isso era pior do que o Overlook Hotel porque era *real*.

"Em *The Shining*", eu disse, "foi o prédio que deixou Jack Nicholson louco. Foi o prédio que deixou os americanos loucos em Abu Ghraib?

"Era como se o prédio quisesse voltar a funcionar", disse Joseph.

Joseph usava uma camiseta do departamento de esportes da Universidade de Louisiana. Ele tinha o corte de cabelo de soldado americano - raspado nas laterais, com um corte curto na parte superior. Ele disse que não conseguia acreditar na quantidade de dinheiro que estava circulando pelo exército atualmente. Esses eram os dias dourados, em termos orçamentários. Um dia, ele levou seu caminhão para consertar e o soldado que o examinou disse: "Você precisa de assentos novos".

Joseph disse que não parecia que os assentos precisavam ser substituídos.

O soldado respondeu que havia US$ 200.000 no orçamento e que, se não fossem gastos até o final do mês, teriam de devolvê-los.

"Então", repetiu o soldado lentamente, "vocês precisam de assentos novos".

Joseph disse que eu não acreditaria na quantidade de telas de plasma que havia no Iraque, para fins de teleconferência e assim por diante. Eles tinham TVs muito boas, mas um dia chegaram caminhões cheios de telas de plasma, porque era o dinheiro que estava circulando.

Em janeiro de 2004, o influente think tank e grupo de lobby, GlobalSecurity, revelou que o governo de George W. Bush havia filtrado mais dinheiro para seu Black Budget do que qualquer outro governo na história dos Estados Unidos.

A quantidade de dinheiro que um governo gasta em seu Black Budget pode ser vista como um barômetro tentador de sua propensão à estranheza. Os Black Budgets geralmente financiam apenas as Black Ops - projetos altamente sensíveis e profundamente obscuros, como esquadrões de assassinato e assim por diante, que permanecem em segredo não apenas para proteger os Black Operators, mas também para proteger os americanos, que geralmente não querem pensar nessas coisas. Mas os Black Budgets também financiam investigações sobre esquemas tão bizarros que sua divulgação pode levar os eleitores a acreditar que seus líderes perderam o juízo. Em janeiro de 2004, o governo de George W. Bush havia canalizado aproximadamente US$ 30 bilhões para o Black Budget - para serem gastos sabe-se lá com o quê.

Tive que me esforçar para ouvir Joseph durante as obras na estrada, tarde da noite, enquanto ele me contava sobre a escuridão em Abu Ghraib e como essa escuridão fez com que "a fera que existe no homem realmente saísse de lá" e o orçamento farto e interminável.

Abu Ghraib era uma atração turística", disse ele. Lembro-me de uma vez em que fui acordado por dois capitães. 'Onde fica a câmara da morte? Eles queriam ver a corda e a alavanca. Quando Rumsfeld veio me visitar, ele não quis falar com os soldados. Tudo o que ele queria ver era a câmara da morte".

Joseph deu uma mordida em sua comida.

"Sim, a fera que existe no homem realmente se manifestou em Abu Ghraib", disse ele. "Você quer dizer nas fotografias?", perguntei.

"Em todos os lugares", disse ele. 'A liderança sênior estava brincando com os escalões inferiores...'

Eu disse a Joseph que não estava entendendo o que ele queria dizer.

Ele disse: "Os líderes seniores estavam fazendo sexo com os inferiores. Os detentos estavam estuprando uns aos outros".

"Você já viu algum fantasma? Eu lhe perguntei.

Ele parou de comer e empurrou a comida no prato novamente. "Havia uma escuridão no lugar", respondeu ele. "Você tinha essa sensação de que sempre havia algo lá, espreitando atrás de você na escuridão, e que era muito louco".

Perguntei a Joseph se havia algo de *bom* em Abu Ghraib, e ele fez uma pausa e disse que era bom o fato de *a amazon.com* fazer entregas lá. Então ele se lembrou de outra coisa boa. Ele disse que havia um gênio que fazia modelos de aviões lá. Ele os fazia com caixas de ração velhas e os pendurava no teto do bloco de isolamento. Certa vez, disse Joseph, alguém foi até ele e disse: 'Você *precisa* ver esses modelos de aviões! Eles são incríveis! Um dos guardas do bloco de isolamento pendurou um monte deles no teto. Ei, e enquanto estiver lá, pode dar uma olhada nos valores altos!

Os "altos valores" eram o que o exército dos EUA chamava de suspeitos de terrorismo, líderes insurgentes, estupradores ou molestadores de crianças, embora as coisas estivessem tão fora de controle no Iraque do pós-guerra que muitos dos "altos valores" poderiam ser apenas transeuntes apanhados nos postos de controle porque os soldados não gostavam da aparência deles.

Joseph era o responsável pela rede de computadores superclassificada em Abu Ghraib. Ele havia configurado o sistema e distribuído os nomes de usuário e as senhas. Seu trabalho não o levava ao bloco de isolamento, embora ficasse no final do corredor. Portanto, ele aceitou o convite. Levantou-se de trás de sua mesa e caminhou em direção aos modelos de aviões e aos "valores altos".

Algumas semanas antes de eu conhecer Joseph, foi revelado por Seymour Hersh na *New Yorker* que, em 9 de abril de 2004, o especialista Matthew Wisdom disse em uma audiência do Artigo 32 (o equivalente militar de um grande júri) 'Vi dois detentos nus [no bloco de isolamento em Abu Ghraib], um se masturbando para outro ajoelhado com a boca aberta. Achei que deveria sair dali. Não achei certo... Vi o SSG [Ivan] Frederick caminhar em minha direção e ele disse: 'Veja o que esses animais fazem quando você os deixa sozinhos por dois segundos'. Ouvi a soldado [Lynndie] England gritar: 'Ele está ficando duro'. O bloco de isolamento foi onde todas as fotos foram tiradas - Lynndie arrastando um homem nu pelo chão em uma coleira, e assim por diante.

Joseph virou a esquina e entrou no bloco de isolamento.

Havia dois deputados lá", ele me disse. E eles estavam sempre gritando. "CALEM A BOCA!" Eles estavam gritando com um velho, fazendo-o repetir um número várias vezes.

'156403. 156403. 156403.'
O cara não sabia falar inglês. Ele não conseguia pronunciar os números.
'EU NÃO CONSIGO TE OUVIR, PORRA.'
'156403. 156403.'
MAIS ALTO. MAIS ALTO, PORRA.
"Então eles me viram. 'Ei, Joseph! Como você está? EU NÃO CONSIGO TE OUVIR, PORRA. MAIS ALTO.
'156403. 156403.'
Joseph disse que os parlamentares basicamente foram direto do McDonald's para Abu Ghraib. Eles não sabiam de nada. E agora estavam sendo colocados como bodes expiatórios porque podiam ser identificados nas fotografias. Eles simplesmente faziam o que o pessoal da Inteligência Militar, o pessoal de Joseph, lhes dizia para fazer. As PsyOps estavam a apenas um telefonema de distância, disse Joseph. E todo o pessoal da Inteligência Militar tinha treinamento em PsyOps. O que eu tinha de lembrar sobre a Inteligência Militar era que eles eram os caras nerds da escola. Você sabe. Os excluídos.
Junte tudo isso ao ego e a um pôster na parede dizendo "By CG Approval" (Aprovação do Comando Geral) - Aprovação do Comandante Geral - e, de repente, você tem caras que acham que governam o mundo. Foi isso que um deles me disse. "Nós governamos o mundo".
"Havia muitos oficiais de inteligência em Abu Ghraib?", perguntei a Joseph.
Havia pessoas da inteligência que apareciam lá e que eu nem sabia que *existiam*", disse ele. 'Havia uma unidade de Utah. Todos *mórmons*. Era uma verdadeira caçarola de inteligência, e todos tinham que vir até mim para obter seus nomes de usuário e senhas. Eles eram de todos os tipos de unidades, civis e tradutores. Dois britânicos apareceram. Eles eram mais velhos, usavam uniforme e estavam se instalando adequadamente. Eles tinham laptops e uma mesa.
Um assessor de Condoleezza Rice, conselheira de segurança nacional da Casa Branca, também visitou a prisão para informar severamente aos interrogadores que eles não estavam obtendo informações úteis o suficiente dos detentos.
"Então", disse Joseph, "um pelotão inteiro de pessoas de Guantánamo chegou. A notícia se espalhou. 'Oh Deus, os caras de Gitmo estão aqui. Pimba! Lá estavam eles. Eles tomaram conta do lugar".
Talvez a Baía de Guantánamo tenha sido o Laboratório Experimental Mark 1, e todas as técnicas esotéricas que funcionaram lá foram exportadas para Abu Ghraib. Perguntei a Joseph se ele sabia alguma coisa sobre a música. Ele disse que, com certeza, eles tocavam música alta para os detentos o tempo todo.
"E quanto a músicas mais calmas? Perguntei e contei a ele a história de Jamal sobre o detonador do gueto, a banda de covers só de garotas do Fleetwood Mac e o Matchbox Twenty.
Joseph riu. Ele balançou a cabeça em sinal de admiração.
"Eles provavelmente estavam mexendo com a cabeça
dele", disse ele.
"Você quer dizer que eles fizeram isso só *porque* parecia muito estranho? perguntei. "A incongruência era o objetivo?
"Sim", disse ele.
"Mas isso não faz sentido", eu disse. Posso imaginar que isso possa funcionar com um muçulmano devoto de um país árabe, mas Jamal é britânico. Ele foi criado em

Manchester. Ele sabe tudo sobre blasters do gueto, Fleetwood Mac e música country e western.

"Hm", disse Joseph.

"Você acha que...? eu disse.

Joseph terminou a frase por mim.

"Mensagens subliminares?", disse ele.

"Ou algo do gênero", eu disse. "Algo *por baixo* da música.

"Sabe", disse Joseph, "em um nível superficial, isso seria ridículo. Mas Guantánamo e Abu Ghraib foram *tudo* menos superficiais".

12. AS FREQUÊNCIAS

Talvez, pensei eu, uma maneira de resolver esse mistério fosse seguir as patentes, segui-las como um rastreador segue pegadas na neve e depois, como em um filme de terror, ver como as pegadas desaparecem. Haveria, em algum lugar por aí, um rastro de papel de patentes para tecnologias de som subliminar ou tecnologias de frequência que simplesmente desapareceram no mundo secreto do governo dos Estados Unidos?

Sim, havia. E o inventor em questão era uma figura misteriosa e um tanto escorregadia chamada Dr. Oliver Lowery.

Em 27 de outubro de 1992, o Dr. Oliver Lowery, da Geórgia, EUA, recebeu a Patente nº 5.159.703 dos EUA. Sua invenção foi algo que ele chamou de "Sistema de Apresentação Subliminar Silenciosa":

Um sistema de comunicação silencioso no qual portadores não auditivos, na faixa de frequência de áudio muito baixa ou muito alta ou no espectro de frequência ultrassônica adjacente, são modulados em amplitude ou frequência com a inteligência desejada e propagados acústica ou vibracionalmente para indução no cérebro, geralmente por meio do uso de alto-falantes, fones de ouvido ou transdutores piezoelétricos. As portadoras moduladas podem ser transmitidas diretamente em tempo real ou podem ser convenientemente gravadas e armazenadas em mídia mecânica, magnética ou óptica para transmissão atrasada ou repetida para o ouvinte.

O material publicitário que acompanhou essa patente colocou-a em uma linguagem mais simples. Ele havia inventado uma maneira pela qual os sons subliminares poderiam ser colocados em um CD e "induzir e alterar silenciosamente o estado emocional de um ser humano".

Os seguintes estados emocionais poderiam, de acordo com o Dr. Lowery, ser induzidos por sua invenção:

Emoções positivas:

CONTENTAMENTO, DEVER, FÉ, AMIZADE, ESPERANÇA, INOCÊNCIA, ALEGRIA, AMOR, ORGULHO, RESPEITO, AMOR PRÓPRIO e ADORAÇÃO.

Emoções negativas:

RAIVA, ANGÚSTIA, ANSIEDADE, CONTEMPLAÇÃO, DESAPARECIMENTO, DREAD, EMBARRASSAMENTO, INVEJA, MEDO, FRUSTRAÇÃO, GRIEF, GUILT, ÓDIO, INDIFERENÇA, INDIGNAÇÃO, JEALOUSY, Piedade, RAGE, REGRET, REMORSO, RESENTMENT, SADNESS, SHAME, SPITE, TERROR e VANITY.

12 emoções positivas, 26 negativas.

Quatro anos depois, em 13 de dezembro de 1996, a empresa do Dr. Lowery, Silent Sounds Inc., publicou a seguinte mensagem em seu site: 'Todos os esquemas foram [agora] classificados pelo governo dos EUA e não temos permissão para revelar os detalhes exatos... fabricamos fitas e CDs para o governo alemão e até para os países da antiga União Soviética! Tudo com a permissão do Departamento de Estado dos EUA, é claro... O sistema foi usado durante a Operação Tempestade no Deserto (Iraque) com bastante sucesso".

Por semanas a fio, telefonei várias vezes para o número que havia encontrado do Dr. Oliver Lowery - era um código de área da Geórgia, em algum lugar nos arredores de Atlanta - mas ninguém atendia ao telefone.

Até que, um dia, alguém atendeu.

"Alô?", disse a voz.

Dr. Lowery? Eu disse.

"Eu preferiria que você não me chamasse assim", disse ele. "Como posso chamá-lo? perguntei.

"Me chame de Bud", disse ele.

Eu quase podia ouvi-lo sorrir ao telefone. "Me chame de Hamish McLaren", disse ele então.

Contei a Hamish/Bud/Dr. Oliver Lowery o que eu estava fazendo e ele, em troca, quem quer que fosse, contou-me algo sobre sua vida. Ele disse que tinha setenta e sete anos de idade, era veterano da Segunda Guerra Mundial, ex-engenheiro aeroespacial da Hughes, e que havia passado por várias operações, bypasses cardíacos, etc. Então ele disse: 'Você é o primeiro jornalista a nos encontrar em quatro anos'.

"Encontrar 'nós'?", eu disse.

"Você acha que está falando com a *Geórgia?*", disse ele. Havia um leve tom de zombaria em sua voz. "Me desculpe? Eu disse.

Ele riu.

"Liguei para um código de área da Geórgia", eu disse.

Parecia haver vozes ao fundo, muita agitação, como se Oliver/Bud/Hamish estivesse falando no meio de um escritório movimentado.

"Você nunca conseguirá imprimir o que vou lhe contar", disse ele, "porque não há como provar que essa conversa aconteceu".

"Então, não estou falando com alguém da Geórgia? eu disse.

Você está falando com alguém em um laboratório onde há vários PhDs de dezesseis países, inclusive britânicos, e o laboratório fica em um prédio de quatorze andares atrás de três camadas de arame farpado que, com certeza, não é a Geórgia", disse ele.

Houve uma longa pausa.

"Então, você está usando desvio de chamadas? Eu disse, fracamente.

Eu não tinha ideia se isso era verdade. Talvez ele fosse um fantasista, ou talvez estivesse brincando comigo por diversão, mas, como eu disse, parecia haver muitas vozes ao fundo.

vozes ao fundo. (Talvez ele estivesse apenas colocando essas vozes na minha cabeça).

O homem disse que o exército dos EUA vem pesquisando tecnologias de som silencioso há vinte e cinco anos. Ele comparou essa pesquisa "maciça" ao Projeto Manhattan.

Ele disse que havia bons sons silenciosos - "crianças expostas a bons sons no útero se tornam extraordinariamente inteligentes" - e sons silenciosos ruins.

"Só usamos os ruins nos maus", disse ele.

Ele disse que os norte-americanos usaram sons subliminares ruins nos soldados iraquianos durante a primeira Guerra do Golfo ("Nós deformamos seus cérebros por cem dias"), mas tiveram "sérios problemas para tirar os medos implantados subliminarmente de suas cabeças" nos anos seguintes.

As coisas negativas são um demônio para sair". Ele deu uma risada.

Ele disse que o noticiário da ITN uma vez transmitiu uma história sobre o uso de sons silenciosos na primeira Guerra do Golfo.

(Mais tarde, a ITN me disse, categoricamente, que nunca havia veiculado tal matéria. Em nenhum lugar de seu banco de dados de arquivos encontrei algo parecido com isso).

Ele disse: "É possível transmitir sons silenciosos para a cabeça das pessoas por meio de uma janela, da mesma forma que se pode disparar um raio laser por uma janela para escutar uma conversa. Por outro lado, os sons podem ser transmitidos por meio da mídia mais simples - um telefone via satélite ou um velho gravador de fita ou um detonador do gueto".

Ele disse que a New Scotland Yard usa a tecnologia, mas não quis me dizer como. Ele disse que os russos também a utilizam. E foi só isso. Ele encerrou a conversa. Desejou o melhor para mim, desligou e eu fiquei atordoado e totalmente inseguro em relação a tudo o que ele havia dito.

Esse homem parecia ter verificado uma das teorias da conspiração mais duradouras e menos plausíveis do mundo. Para mim, a ideia de que o governo aplicaria sub-repticiamente sons subliminares em cabeças e alteraria remotamente o humor era comparável à ideia de que eles estavam escondendo OVNIs em hangares militares e se transformando em lagartos de 3 metros. Essa teoria da conspiração persistiu porque contém todos os ingredientes cruciais - a mão oculta do grande governo se unindo a cientistas maquiavélicos para dominar nossas mentes como ladrões de corpos.

O fato é que, nesse contexto, a experiência de Jamal com o Fleetwood Mac, que era só de garotas, capas e ghetto-blaster, dentro do Brown Block na Baía de Guantánamo, de repente fez sentido.

Jamal parecia bem quando o encontrei em Manchester. Perguntei se ele se sentiu incomum depois de ouvir Matchbox Twenty e ele disse que não. Mas não se deve dar muita importância a esse fato. Há uma grande chance, dada a história do olhar de bode e da caminhada na parede e assim por diante, de que eles tenham tocado Jamal com sons silenciosos e isso simplesmente não tenha funcionado.

Havia uma coisa que eu podia investigar. O Dr. Oliver Lowery (ou quem quer que fosse) havia me indicado o nome de um Dr. Igor Smirnov. Ele disse que Igor Smirnov havia realizado um trabalho semelhante do governo dos EUA no campo dos sons silenciosos. Pesquisei o Dr. Smirnov. Encontrei-o em Moscou. Entrei em contato com seu escritório e seu

Seu assistente (o Dr. Smirnov fala pouco inglês) me contou a seguinte história curiosa.

É uma história que o FBI nunca negou.

Igor Smirnov não estava prosperando na Moscou pós-Guerra Fria de 1993. Suas finanças estavam tão desanimadoras que, quando a máfia russa apareceu em seu laboratório uma noite, apertou a campainha com a inscrição, um tanto sinistra, Institute for Psycho-Correction (Instituto de Psicocorreção) e disse a Igor que lhe pagariam muito bem se ele pudesse influenciar subliminarmente alguns empresários relutantes a assinar determinados contratos, ele quase aceitou a oferta. Mas, no fim das contas, isso lhe pareceu assustador e antiético demais e ele recusou a oferta dos gângsteres. Seus clientes regulares - os esquizofrênicos e os viciados em drogas - podiam ser maus pagadores, mas pelo menos não eram da máfia.

O trabalho diário de Igor no início da década de 1990 era mais ou menos assim: um viciado em heroína aparecia em seu laboratório muito chateado porque era um futuro pai, mas, por mais que tentasse, ele se importava mais com a heroína do que com o filho que estava para nascer. Então, ele se deitava em uma cama e Igor o bombardeava com mensagens subliminares. Ele as exibia em uma tela na frente dos olhos do viciado e as transmitia por meio de fones de ouvido, disfarçadas por um ruído branco, e as mensagens diziam: "Seja um bom pai. A paternidade é mais importante do que a heroína". E assim por diante.

Esse era um homem que já foi homenageado pelo governo soviético, que - dez anos antes - o havia instruído a enviar suas mensagens silenciosas para as tropas do Exército Vermelho que estavam a caminho do Afeganistão. Essas mensagens diziam: "Não se embriague antes da batalha".

Mas os dias de glória já haviam passado há muito tempo em março de 1993, mês em que Igor Smirnov recebeu um telefonema inesperado do FBI. Ele poderia voar para Arlington, Virgínia, imediatamente? Igor Smirnov ficou intrigado e bastante surpreso, e entrou em um avião.

A comunidade de inteligência dos EUA estava espionando Igor Smirnov há anos. Parecia que ele havia conseguido criar um sistema para influenciar as pessoas à distância - colocando vozes em suas cabeças, alterando remotamente sua perspectiva de vida - talvez sem que o sujeito sequer soubesse que isso estava sendo feito com ele. Essa era uma versão tangível, real e mecanicista dos grupos de oração do General Wickham ou do olhar de bode de Guy Savelli, o tipo de sistema que o compositor de ambientes Steven Halpern havia sugerido a Jim Channon no final da década de 1970. A questão era: Igor poderia fazer isso com David Koresh?

Ele poderia colocar a voz de Deus na cabeça de David Koresh?

O Ramo Davidiano, uma ramificação dos Adventistas do Sétimo Dia, vivia em Waco, prevendo um Dia do Julgamento iminente, desde 1935. Quando Vernon Howell assumiu a liderança da igreja no final da década de 1980 e se declarou uma figura de Cristo, o ungido, o sétimo e último mensageiro, conforme descrito no Livro do Apocalipse, mudou seu nome para David Koresh e começou a vender armas ilegalmente para financiar o estilo de vida separatista de sua congregação, o Departamento Federal de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo dos EUA começou a se interessar. Eles imaginaram que uma batida de alto nível na igreja seria boa para o moral e as relações públicas da agência. Então, eles avisaram a mídia local, disseram que o Ramo Davidiano era teologicamente incompreensível, louco e fortemente armado

(eles estavam, mas basicamente da mesma forma que as lojas de armas estão fortemente armadas) e eles estavam entrando.

O que o BATF não previu foi que Koresh estava esperando por um confronto como esse e adorava a perspectiva. Era seu destino ser atacado por um exército hostil que representava um governo da Babilônia fora de controle, sinistro e pesado, do tipo Babilônia da nova ordem mundial.

Em 28 de fevereiro de 1993, uma centena de agentes do BATF invadiu a igreja, mas o ataque se transformou em um tiroteio, durante o qual quatro agentes foram mortos, e o tiroteio se transformou em um cerco.

Em retrospecto, há algo familiar demais em tudo isso.

Em Waco, assim como em Abu Ghraib, o governo dos EUA se comportou como uma caricatura grotesca de si mesmo. A direita americana, que se opõe ao grande governo, alimentou fantasias paranoicas sobre a administração Clinton, que destruía com mão de ferro a vida de pessoas simples que queriam viver livres, e Waco foi o lugar onde essas teorias da conspiração se tornaram realidade. Grande parte da população iraquiana havia sido alimentada com teorias conspiratórias igualmente selvagens sobre o hedonismo imperialista americano - que os Estados Unidos estavam violentamente fora de controle e determinados a impor sua corrupção e decadência aos devotos - e Abu Ghraib foi o lugar onde essas teorias conspiratórias se tornaram realidade.

Mas há um paralelo mais perturbador. Os Davidianos do Ramo Davidiano de David Koresh também parecem ter sido considerados cobaias em meio a uma oportunidade de ouro há muito esperada, uma oportunidade de experimentar coisas.

Em 1993, o problema para os defensores do pensamento inovador dentro do governo e das instituições militares dos EUA era que não havia ninguém adequadamente perverso para testar suas ideias. A perspectiva era tão esperançosa, de fato, que um cientista social do Departamento de Estado dos EUA chamado Francis Fukuyama declarou em 1989, para ampla aclamação internacional, que era o fim da história. O capitalismo democrático ocidental havia se mostrado tão superior a todos os seus rivais históricos, escreveu Fukuyama, que estava sendo aceito em todo o mundo. Simplesmente não havia nada de nefasto no horizonte.

Embora essa tenha se revelado a pior previsão de todos os tempos, em 1993 ela parecia real demais. Esses foram os anos de pousio para aqueles que queriam experimentar novas ideias sobre adversários adequados.

E então veio o cerco de Waco.

Primeiro foram os ruídos. Na metade do cerco - em meados de março de 1993 - os sons de cânticos budistas tibetanos, gaitas de foles estridentes, gaivotas chorando, pás de rotor de helicóptero, brocas de dentista, sirenes, coelhos morrendo, um trem e "These Boots Are Made for Walking", de Nancy Sinatra, começaram a explodir na igreja. Foi o FBI, nesse caso, que fez a explosão. Havia

Setenta e nove membros da congregação de David Koresh estavam lá, incluindo vinte e cinco crianças (vinte e sete se você contar os que ainda não nasceram). Alguns dos paroquianos colocaram algodão em seus ouvidos, um luxo que mais tarde não estava disponível para Jamal em Guantánamo e para os prisioneiros dentro dos contêineres em Al-Qa'im. Outros aparentemente tentaram se divertir fingindo ironicamente que era uma discoteca.

Isso não foi fácil, como me disse um deles, Clive Doyle, quando telefonei para ele.

Clive Doyle é um dos poucos sobreviventes do incêndio que pôs fim ao cerco. cerco.

Raramente eles tocavam uma música inteira", disse ele. Eles distorciam distorciam-na, tornando-a mais lenta ou mais rápida. E os monges tibetanos eram bastante sinistros". Em seguida, a propósito de nada, ele disse: "Você acha que eles nos bombardeavam com aqueles sons subliminares?

"Não sei", eu disse. "Você sabe?

"Não sei", disse ele. Achamos que eles estavam fazendo experiências em várias áreas diferentes. Um dia, um robô desceu pela estrada com uma grande antena na parte superior. Do que se tratava?

"Não sei", eu disse.

"Às vezes", disse Clive Doyle, "acho que o FBI era simplesmente um idiota e que estava um caos lá fora".

De fato, parecia um pouco caótico. Fiquei sabendo que a maioria dos ruídos emitidos contra o Ramo Davidiano vinha da esposa de um agente encarregado. Ela trabalhava em um museu local. Ela simplesmente os recolhia e os entregava ao marido.

Os ruídos de coelhos morrendo eram uma exceção. Eles vinham de um agente do FBI que usava a fita, em circunstâncias normais, para procurar coiotes durante suas viagens regulares de caça. Além disso, o FBI continuava a tocar os cantos budistas mesmo depois de o Dalai Lama ter escrito uma carta de reclamação porque o agente encarregado do sistema de alto-falantes "não tinha mais nada para fazer à noite".

Meu palpite é que, assim como em Abu Ghraib, havia uma "caçarola de inteligência" presente, cada uma com sua própria ideia sobre como dirigir o cerco. Algumas das ideias foram inspiradas por Jim Channon ou por pessoas que foram inspiradas por ele. Outras eram mais aleatórias. Os negociadores do FBI gravaram suas conversas telefônicas com David Koresh e seus ajudantes. Trechos dessas gravações ilustram duas coisas: as pessoas dentro da igreja tinham, de forma um tanto alarmante, uma só mente - a mente de David Koresh; as pessoas do lado de fora da igreja não tinham, de forma ainda mais alarmante, nenhuma mentalidade coesa.

STEVE SCHNEIDER (ramo davidiano):

Quem está controlando esses caras? Há homens lá fora, neste momento, abaixando as calças, homens maduros, colocando a bunda no ar e fazendo sinal de alerta.

NEGOCIADOR DO FBI:

Dê-me um momento. Os caras que gravitam em torno de andar em tanques, pular de aviões, têm uma mentalidade um pouco diferente da minha e da sua, c o n c o r d a ?

STEVE SCHNEIDER:

Concordo com você. Mas alguém tem de estar acima desses caras.

NEGOCIADOR DO FBI:

Claro.

JIM CAVANAUGH (negociador do FBI):

Acho que precisamos esclarecer as coisas. Não havia armas naqueles

helicópteros.

DAVID KORESH:

Isso é mentira. Isso é mentira. Agora, Jim, você é um maldito mentiroso. Vamos falar a verdade.

JIM CAVANAUGH:

David, eu...

DAVID KORESH:

Não, ouça-me. Você está aí sentado me dizendo que não havia armas naquele helicóptero?

JIM CAVANAUGH:

Eu disse que eles não atiraram.

DAVID KORESH:

Você é um maldito mentiroso.

JIM CAVANAUGH:

Bem, você está errado, David.

DAVID KORESH:

Você é um mentiroso.

JIM CAVANAUGH:

Certo. Bem, apenas se acalme...

DAVID KORESH:

Não! Vou lhe dizer uma coisa. Isso pode ser o que você quer que a mídia acredite, mas outras pessoas também viram. Agora me diga, Jim, você vai dizer honestamente que aqueles helicópteros não atiraram em nenhum de nós?

JIM CAVANAUGH (após um longo silêncio):

David?

DAVID KORESH:

Estou aqui.

JIM CAVANAUGH:

Sim, o que estou dizendo é que esses helicópteros não tinham armas *montadas*. Está bem? Não estou discutindo o fato de que pode ter havido disparos dos helicópteros. Entende o que estou dizendo?

DAVID KORESH:

Não.

MENINA NÃO IDENTIFICADA:

Eles vão entrar e me matar?

NEGOCIADOR NÃO IDENTIFICADO:

Não. Ninguém está vindo. Ninguém está vindo.

E isso, de uma coletiva de imprensa que ocorreu no meio do cerco
cerco:

JORNALISTA:

Sr. Ricks, está pensando em usar a guerra psicológica? O senhor
vocês já discutiram isso?

BOB RICKS (porta-voz do FBI):

Não sei o que é guerra psicológica.

JORNALISTA:

Foi relatado no jornal que você tocava música alta, colocava luzes brilhantes no complexo durante toda a noite, para tentar agitar todo o grupo. Isso é possível?

BOB RICKS:

Não discutiremos táticas desse tipo, mas eu diria que as chances de realizar esse tipo de atividade são mínimas.

Eu conheci Bob Ricks. Ele tem sido um dos críticos mais francos do FBI em relação ao cerco de Waco e impediu, praticamente sozinho, que uma operação semelhante ocorresse contra um grupo de supremacistas brancos no norte de Oklahoma, em um local chamado Elohim City. Não acho que Bob Ricks estivesse mentindo durante a coletiva de imprensa. Acho que a mão esquerda do FBI não sabia o que sua mão direita estava fazendo.

Em Waco, assim como em Abu Ghraib, os pensadores do tipo Jim Channon parecem ter tido que esperar seu tempo, aguardar a vez dos dedos e dos atiradores de helicóptero.

Meu palpite é que o bombardeio musical foi inspirado em um evento semelhante ocorrido quatro anos antes na Cidade do Panamá. A batalha entre o General Stubblebine e o General Manuel Noriega havia sido travada há muito tempo como dois feiticeiros no topo de montanhas lançando raios um contra o outro. O general Stubblebine havia colocado seus espiões psíquicos em Noriega, que contra-atacou inserindo pequenos pedaços de papel em seus sapatos, e assim por diante.

No final, Noriega apareceu na Embaixada do Vaticano na Cidade do Panamá, e a PsyOps chegou ao local com alto-falantes acoplados aos seus caminhões, que foram usados para explodir repetidamente o prédio com "Welcome to the Jungle", do Guns N'Roses. Se esse evento foi inspirado (direta ou indiretamente) pelo manual de Jim Channon, é apropriado que Noriega - que havia dado tanto trabalho ao general Stubblebine que ele não conseguia se concentrar em atravessar a parede - tenha sido finalmente derrubado por outra ideia do First Earth Battalion.

Telefonei para uma dúzia de testemunhas do cerco em Waco - jornalistas e agentes de inteligência - e perguntei se eles sabiam de algum acontecimento estranho além da música e do robô com a antena. Três delas me contaram a mesma história. Não posso prová-la, portanto, continua sendo um boato - um boato que parece plausível, mas, por outro lado, totalmente implausível.

O boato que ouvi envolve um homem que chamarei de Sr. B. Ele se alistou no exército dos EUA em 1971 e, entre 1973 e 1989, esteve na unidade das Forças Especiais em Fort Bragg, onde participou de vários programas de super-soldados inspirados no General Stubblebine. Como resultado, ele se tornou - nas palavras de um homem com quem conversei - "não apenas o maior arrombador das forças armadas, mas de todo o governo".

O Sr. B podia entrar em qualquer lugar, sem ser visto e sem ser ouvido. Ele tinha, para todos os efeitos, dominado total e extraordinariamente o nível três do código Jedi Warrior de Glenn Wheaton: invisibilidade. Mas o Sr. B usou seus poderes para o mal. Ele foi condenado, em 1989, por invadir apartamentos de mulheres e estuprá-las. Foi condenado à prisão perpétua.

Um soldado que não posso citar o nome jura que, em 18 de abril de 1993, viu o Sr. B

entrando clandestinamente na igreja de David Koresh. Talvez seus quatro anos de prisão tenham diminuído seus poderes, pois o soldado o reconheceu imediatamente. Ele não disse nada na ocasião, pois sabia que havia testemunhado uma operação secreta. Uma agência de inteligência deve ter tirado o Sr. B da prisão.

O boato termina assim: O Sr. B entrou no complexo de Koresh, verificou se os dispositivos de escuta estavam funcionando bem, consertou os que não estavam, saiu novamente, foi transportado de volta para sua cela no Colorado e encontrou Deus. Ele se recusou a me conceder uma entrevista porque disse que não queria mais se preocupar com seu passado.

Ele permanece até hoje em uma prisão de segurança máxima.

Essa história continua sendo um boato, enquanto o envolvimento do Dr. Igor Smirnov no cerco a Waco pode ser considerado verdadeiro.

O FBI levou o Dr. Smirnov de avião de Moscou para Arlington, Virgínia, onde ele se viu em uma sala de conferências com representantes do FBI, da CIA, da Defense Intelligence Agency e da Advance Research Projects Research Agency.

A ideia, explicaram os agentes, era usar as linhas telefônicas. Os negociadores do FBI negociariam com Koresh como de costume, mas, por baixo, a voz silenciosa de Deus diria a Koresh o que o FBI quisesse que Deus dissesse.

O Dr. Smirnov disse que isso era possível.

Mas então a burocracia se infiltrou nas negociações. Um agente do FBI disse que estava preocupado com o fato de que o esforço poderia, de alguma forma, levar o Ramo Davidiano a cometer suicídio em massa. Será que o Dr. Smirnov assinaria algo no sentido de que, se eles se matassem como resultado da voz de Deus sendo subliminarmente implantada em suas cabeças, ele assumiria a responsabilidade?

O Dr. Smirnov disse que não assinaria algo assim. E assim a reunião foi encerrada.

Um agente disse ao Dr. Smirnov que era uma pena que não tivesse dado certo. Ele disse que eles já haviam cooptado alguém para fazer a voz de Deus.

Se a tecnologia do Dr. Smirnov tivesse sido colocada em prática em Waco, disse o agente, Deus teria sido interpretado por Charlton Heston.

Eu estava passando pela Geórgia e pensando muito sobre minha conversa telefônica com o Dr. Oliver Lowery, então decidi passar de carro pelo endereço que eu tinha para ele. Era em algum lugar nos subúrbios de Atlanta. Eu me perguntava se encontraria uma casa normal ou algo como um prédio de quatorze andares atrás de três camadas de cercas de arame farpado. Estava soprando uma ventania tão forte que achei que o carro tombaria.

Era uma casa de madeira normal, um pouco dilapidada, em uma rua arborizada de classe média, e as folhas estavam rodopiando tão violentamente que tive de ligar os limpadores de para-brisa.

Estacionei o carro e caminhei até a entrada da garagem, protegendo-me contra a ventania. Eu estava me sentindo bastante nervoso. Bati na porta. A coisa toda aconteceu tão rápido que nem consigo descrever a pessoa que abriu a porta. Tenho a impressão de que era um homem de setenta e poucos anos, com os cabelos brancos balançando ao vento.

Eu disse: "Sinto muito por ter aparecido em sua casa. Se o senhor se lembra Nós...

Ele disse: 'Espero que o vento não o derrube em sua viagem de volta ao carro'. seu carro".

E então fechou a porta na minha cara.

Voltei para a garagem dele. E então ouvi sua voz novamente. Eu me virei. Ele estava gritando algo por uma fresta da porta. Ele estava gritando: "Espero que o vento não a leve embora".

Eu sorri desconfortavelmente.

"É melhor você se cuidar", ele gritou.

13. ALGUMAS ILUSTRAÇÕES

SPECIAL_IMAGE-p%3e%0a%3cp%20class%3d-REPLACE_ME No final de junho de 2004, enviei um e-mail para Jim Channon e para todas as outras pessoas que conheci durante minha jornada de dois anos e meio e que poderiam ter algum conhecimento interno sobre o uso atual dos tipos de técnicas de interrogatório psicológico que haviam sido sugeridas pela primeira vez no manual de Jim. Escrevi:

Prezado...

Espero que você esteja bem.

Eu estava conversando com um dos detentos britânicos de Guantánamo (inocente - ele foi libertado) e ele me contou uma história muito estranha. Ele disse que em um determinado momento, durante os interrogatórios, os oficiais da IM o deixaram em uma sala - por horas e horas - com um detonador do gueto. Eles tocaram uma série de CDs para ele - Fleetwood Mac, Kris Kristofferson, etc. Eles não os explodiram para ele. Apenas os tocaram em um volume normal. Agora, como esse homem é ocidental, tenho certeza de que não estavam tentando assustá-lo ao apresentá-lo à música ocidental. O que me leva a pensar...

...Frequências? Mensagens subliminares?

Qual é a sua opinião sobre isso? Você sabe de alguma ocasião em que frequências ou sons subliminares tenham sido usados com certeza pelos militares dos EUA?

Com os melhores
votos, Jon Ronson

Recebi quatro respostas imediatamente.

COMANDANTE SID HEAL

(O especialista não letal do Departamento do Xerife de Los Angeles que me falou sobre o Efeito Bucha):

"Muito interessante, mas não tenho a menor ideia. Sei que as mensagens subliminares podem ser incorporadas e que elas têm uma influência poderosa. Existem leis que as proíbem nos EUA, mas não tenho conhecimento de nenhum uso como o que você descreve. No entanto, imagino que isso seria confidencial e que ninguém sem a "necessidade de saber" estaria ciente. Se fossem frequências, provavelmente precisariam estar na faixa audível ou eles não precisariam mascará-las com outros sons.

SKIP ATWATER:

(ex-chefe de espionagem psíquica do General Stubblebine):

'Você pode apostar que essa atividade foi proposital. Se você conseguir que alguém fale com você

sobre isso, seria interessante saber a "taxa de sucesso" dessa técnica.

JIM CHANNON:

"Parece-me que a história que você conta é apenas bondade (que ainda existe)".

Eu não conseguia decidir se Jim estava sendo deliciosamente ingênuo, irritantemente ingênuo ou sofisticadamente evasivo. (O Major Ed Dames, o misterioso denunciante da unidade psíquica Art Bell e vizinho de Jim, certa vez o descreveu para mim de uma forma inesperada. Ele disse: "Não se deixe levar pelo comportamento hippie de Jim. O Jim não é nada arejado. Ele é como o senhor da guerra local. Ele *comanda* aquela parte do Havaí. Jim é um homem muito astuto').

Foi então que o Coronel John Alexander respondeu ao meu e-mail. O Coronel Alexander continua sendo o principal pioneiro do exército dos EUA em tecnologias não letais, um papel que ele criou para si mesmo, em parte, depois de ler e se inspirar no manual de Jim.

CORONEL ALEXANDER:

"Sobre sua afirmação de que ele era inocente. Em caso afirmativo, como ele foi capturado no Afeganistão? Não creio que houvesse muitos turistas britânicos que estivessem viajando para lá quando nossas forças chegaram. Ou talvez ele fosse um antropólogo cultural que estudava a ordem social progressiva do Talibã como parte de sua tese de doutorado e foi detido por engano por causa de sua formação.
Talvez, se você acredita na história desse homem, também esteja interessado em comprar uma ponte de mim? Quanto à música, não faço ideia do que se trata. Acho que os roqueiros podem considerar isso uma punição cruel e incomum e querer denunciá-la à Anistia Internacional como prova de tortura.

As piadas sobre o uso de música em interrogatórios não pareciam mais tão engraçadas - não para mim, e duvido que para ele também não fossem. O Coronel Alexander passou a vida inteira no mundo da negação plausível e acho que ele chegou a um ponto em que simplesmente repete essas coisas. O coronel Alexander acabou de voltar de quatro meses no Afeganistão, assessorando o exército em algo sobre o qual ele não quis falar.

Mandei um e-mail para ele:

Há algo que possa me dizer sobre o uso de sons e frequências subliminares no arsenal militar? Se alguém vivo hoje está preparado para responder a essa pergunta, certamente é o senhor.

Sua resposta foi imediata. Ele disse que minha afirmação de que o exército dos EUA jamais cogitaria a possibilidade de usar sons ou frequências subliminares "simplesmente não faz sentido".

O que foi estranho.

Peguei uma entrevista que havia feito com o coronel no verão anterior. Naquele momento, eu não estava muito interessado em armas acústicas - estava tentando descobrir mais sobre a espuma pegajosa e o olhar de cabras -, mas, agora me lembro, a conversa havia tocado brevemente no assunto.

"O exército já explodiu alguém com sons subliminares? eu perguntei perguntei a ele.

"Não faço ideia", disse ele.

"O que é um dispositivo de 'psicocorreção'? Eu lhe perguntei. "Não faço ideia", disse ele. Não tem base na realidade. "O que são sons silenciosos? perguntei.

"Não tenho a menor ideia", disse ele. Parece um oximoro para mim.

Ele me lançou um olhar duro, que parecia sugerir que eu estava me passando por jornalista, mas que, na verdade, era um louco conspirador perigoso e irracional.

"Qual é o seu nome mesmo?", perguntou ele.

Senti-me corar. De repente, eu estava achando o Coronel Alexander bastante assustador. Jim Channon tem uma página em seu manual dedicada à expressão facial que um Monge Guerreiro deve adotar ao encontrar um inimigo ou um estranho pela primeira vez. "Um sorriso consistente, sutil e assombroso", escreveu Jim. Um olhar profundo e sem piscar, indicando que a pessoa real está em casa e confortável com todos. Um olhar calmo e silencioso que indica a vontade de se abrir". O Coronel Alexander estava agora me dando o que eu só posso descrever como um olhar assombroso e sem piscar.

Eu lhe disse meu nome novamente. Ele disse: "Pixie dust". "Desculpe? Eu disse.

"Isso não é algo que tenha sido mencionado ou abordado, e nós cobrimos a orla das tecnologias não letais", disse ele. Não estamos deformando o cérebro das pessoas, monitorando-as ou da da da da da da. Isso é um absurdo".

"Estou confuso", disse eu. Não sei muito sobre esse assunto, mas tenho certeza de que já vi seu nome associado a algo chamado "dispositivo de psicocorreção".

"Isso não faz sentido", disse ele. Ele parecia perplexo. Em seguida, disse: sim, ele havia participado de reuniões em que esse tipo de coisa foi discutido, mas não havia nenhuma evidência de que máquinas como essa pudessem funcionar. 'Como você faria isso [explodir alguém com sons silenciosos] sem *nos afetar*? Qualquer pessoa que estivesse lá fora ouviria.

Tampões de ouvido? Eu disse.

'Ah, vamos lá', disse ele.

"É claro", eu disse. "Você está certo.

E então a conversa passou para o assunto de encarar cabras até a morte - "Em um ambiente cientificamente controlado", disse o Coronel Alexander - e foi quando ele me disse que o homem que conseguiu essa façanha não foi Michael Echanis, mas Guy Savelli.

Como você poderia explodir alguém com sons silenciosos "sem que isso *nos afetasse*"?

Na época, isso me pareceu um argumento inquestionável, que cortava todas as teorias paranoicas que circulavam na Internet sobre máquinas de controle mental que colocavam vozes na cabeça das pessoas. É claro que isso não poderia funcionar. Na verdade, foi um alívio acreditar no Coronel Alexander porque isso me fez sentir sensato novamente, e não o maluco que seu olhar sugeria que eu era. Agora éramos novamente duas pessoas sensatas - um coronel e um jornalista - discutindo coisas racionais de maneira sagaz.

O fato é que agora eu percebi que, se sons silenciosos foram usados contra Jamal em uma sala de interrogatório na Baía de Guantánamo, havia uma pista no relato de Jamal, uma pista que sugeria que a inteligência militar havia resolvido com astúcia o problema incômodo destacado pelo Coronel Alexander.

"Ele colocou o CD", disse Jamal, "e saiu da sala".

Em seguida, peguei o relatório militar que vazou recentemente, intitulado *Non-Lethal Weapons (Armas não letais): Termos e Referências*. Havia um total de 21 armas acústicas listadas, em vários estágios de desenvolvimento, incluindo o Infrassom ("Som de frequência muito baixa que pode percorrer longas distâncias e penetrar facilmente na maioria dos edifícios e veículos... efeitos biofísicos: náusea, perda de intestino, desorientação, vômito, possíveis danos a órgãos internos ou morte podem ocorrer.
Superior ao ultrassom...").

E depois a penúltima entrada - o Psycho-Correction Device (Dispositivo de Psicocorreção), que "envolve a influência visual ou auditiva de sujeitos com mensagens subliminares incorporadas".

Voltei para a primeira página. E lá estava. O coautor desse documento era o coronel John Alexander.

E assim nossos e-mails continuaram.

Pedi a permissão do coronel para incluir neste livro suas opiniões sobre a história de Guantánamo, e ele respondeu:

Não tenho certeza do que você quer dizer com a história de Guantánamo. Minha opinião sobre todo esse assunto é muito maior. IMHO [na minha humilde opinião], a Guerra Mundial X está em andamento e é religiosa. Agora nos deparamos com o problema de como lidar com prisioneiros presos em uma guerra que nunca termina. Ninguém fez essa pergunta antes. A resposta tradicional (ao longo de milênios) é matá-los ou colocá-los como escravos. É difícil fazer isso no ambiente atual.

Parecia óbvio para mim qual era sua alternativa, sabendo o que eu sabia sobre sua área de especialização. Se você não podia matar seus adversários ou mantê-los presos para sempre, certamente só restava uma opção no cânone do Coronel Alexander: mudar suas mentes.

O *Manual de Operações do Primeiro Batalhão Terrestre* havia incentivado o desenvolvimento de dispositivos que pudessem "direcionar energia para multidões". A história parece mostrar que sempre que há uma grande crise americana - a Guerra ao Terror, o trauma do Vietnã e suas consequências, a Guerra Fria - sua inteligência militar é atraída pela ideia de controle do pensamento. Eles inventam todos os tipos de esquemas malucos para testar, e todos parecem engraçados até que os esquemas sejam de fato implementados.

Enviei um e-mail ao coronel Alexander para perguntar se ele estava de fato defendendo o uso de algum tipo de máquina de controle da mente e ele respondeu, com certo pesar e um pouco de cautela: "Se passarmos a embaralhar as mentes, surgirão todos os problemas da conspiração de controle da mente".

O que ele quis dizer foi MK-ULTRA.

Foi, de fato, a pior imagem de relações públicas que os serviços de inteligência dos EUA já sofreram, certamente até o surgimento das fotografias de Abu Ghraib em 2004. Jim

Channon pode ter praticamente inventado sozinho a ideia de o exército dos EUA pensar fora da caixa (como um de seus admiradores me disse uma vez), mas a CIA já estava lá antes dele.

Todos ainda estavam magoados com o MK-ULTRA.

14. A CASA DE 1953

Há uma casa em Frederick, Maryland, que quase não foi tocada desde 1953. Ela parece uma exposição em um museu da Guerra Fria. Toda aquela fórmica de cores vivas e os enfeites de cozinha kitsch - símbolos do otimismo americano dos anos 50 - não resistiram ao teste do tempo.

A casa de Eric Olson - e Eric seria o primeiro a admitir isso - precisa de uma redecoração.

Eric nasceu aqui, mas nunca gostou de Frederick e nunca gostou desta casa. Ele saiu o mais rápido que pôde depois do ensino médio e acabou em Ohio, na Índia, em Nova York, em Massachusetts, de volta a Frederick, Estocolmo e Califórnia, mas em 1993 ele pensou em ficar por alguns meses, e então dez anos se passaram, período em que ele não decorou por três motivos:

Ele não tem dinheiro.

Sua mente está em outras coisas.

E, na verdade, sua vida foi interrompida em 28 de novembro de 1953 e, se o ambiente em que você vive deve refletir sua vida interior, a casa de Eric faz esse trabalho. É um lembrete inescapável do momento em que a vida de Eric parou. Eric diz que, se alguma vez esquecer "por que estou fazendo isso", basta dar uma olhada em sua casa e o ano de 1953 voltará à sua memória.

Eric diz que 1953 foi provavelmente o ano mais significativo da história moderna. Ele diz que todos nós estamos presos em 1953, de certa forma, porque os eventos daquele ano têm um impacto contínuo e avassalador em nossas vidas. Ele fez uma lista de eventos importantes que ocorreram em 1953. O Everest foi conquistado. James Watson e Francis Crick publicaram, na revista *Nature*, seu famoso artigo mapeando a estrutura de dupla hélice do DNA. Elvis visitou pela primeira vez um estúdio de gravação, e "Rock Around the Clock", de Bill Haley, deu ao mundo o rock and roll e, posteriormente, o adolescente. O presidente Truman anunciou que os Estados Unidos haviam desenvolvido uma bomba de hidrogênio. A vacina contra a poliomielite foi criada, assim como a TV em cores. E A l i e n Dulles, diretor da CIA, deu uma palestra para seu grupo de ex-alunos de Princeton na qual disse: "A guerra mental é o grande campo de batalha da Guerra Fria, e temos que fazer o que for preciso para vencê-la".

Na noite de 28 de novembro de 1953, Eric foi para a cama, como de costume, uma criança feliz de nove anos. A casa da família havia sido construída três anos antes, e seu pai, Frank, ainda estava dando os últimos retoques, mas agora estava em Nova York a negócios. A mãe de Eric, Alice, estava dormindo no corredor. Seu irmão mais novo, Nils, e sua irmã Lisa estavam no quarto ao lado.

E então, em algum momento da madrugada, Eric foi acordado.

Era um amanhecer de novembro muito escuro", disse Eric.

Eric foi acordado por s u a mãe e levado pelo corredor, ainda de pijama, para a sala de estar - a mesma sala onde nós dois estávamos sentados agora, nos mesmos sofás.

Eric virou a esquina e viu o médico da família sentado ali.

"E", disse Eric, "também havia esses dois..." Eric procurou por um momento a palavra certa para descrever os outros. Ele disse: "Havia esses dois... *homens*... lá também".

A notícia que os homens deram foi que o pai de Eric estava morto. "Do que vocês estão *falando*? Eric lhes perguntou, irritado.

"Ele sofreu um acidente", disse um dos homens, "e o acidente foi que ele caiu ou pulou de uma janela".

"Desculpe-me?", disse Eric. "Ele fez *o quê*?

'Ele caiu ou pulou de uma janela em Nova York'. "Como *é* isso?", perguntou Eric.

Essa pergunta foi recebida com silêncio. Eric olhou para sua mãe e viu que ela estava congelada e com os olhos vazios.

"Como se cai de uma janela?", disse Eric. O que isso significa? Por que ele faria isso? O que você quer dizer com: caiu ou pulou?

Não sabemos se ele caiu", disse um dos homens. "Ele pode ter caído. Pode ter pulado.

"Ele mergulhou?", perguntou Eric.

"De qualquer forma", disse um dos homens, "foi um acidente".

"Ele estava em uma *borda* e pulou?", perguntou Eric. "Foi um acidente de trabalho", disse um dos homens.

"Desculpe-me?", disse Eric. 'Ele caiu de uma janela e isso está relacionado ao *trabalho*?

O quê?

Eric se virou para sua mãe.

"Urna", disse ele. "Qual é o trabalho dele mesmo?

Eric acreditava que seu pai era um cientista civil que trabalhava com produtos químicos na

na base militar de Fort Detrick, nas proximidades.

Eric me disse: "Isso rapidamente se tornou uma questão incrivelmente rancorosa na família, porque eu era sempre o garoto que dizia: 'Desculpe-me, para onde ele foi? Conte-me essa história de novo". E minha mãe logo adotou a postura: 'Olhe, já lhe contei essa história *mil* vezes'. E eu dizia: 'É, mas eu não *entendi*'.

A mãe de Eric havia criado - a partir dos mesmos fatos escassos apresentados a Eric - esse cenário: Frank Olson estava em Nova York. Ele estava hospedado no décimo andar do Statler Hotel, hoje Pennsylvania Hotel, do outro lado da rua do Madison Square Gardens, no centro de Manhattan. Ele teve um sonho ruim. Acordou confuso e foi para o banheiro no escuro. Ficou desorientado e caiu da janela.

Eram 2h da manhã.

Eric e seu irmão mais novo, Nils, disseram aos amigos da escola que seu pai havia morrido de um "colapso nervoso fatal", embora não tivessem ideia do que isso significava.

Fort Detrick era o que unia a cidade. Os pais de todos os seus amigos trabalhavam na base. Os Olsons ainda eram convidados para os piqueniques da vizinhança e outros eventos comunitários, mas não parecia haver mais motivo para eles estarem lá.

Quando Eric tinha dezesseis anos, ele e Nils, então com doze, decidiram ir de bicicleta do final da estrada até São Francisco. Mesmo naquela idade, Eric via a viagem de 1.415 milhas como uma metáfora. Ele queria mergulhar em um terreno americano desconhecido, a misteriosa América que, por algum motivo impenetrável, havia tirado seu pai dele. Ele e Nils "alcançariam o objetivo" - São Francisco - "por meio de pequenos incrementos contínuos de movimento ao longo de um único fio". Na mente de Eric, esse era um teste para outro objetivo que um dia ele alcançaria de maneira igualmente meticulosa: a solução do mistério do que aconteceu com seu pai naquele quarto de hotel em Nova York às duas da manhã.

Passei muito tempo na casa de Eric, lendo seus documentos, olhando suas fotos e assistindo a seus filmes caseiros. Havia fotos do Eric adolescente e de seu irmão mais novo, Nils, ao lado de suas bicicletas. Eric havia legendado a foto como "Happy Bikers". Havia filmes de 8 mm, filmados duas décadas antes, do pai de Eric, Frank, brincando com as crianças no jardim. Depois, havia alguns filmes que Frank Olson havia filmado durante uma viagem que fez à Europa alguns meses antes de morrer. Havia o Big Ben e o Changing the Guard. Havia o Portão Brandenberg em Berlim. Havia a Torre Eiffel. Parecia uma viagem de férias em família, só que a família não estava com ele. Às vezes, nesses filmes de 8 mm, é possível vislumbrar os companheiros de viagem de Frank, três homens, vestindo longos casacos escuros e chapéus de feltro, sentados em cafés parisienses na calçada, observando as garotas passarem.

Eu os assisti e, em seguida, assisti a um filme caseiro que um amigo de Eric havia filmado em 2 de junho de 1994, o dia em que Eric teve o corpo de seu pai exumado.

Lá estava a escavadeira rompendo o solo.

Havia uma jornalista local perguntando a Eric, enquanto o caixão era transportado ruidosamente para a traseira de um caminhão: "Você está com dúvidas sobre isso, Eric?

Ela teve que gritar por cima do som da

escavadeira. "Ha! respondeu Eric.

'Estou sempre esperando que você mude de ideia', gritou a jornalista.

Depois, havia o próprio Frank Olson, enrugado e marrom em uma laje no laboratório de patologia da Universidade de Georgetown, em Washington, com a perna quebrada e um grande buraco no crânio.

E então, nesse vídeo caseiro, Eric estava de volta em casa, animado, falando ao telefone com Nils: "Eu vi o papai hoje!

Depois que Eric desligou o telefone, ele contou ao amigo com a câmera de vídeo a história da viagem de bicicleta que ele e Nils fizeram em 1961, do fundo da garagem até São Francisco.

Eu tinha visto um artigo na revista *Boys' Life* sobre um garoto de quatorze anos que pedalou de Connecticut até a Costa Oeste", disse Eric, "então achei que meu irmão tinha doze anos e eu dezesseis e que a média era de quatorze, então poderíamos fazer isso.

Temos essas terríveis e pesadas bicicletas duplas de duas marchas e começamos bem aqui. 40 Oeste. Ouvimos dizer que ela ia até o fim! E conseguimos! Fomos até o fim!

"Não!", disse o amigo de Eric.

"Sim", disse Eric. 'Atravessamos o país de bicicleta'.

"De jeito nenhum!

'É uma história incrível', disse Eric. 'E nunca ouvimos falar de uma pessoa mais jovem do que meu irmão que tenha atravessado os Estados Unidos de bicicleta. É duvidoso que e x i s t a uma. Se você pensar bem, ele tinha doze anos e estava sozinho. Levamos sete semanas e tivemos aventuras inacreditáveis durante todo o percurso.

"Vocês acamparam?

Acampamos. Os fazendeiros nos convidavam para ficar em suas casas. Em Kansas City, a polícia nos pegou, achando que éramos fugitivos e, quando descobriram que não éramos, nos deixaram ficar em sua cadeia.

"E sua mãe o deixou fazer isso?

Sim, esse é um mistério inacreditável.

(A mãe de Eric, Alice, havia morrido em 1994. Ela bebia às escondidas desde a década de 1960 e começou a se trancar no banheiro e a sair de lá malvada e confusa. Eric jamais teria exumado os restos mortais de seu pai enquanto ela estivesse viva. Sua irmã Lisa também havia morrido, junto com o marido e o filho de dois anos. Eles estavam voando para Adirondacks, onde i r i a m investir dinheiro em uma madeireira. O avião caiu e todos a bordo morreram).

"Sim", disse Eric, "é um mistério inacreditável que minha mãe tenha nos deixado ir, mas ligávamos para casa duas vezes por semana de diferentes lugares, e o jornal local, o jornal de Frederick, duas vezes por semana tinha artigos de primeira página como *Olsons Reach St Louis!* Em todo o país, naquela época, havia outdoors anunciando um lugar chamado Harold's Club, que era um grande cassino em Reno. Costumava ser o maior cassino do mundo. E o motivo era HAROLD'S CLUB OR BUST! TODOS OS DIAS VÍAMOS ESSES outdoors, HAROLD'S CLUB OR BUST! ISSO SE TORNOU UMA ESPÉCIE DE SLOGAN PARA NOSSA JORNADA. QUANDO CHEGAMOS A RENO, PERCEBEMOS QUE NÃO PODERÍAMOS ENTRAR NO HAROLD'S CLUB PORQUE ÉRAMOS MUITO JOVENS. ENTÃO DECIDIMOS FAZER UMA PLACA QUE DIZIA HAROLD'S CLUB OR BUST! AMARRÁ-LA NA TRASEIRA DE NOSSAS BICICLETAS, IR ATÉ O CLUBE DO HAROLD E
DIGAM AO HAROLD, QUEM QUER QUE ELE SEJA, que levamos isso por todos os Estados Unidos e que estávamos loucos para ver o Harold's Club. Então, entramos em uma farmácia. Pegamos uma caixa de papelão velha, compramos alguns lápis de cor e começamos a escrever esse cartaz. A mulher que nos vendeu os lápis de cor disse: "O que vocês estão fazendo?

Dissemos: 'Vamos fazer uma placa, HAROLD'S CLUB OR BUST!, e dizer ao Harold que fizemos todo o caminho de bicicleta desde...'

Ela disse: "Essas pessoas são muito inteligentes. Elas não vão cair nessa."

"Então, fizemos essa coisa, levamos para as ruas, raspamos, amarramos na amarramos na traseira de nossas bicicletas, fomos até o Harold's Club, chegamos a uma grande entrada - o Harold's Club era gigantesco, literalmente o maior cassino de jogos de azar do mundo - e havia um porteiro lá.

mundo - e havia um porteiro lá. Ele perguntou:
"O que vocês querem?" "Nós dissemos: 'Queremos conhecer o Harold'. Ele disse: "O Harold não está aqui".
Perguntamos: "Bem, quem está aqui?
Ele disse: "O Haroldo sênior não está aqui, mas o Haroldo júnior está aqui". Dissemos: "Tudo bem, vamos levar o Haroldo júnior".
Ele disse: "Está bem, vou entrar e ver".
Logo apareceu um cara com um terno de caubói elegante. Um cara bonito. Ele saiu, olhou para nossas bicicletas e perguntou: "O que vocês estão fazendo?
Dissemos: "Harold. Estávamos pedalando pelos Estados Unidos e queríamos ver o Harold's Club o tempo todo. Estávamos suando pelo deserto".
E ele disse: "Bem, *entrem*!
Acabamos ficando uma semana no Harold's Club. Ele nos levou em um helicóptero para a região de Reno e nos hospedou em um hotel de luxo. E quando estávamos indo embora, ele disse: 'Acho que vocês querem conhecer a Disneylândia, certo? Bem, deixe-me ligar para meu amigo Walt!
Então ele ligou para Walt Disney - e essa foi uma das grandes decepções da minha vida - Walt não estava em casa.
Eu me perguntei por que Eric passou a noite do dia em que teve o corpo de seu pai exumado contando a seu amigo a história do Harold's Club or Bust. Talvez porque Eric tivesse passado grande parte de sua vida adulta sem receber a bondade de estranhos, sem se beneficiar de algo que se aproximasse de um sonho americano, mas agora Frank Olson estava lá fora, deitado em uma laje no laboratório de um patologista, e talvez as coisas estivessem prestes a mudar para Eric.
Talvez algum misterioso Harold Júnior aparecesse e gentilmente explicasse tudo.
SPECIAL_IMAGE-p%3e%0a%3cp%20class%3d-REPLACE_ME Em 1970, Eric se matriculou em Harvard. Ele voltava para casa todo fim de semana de Ação de Graças e, como Frank Olson saiu pela janela durante o feriado de Ação de Graças de 1953, a família invariavelmente acabava assistindo a filmes caseiros antigos de Frank, e Eric inevitavelmente dizia à mãe: "Conte-me a história novamente".
No fim de semana do Dia de Ação de Graças de 1974, a mãe de Eric respondeu: "Já contei essa história cem vezes, mil vezes".
Eric disse: "Conte-me só mais uma vez". E então a mãe de Eric suspirou e começou.
Frank Olson havia passado um fim de semana em um retiro do escritório em uma cabana chamada Deep Creek Lodge, na zona rural de Maryland. Quando voltou para casa, seu humor estava excepcionalmente ansioso.
Ele disse à esposa: "Cometi um erro terrível e vou lhe contar o que foi quando as crianças forem dormir".
Mas a conversa nunca chegou a se referir ao terrível erro que ele havia cometido. foi.

Frank permaneceu agitado durante todo o fim de semana. Ele disse a Alice que queria deixar seu emprego e se tornar dentista. No domingo à noite, Alice tentou acalmá-lo, levando-o ao cinema em Frederick para ver o que estava passando, que acabou s e n d o um novo filme chamado *Martin Luther*.

Era a história da crise de consciência de Lutero em relação à corrupção da Igreja Católica no século XVI, quando seus teólogos afirmavam ser impossível que a Igreja cometesse algum erro, porque eles definiam o código moral. Afinal, eles estavam lutando contra o Diabo. O filme termina com Lutero declarando: "Não. Aqui estou, não posso fazer outra coisa". A moral de *Martinho Lutero* é que o indivíduo não pode se esconder atrás da instituição.

(O banco de dados de resenhas de filmes do *TV Guide* dá a *Martin Luther* 1 de 5 estrelas e diz: "Não é 'entretenimento' no sentido usual da palavra. Gostaríamos que houvesse algum humor no roteiro, para fazer com que o homem parecesse mais humano. O filme foi feito com tanto respeito que o assunto parece sombrio, quando deveria ser edificante").

A ida ao cinema não melhorou o humor de Frank e, no dia seguinte, alguns colegas sugeriram que ele fosse a Nova York para consultar um psiquiatra.
Alice levou Frank de carro até Washington DC e o deixou nos escritórios dos homens que o acompanhariam até Nova York.

Essa foi a última vez que ela viu seu marido.

No calor do momento, durante aquele fim de semana de Ação de Graças em 1974, Eric fez à sua mãe uma pergunta que ele nunca havia pensado em fazer antes: "Descreva os escritórios onde você o deixou".

E ela o fez.

"Jesus Cristo", disse Eric, "isso parece a sede da CIA". E então a mãe de Eric ficou histérica.

Ela gritou: "Vocês *nunca* descobrirão o que aconteceu naquele quarto de hotel!

Eric disse: "Assim que eu terminar em Harvard, vou me mudar de volta para casa e não vou descansar até descobrir a verdade".

Eric não precisou esperar muito para ter uma descoberta. Ele recebeu uma ligação telefônica de um amigo da família na manhã de 11 de junho de 1975: "Você viu o *Washington Post?* Acho que é melhor dar uma olhada'.

Era uma história de primeira página, e a manchete dizia:

SUICÍDIO REVELADO

Um funcionário civil do Departamento do Exército inadvertidamente tomou LSD como parte de um teste da Agência Central de Inteligência e, menos de uma semana depois, pulou 10 andares para a morte, de acordo com o relatório da Comissão Rockefeller divulgado ontem.

(A Comissão Rockefeller havia sido criada para investigar os delitos da CIA após o escândalo de Watergate).

O homem recebeu a droga enquanto participava de uma reunião com o pessoal da CIA que trabalhava em um projeto de teste que envolvia a administração de drogas que dominavam a mente a americanos desavisados.

Esse indivíduo não ficou sabendo que havia recebido LSD até cerca de 20 minutos após a administração.

20 minutos depois de ter sido administrado", disse a comissão. Ele desenvolveu efeitos colaterais graves e foi enviado a Nova York com uma escolta da CIA para tratamento psiquiátrico. Vários dias depois, pulou da janela do décimo andar de seu quarto e morreu em decorrência disso".

A prática de dar drogas a pessoas desavisadas durou de 1953 a 1963, quando foi descoberta pelo inspetor geral da CIA e interrompida, segundo a comissão.

Esse é meu pai? pensou Eric.

A manchete era enganosa. Pouca coisa foi "revelada" - nem mesmo o nome da vítima.

Foi isso que aconteceu no Deep Creek Lodge? pensou Eric. *Eles lhe deram* LSD? Não, *mas deve ter sido meu pai. Quantos cientistas do exército estavam pulando das janelas de hotéis em Nova York em 1953?*

De modo geral, o público americano reagiu à história de Frank Olson da mesma forma que reagiu, cinquenta anos depois, à notícia de que Barney estava sendo usado para torturar prisioneiros iraquianos. Horror seria a palavra errada.
As pessoas ficaram basicamente divertidas e fascinadas. Como no caso de Barney, essa reação foi, creio eu, desencadeada pela combinação desconcertantemente surreal de segredos obscuros de inteligência e cultura pop familiar.

Para os Estados Unidos, era sinistro", disse Eric, "e excitante".

Os Olsons foram convidados a ir à Casa Branca para que o Presidente Ford pudesse se desculpar pessoalmente com eles - "Ele estava muito, *muito* arrependido", disse Eric - e as fotografias daquele dia mostram a família radiante e fascinada dentro do Salão Oval.

"Quando você olha para essas fotos agora", perguntei a Eric um dia, "o que elas dizem para você?

"Elas dizem que o poder de sedução do Salão Oval é enorme", respondeu Eric, "como sabemos agora com Clinton. Você vai para aquele espaço sagrado - aquele oval - e fica realmente em um círculo encantado especial e não consegue pensar direito. Funciona. Funciona mesmo".

Fora da Casa Branca, após a reunião de dezessete minutos com o Presidente Ford, Alice Olson fez uma declaração à imprensa.

"Acho que deve ser registrado", disse ela, "que uma família americana pode receber uma comunicação do Presidente dos Estados Unidos. Acho que isso é um tremendo tributo ao nosso país".

"Ela se sentiu muito acolhida por Gerald Ford", disse Eric. Eles riram juntos, e assim por diante".

SPECIAL_IMAGE-p%3e%0a%3cp%20class%3d-REPLACE_ME
SPECIAL_IMAGE-p%3e%0a%3cp%20class%3d-REPLACE_ME O presidente prometeu aos Olsons uma revelação completa, e a CIA forneceu à família e aos Estados Unidos uma enxurrada de detalhes, cada um mais inesperado que o anterior.

A CIA havia colocado LSD no Cointreau de Frank Olson em um retiro de acampamento chamado Deep Creek Lodge. O projeto tinha o codinome MK-ULTRA, e eles o fizeram, explicaram, porque queriam observar como um cientista

como um cientista lidaria com os efeitos de uma droga que altera a mente. Ele seria incapaz de resistir à revelação de segredos? As informações seriam coerentes? O LSD poderia ser usado como um soro da verdade para os interrogadores da CIA?

E havia outro motivo. Mais tarde, a CIA admitiu que gostava muito de thrillers paranóicos como *O Candidato da Manchúria* e queria saber se poderia criar assassinos com lavagem cerebral na vida real injetando LSD nas pessoas. Mas Frank Olson teve uma viagem ruim, talvez dando origem à lenda de que, ao tomar LSD, você acredita que pode voar e acaba caindo de janelas.

Os historiadores sociais e satíricos políticos imediatamente rotularam esses eventos como "uma grande ironia histórica", e Eric repetiu essas palavras para mim com os dentes cerrados porque ele não aprecia o fato de que a morte de seu pai se tornou um fragmento de uma ironia.

A grande ironia histórica", disse Eric, "é que a CIA trouxe o LSD para os Estados Unidos, trazendo assim um tipo de iluminação, abrindo um novo nível de consciência política, plantando assim as sementes de sua própria ruína porque criou um público esclarecido. Isso rendeu uma ótima cópia, e você verá que esse tema é o motivo de muitos livros".

Os detalhes continuavam chegando, tão densos e rápidos que Frank Olson corria o risco de se perder, varrido como um galho na onda gigantesca dessa história colorida. A CIA também contou aos Olsons que, em 1953, eles criaram um bordel MK-ULTRA na cidade de Nova York, onde os clientes tomavam bebidas com LSD. Eles colocaram um agente chamado George White atrás de um espelho unidirecional onde ele moldava, e passava para a cadeia de comando, pequenos modelos feitos de limpadores de cachimbo. Os modelos representavam as posições sexuais consideradas, pelo observador George White, como as mais eficazes para liberar um fluxo de informações.

Quando George White deixou a CIA, sua carta de demissão dizia, em parte: "Trabalhei com todo o meu coração nos vinhedos porque era divertido, divertido, divertido... Em que outro lugar um garoto americano de sangue vermelho poderia mentir, matar, enganar, roubar, estuprar e saquear com a sanção e a bênção do Altíssimo?

George White endereçou essa carta a seu chefe, o mesmo homem da CIA que havia adulterado o Cointreau de Frank Olson: um budista obcecado por ecologia chamado Sidney Gottlieb.

Gottlieb havia aprendido a arte do truque de mão com um mágico da Broadway chamado John Mulholland. Esse mágico está praticamente esquecido hoje em dia, mas naquela época ele era uma grande estrela, um David Copperfield, que misteriosamente saiu dos olhos do público em 1953, alegando problemas de saúde, quando a verdade é que ele havia sido contratado secretamente por Sidney Gottlieb para ensinar os agentes a misturar LSD nas bebidas das pessoas. Mulholland também ensinou Gottlieb a colocar biotoxinas nas escovas de dente e nos charutos dos inimigos dos Estados Unidos no exterior.

Foi Gottlieb quem viajou ao Congo para assassinar o primeiro primeiro-ministro democraticamente eleito do país, Patrice Lumumba, colocando toxinas em sua escova de dentes (ele não conseguiu: a história conta que outra pessoa, um não americano, conseguiu assassinar Lumumba primeiro). Foi Gottlieb quem enviou pelo correio um lenço com monograma, adulterado com brucelose, para o coronel iraquiano Abd al-

Karim Qasim. Qasim sobreviveu. E foi Gottlieb quem viajou a Cuba para colocar venenos nos charutos e no traje de mergulho de Fidel Castro. Castro sobreviveu.

Era como uma rotina de comédia - os Irmãos Marx se tornam assassinos secretos - e, às vezes, Eric tinha a impressão de que sua família era a única pessoa que não estava rindo.

"A imagem que nos foi apresentada", disse Eric, "era a de garotos de fraternidade fora de controle". Tentamos algumas coisas malucas e cometemos erros de julgamento. Colocamos vários venenos nos charutos de Castro, mas nada disso funcionou. E então decidimos que não éramos realmente bons nesse tipo de coisa".

"Um palhaço assassino", eu disse.

"Um palhaço assassino", disse Eric. Inépcia. Nós drogamos as pessoas e elas pulam das janelas. Tentamos assassinar pessoas e chegamos tarde demais. E nunca assassinamos ninguém de fato".

Eric fez uma pausa.

E Gottlieb aparece em toda parte!", disse ele. O Gottlieb é a única pessoa na loja? Ele tem que fazer *tudo*? Eric riu. E era isso que minha mãe estava percebendo quando conversou com Gottlieb. Ela disse: 'Como você pôde fazer um experimento científico tão maluco? Onde está a supervisão médica?
Onde está o grupo de controle? Você chama isso de *ciência?* E Gottlieb basicamente respondeu: 'Sim, foi um pouco casual. Pedimos desculpas por isso".

Quando me sentei na casa de Eric Olson e ouvi sua história, lembrei-me de que já havia ouvido o nome de Sidney Gottlieb ser mencionado antes, em algum outro contexto distante. Foi então que me ocorreu. Antes do surgimento do General Stubblebine, os espiões psíquicos secretos tinham outro administrador: Sidney Gottlieb.

Demorei um pouco para me lembrar disso porque parecia muito improvável. O que alguém como Sidney Gottlieb, um envenenador, um assassino (embora não particularmente bom), o homem indiretamente responsável pela morte de Frank Olson, estava fazendo no meio dessa outra história psíquica engraçada? Pareceu-me notável que a lacuna organizacional no mundo da inteligência entre o lado da luz (super-homens psíquicos) e o lado negro (assassinatos secretos) tenha sido tão estreita. Mas foi só quando Eric me mostrou uma carta que sua mãe recebeu do nada em 13 de julho de 1975 que comecei a entender o quão estreita ela era. A carta era do Diplomat Motor Hotel, em Ocean City, Maryland. Nela se lia:

Prezada Sra. Olson,

Depois de ler os relatos dos jornais sobre a trágica morte de seu marido, senti-me compelido a escrever para a senhora.

Na época da morte de seu marido, eu era assistente do gerente noturno do Hotel Statler em Nova York e estava ao lado dele quase imediatamente após a queda. Ele tentou falar, mas suas palavras eram ininteligíveis. Um padre foi chamado e ele recebeu os últimos ritos.

Tendo trabalhado no ramo hoteleiro nos últimos 36 anos e testemunhado inúmeros incidentes infelizes, a morte de seu marido me perturbou muito, devido às circunstâncias mais incomuns das quais a senhora agora está ciente.

Se eu puder ajudá-la de alguma forma, não hesite em entrar em contato comigo. Eu.

Meus sinceros sentimentos a você e à sua família.

Com os melhores cumprimentos

Gerente geral Armond D.

Pastore.

Os Olsons telefonaram para Armond Pastore para agradecê-lo pela carta, e foi Foi então que Pastore lhes contou o que aconteceu nos momentos em que Frank morreu em seus braços na rua, às 2h da manhã.

Pastore disse que voltou para dentro do hotel e falou com a telefonista da central telefônica. Ele lhe perguntou se alguma ligação havia sido feita do quarto de Frank Olson.

Ela disse que havia apenas uma ligação e que a havia escutado. Era muito curta. Foi feita imediatamente após Frank Olson ter saído pela janela.

O homem no quarto de Frank Olson disse: "Bem, ele se foi".

A voz do outro lado do telefone disse: "Que pena". E então os dois desligaram.

15. CLUBE DO HAROLDO OU FALÊNCIA!

Eric Olson tem uma piscina em seu quintal - um dos poucos acréscimos à casa feitos desde 1953. Em um dia quente de agosto, Eric, seu irmão Nils, o filho de Eric, que normalmente mora na Suécia, a esposa de Nils e seus filhos, alguns amigos de Eric e eu estávamos tomando sol à beira da piscina quando um caminhão coberto com fotos de balões de festa - Capital Party Rentals - parou em sua entrada para entregar 100 cadeiras de plástico.

"Ei! Cadeiras coloridas!", gritou Eric.

'Você quer as cadeiras coloridas?', disse o motorista.

"Não", disse Eric. 'Inapropriado. Vou ficar com as cinzas".

Eric havia levado um blaster do gueto para a beira da piscina e o sintonizou no programa *All Things Considered*, da National Public Radio, porque o lendário repórter Daniel Schorr iria fazer um comentário sobre ele. Daniel Schorr foi o primeiro homem a entrevistar Khrushchev, ganhou três Emmys por sua cobertura do Watergate e agora estava voltando sua atenção para Eric.

Seu comentário começou.

...Eric Olson está pronto para acusar, em uma coletiva de imprensa amanhã, que a história de um mergulho suicida não faz sentido...

Eric encostou-se na cerca de arame que cercava sua piscina e sorriu para seus amigos e familiares, que estavam ouvindo atentamente a transmissão.

...e que seu pai foi morto para silenciá-lo sobre as atividades letais nas quais ele estava envolvido, projetos com o codinome Artichoke e MK-ULTRA. Hoje, um porta-voz da CIA disse que nenhuma investigação do Congresso ou do Poder Executivo sobre o caso Olson revelou qualquer evidência de homicídio. Eric Olson pode não ter contado toda a história. O fato é que a tampa do governo sobre seus segredos continua tão

que talvez *nunca saibamos* toda a história... Eric

se encolheu.

Não vá por aí, Dan", ele murmurou para si mesmo. Não vá lá.

...Este é Daniel Schorr...

"Não *vá* lá, Dan", disse Eric.

Ele se virou para todos nós, sentados à beira da piscina. Ficamos sentados e não dissemos nada. "*Está vendo?*", disse Eric. É isso que eles querem fazer.

Talvez nunca saibamos a

toda a história'. E eles se sentem muito confortáveis com isso. Mentira. *Mentira*. 'Oh, pode ser isso, pode ser aquilo, e tudo na CIA é uma sala de espelhos... camadas... você nunca chegará ao fundo...' Quando as pessoas *dizem* isso, o que realmente estão dizendo é: 'Estamos confortáveis com isso porque não *queremos* saber'. É como minha mãe sempre dizia: 'Você nunca vai saber o que aconteceu naquele quarto de hotel'. Bem, algo aconteceu naquele quarto e é *possível saber*".

De repente, Eric está com sessenta anos de idade. Décadas se passaram, e ele as passou investigando a morte de seu pai. Um dia perguntei se ele se arrependia disso, e ele respondeu: "Eu me arrependo o tempo todo".

Juntar os fatos tem sido bastante difícil para Eric, pois os fatos estão enterrados em documentos confidenciais, ou em documentos desclassificados cobertos por grossas linhas pretas feitas com canetas hidrográficas, ou pior. Sidney Gottlieb admitiu a Eric em uma reunião que, ao se aposentar, havia destruído os arquivos do MK-ULTRA. Quando Eric lhe perguntou o motivo, Gottlieb explicou que sua "sensibilidade ecológica" o havia conscientizado dos perigos do "excesso de papel".

Gottlieb acrescentou que não importava muito o fato de os documentos terem sido destruídos, pois, de qualquer forma, tudo era um desperdício. Todos os experimentos do MK-ULTRA foram inúteis, disse ele a Eric. Todos eles tinham dado em nada. Eric deixou Gottlieb percebendo que havia sido derrotado por uma mente realmente de primeira classe.

Que história de fachada brilhante, pensou ele. *Em uma sociedade obcecada pelo sucesso como esta, qual é a melhor pedra para se esconder algo? É a pedra chamada fracasso*.

Portanto, a maioria dos fatos foi mantida apenas na memória de homens que não queriam falar. No entanto, Eric construiu uma narrativa que é tão plausível, ou até mais plausível, do que a história do suicídio com LSD.

Coletar os fatos já foi bastante difícil, mas houve algo ainda mais difícil.

'A história antiga é tão divertida', disse Eric, 'por que alguém iria querer substituí-la por uma história que *não é* divertida? Está vendo? A pessoa que dá o giro na história a controla desde o início. É muito difícil para as pessoas lerem contra a corrente do que lhes foi dito sobre a narrativa".

"Sua nova história não é tão divertida", concordei.

Essa não é mais uma história feliz e agradável", disse Eric, "e eu não gosto mais disso do que qualquer outra pessoa. É difícil aceitar que seu pai não morreu por suicídio, nem por negligência após um experimento com drogas, ele morreu porque o *mataram*. Esse é um sentimento diferente".

E, o que é irritante para Eric, nas raras ocasiões em que convenceu um jornalista de que a CIA *assassinou* seu pai, a revelação não foi recebida com horror. Um escritor recusou o convite de Eric para participar de sua coletiva de imprensa dizendo: "Sabemos *que* a CIA mata pessoas. Isso é notícia velha".

De fato, Eric me disse que essa seria a primeira vez que alguém acusaria publicamente a CIA de assassinar um cidadão americano.

'As pessoas sofreram uma lavagem cerebral tão grande com a *ficção*', disse Eric enquanto dirigíamos até a Kinko's local para pegar os comunicados à imprensa para a conferência, 'sofreram uma lavagem cerebral tão grande com a coisa do Tom Clancy que pensam: 'Nós *sabemos* essas coisas. *Sabemos que* a CIA faz isso". Na verdade, não sabemos *nada* sobre isso. *Não há nenhum* caso disso, e todo esse material fictício é como uma imunização contra a realidade. Isso faz com que as pessoas pensem que sabem coisas que não sabem e permite que elas tenham um tipo de quase sofisticação e cinismo superficiais, que é apenas uma fina camada além da qual elas não são cínicas de forma alguma".

Não é que as pessoas não estejam interessadas: é que elas estão interessadas da maneira errada. Recentemente, um diretor de teatro pediu a Eric permissão para transformar a história de Frank Olson em "uma ópera sobre defenestração", mas Eric recusou, explicando que essa era uma história complexa o suficiente, mesmo sem ter os fatos *cantados* para o público. A coletiva de imprensa de amanhã foi realmente a última chance de Eric de convencer o mundo de que seu pai não foi um suicídio por LSD.

Havia muitas maneiras de Eric contar sua nova versão da história na coletiva de imprensa. Era impossível para ele - e para qualquer pessoa - saber como fazer isso da maneira mais coerente e divertida possível. A nova história de Eric não só não é mais divertida, como também é exasperantemente complexa. Há tanta informação a ser absorvida que o público pode simplesmente ficar sem entender.

Na verdade, essa história começa com a proclamação feita pelo diretor da CIA, Alien Dulles, ao seu grupo de ex-alunos de Princeton em 1953.

"A guerra mental", disse ele, "é o grande campo de batalha da Guerra Fria, e temos que fazer o que for preciso para vencê-la".

Antes do surgimento de Jim Channon, do general Stubblebine e do coronel Alexander, havia Alien Dulles, o primeiro grande pensador inovador da inteligência dos EUA. Ele era um grande amigo dos Bush e chegou a ser o advogado da família Bush, um patriarca fumante de cachimbo que acreditava que a CIA deveria ser como uma universidade da Ivy League, inspirando-se não apenas nos agentes, mas também nos cientistas, acadêmicos e em qualquer outra pessoa que pudesse inventar algo novo. Foi Dulles quem transferiu a sede da CIA do centro de Washington DC para o subúrbio de Langley, na Virgínia (hoje rebatizado de George Bush Center for Intelligence), porque queria criar um ambiente de campus fora da cidade e bem pensado. Foi Dulles quem enviou agentes secretos da CIA para os subúrbios americanos nas décadas de 1950 e 1960 para se infiltrar em sessões espíritas na esperança de descobrir e recrutar os videntes mais talentosos dos Estados Unidos para seu campo de batalha de guerra mental, e foi assim que nasceu a relação entre a inteligência e o mundo psíquico. Mas foi o General Stubblebine que, inspirado pelo First Earth Battalion, proclamou, uma geração depois, que qualquer pessoa poderia ser um grande vidente,

O Major Ed Dames juntou-se ao programa e, posteriormente, revelou os segredos da unidade no programa Art Bell e, então, o inferno começou e, sem culpa de nenhum dos militares envolvidos, trinta e nove pessoas em San Diego se mataram em uma tentativa de pegar carona no Hale-Bopp de Prudence e Courtney.

O alienígena Dulles encarregou Sidney Gottlieb do incipiente programa psíquico, do MK-ULTRA e de um terceiro projeto secreto de guerra mental conhecido como Artichoke.

O Artichoke é o programa que não é divertido.

Documentos recentemente desclassificados revelam que o Artichoke consistia em inventar novas formas insanas, brutais, violentas e frequentemente fatais de interrogar as pessoas.

Frank Olson não era apenas um cientista civil que trabalhava com produtos químicos em Fort Detrick. Ele também era um homem da CIA. Ele estava trabalhando para a Artichoke. É por isso que ele estava na Europa nos meses que antecederam sua morte, sentado em cafés nas calçadas com os homens que usavam casacos compridos e chapéu de feltro. Eles estavam lá a serviço da Artichoke.

O pai de Eric era - e não há uma maneira agradável de dizer isso - um torturador pioneiro ou, no mínimo, um assistente de torturador pioneiro. A Artichoke era o Primeiro Batalhão Terrestre de tortura - um grupo de pensadores inovadores e fora da caixa, que inventava todos os tipos de maneiras novas e inteligentes de obter informações das pessoas.

Um exemplo: de acordo com um documento da CIA datado de 26 de abril de 1952, os homens do Artichoke "usavam heroína rotineiramente", porque determinaram que a heroína (e outras substâncias) "pode ser útil ao contrário, devido ao estresse produzido quando são retiradas daqueles que são viciados em seu uso".

É por isso que, segundo Eric, seu pai foi recrutado para a Artichoke. Ele, o único entre os interrogadores, tinha um conhecimento científico de como administrar drogas e produtos químicos.

E agora, em 2004, esse método de interrogatório "cold-turkey" criado pela Artichoke está de volta à ativa. Mark Bowden, autor de *Black Hawk Down*, entrevistou vários interrogadores da CIA para a edição de outubro de 2003 da *Atlantic Monthly*, e este é o cenário que ele construiu:

Em um dia que pode ou não ter sido 1º de março [de 2003], o famoso terrorista Khalid Sheikh Mohammed foi acordado por um grupo de invasão de comandos paquistaneses e americanos. O xeque Mohammed é considerado o arquiteto de dois atentados contra o World Trade Center: o que fracassou, em 1993, e o que teve um sucesso catastrófico, oito anos depois... Ele foi levado de avião para um "local não revelado" (um lugar que a CIA chama de "Hotel Califórnia") - presumivelmente uma instalação em outra nação cooperativa, ou talvez uma prisão especialmente projetada a bordo de um porta-aviões.

Não importa muito onde, porque o lugar não seria familiar ou identificável para ele. O lugar e o tempo, as âncoras da sanidade, estavam prestes a se soltar. Ele poderia muito bem estar entrando em uma nova dimensão, um

mundo novo e estranho, onde cada palavra, movimento e sensação seriam monitorados e medidos; onde as coisas poderiam ser o que pareciam, mas não eram; onde não existiria dia ou noite, nem padrões normais de comer e beber, vigília e sono; onde quente e frio, úmido e seco, limpo e sujo, verdade e mentira, tudo estaria emaranhado e distorcido.

O espaço seria preenchido dia e noite com luz forte e barulho.
Os interrogatórios eram intensos - às vezes barulhentos e rudes, às vezes silenciosos e amigáveis, sem motivo aparente para nenhum deles. A sessão poderia durar dias, com os interrogadores se revezando, ou poderia durar apenas alguns minutos. Ocasionalmente, ele pode receber uma droga para elevar seu humor antes do interrogatório; a maconha, a heroína e o pentotal de sódio demonstraram superar a relutância em falar. Essas drogas podem ser administradas clandestinamente com comida ou bebida e, dada a desolação de sua existência, podem até oferecer um breve período de alívio e prazer, criando assim uma categoria totalmente nova de desejo - e uma nova vantagem para seus interrogadores.

Veja como, nesse cenário, uma fatia de First Earth Battalion de Jim Channon ("luz dura e ruído") e uma fatia de Artichoke de Frank Olson ("uma categoria totalmente nova de saudade") se juntam como duas peças de um quebra-cabeça.

No dia anterior à coletiva de imprensa de Eric, Eric e eu assistimos a antigos filmes caseiros de 8 mm de seu pai brincando no jardim com os filhos. Na tela, Frank estava andando em uma bicicleta velha e vacilante e Eric, então uma criança pequena, estava apoiado no guidão. Eric olhava para a tela, sorrindo.

Ele disse: '*Ali* está meu pai. Bem ali! É ele!

Em comparação com os outros caras da CIA, ele tem um rosto aberto. Hum..." Eric fez uma pausa. "Basicamente", disse ele, "esta é a história de um homem que tinha um código moral simples e uma visão ingênua do mundo. Ele não era fundamentalmente um militar. E certamente não era alguém que se envolveria em "interrogatórios terminais". Ele passou por uma crise moral, mas estava em um buraco muito fundo e eles não podiam deixá-lo sair".

Continuamos a assistir ao vídeo caseiro. Então Eric disse: "Pense em como poderia ter sido diferente se ele estivesse vivo para contar tudo isso". Ah! Toda a história de muitas coisas seria diferente. E você pode ver muito disso apenas em seu rosto. Muitos dos outros homens têm rostos muito fechados. Ele não...", e Eric se afastou.

Em algum momento durante sua investigação, Eric se encontrou com o jornalista britânico Gordon Thomas, que escreveu vários livros sobre assuntos de inteligência. Por meio de Thomas, Eric ficou sabendo que, durante uma viagem a Londres no verão de 1953, seu pai aparentemente havia feito confidências a William Sargant, um psiquiatra consultor que assessorava a inteligência britânica em técnicas de lavagem cerebral.

De acordo com Thomas, Frank Olson disse a Sargant que havia visitado instalações secretas de pesquisa conjunta entre americanos e britânicos perto de Frankfurt, onde a CIA estava testando soros da verdade em "dispensáveis", agentes russos capturados e ex-nazistas.
Olson confessou a Sargant que havia testemunhado algo terrível, possivelmente "um

experimento terminal" em um ou mais dos dispensáveis. Sargant ouviu Olson e depois informou à inteligência britânica que as dúvidas do jovem cientista americano estavam tornando-o um risco à segurança. Ele recomendou que Olson não tivesse mais acesso a Porton Down, o estabelecimento britânico de pesquisa de armas químicas.

Depois de saber disso, Eric contou ao seu amigo, o escritor Michael Ignatieff, que publicou um artigo sobre Eric no *New York Times*. Uma semana depois, Eric recebeu o telefonema pelo qual esperou a vida inteira. Era um verdadeiro Harold Júnior, um dos melhores amigos de seu pai em Detrick, um homem que sabia de tudo e estava disposto a contar toda a história a Eric.

Seu nome era Norman Cournoyer.

Eric passou um fim de semana na casa de Norman em Connecticut. Revelar a Eric os segredos que ele vinha guardando durante todos esses anos foi tão estressante para Norman que ele se desculpou várias vezes para poder ir ao banheiro e vomitar.

Norman contou a Eric que a história da Alcachofra era verdadeira. Frank havia dito a Norman que "eles não se importavam se as pessoas sairiam dessa ou não. Elas poderiam sobreviver, talvez não. Poderiam ser condenadas à morte".

Eric disse: "Norman se recusou a entrar em detalhes sobre o que isso significava, mas disse que não era legal. Tortura extrema, uso extremo de drogas, estresse extremo".

Norman disse a Eric que seu pai estava profundamente horrorizado com o rumo que sua vida havia tomado. Ele viu pessoas morrerem na Europa, talvez até as tenha ajudado a morrer, e quando retornou aos Estados Unidos, estava determinado a revelar o que tinha visto. Havia um contingente de Quakers 24 horas por dia nos portões de Fort Detrick, manifestantes pacifistas, e Frank ia até lá para conversar com eles, para desespero de seus colegas. Um dia, Frank perguntou a Norman: "Você conhece um bom jornalista com quem eu possa conversar?

E assim, disse Eric, colocar LSD no Cointreau de seu pai no Deep Creek Lodge não foi um experimento que deu errado: o objetivo era fazer com que ele f a l a s s e enquanto alucinava. E Frank não passou no teste. Ele revelou suas intenções a Gottlieb e aos outros homens do MK-ULTRA presentes. Esse foi o "erro terrível" que ele cometeu. Ver *Martinho Lutero* no domingo à noite o deixou ainda mais determinado a deixar o emprego. *Aqui estou eu. Não posso fazer outra coisa*.

E, na segunda-feira de manhã, Frank de fato pediu demissão, mas seus colegas o convenceram a procurar aconselhamento psicológico em Nova York.

Documentos revelam que Frank nunca foi a um psiquiatra em Nova York. Em vez disso, ele foi levado pelo assistente de Gottlieb ao escritório do ex-mágico da Broadway John Mulholland, que provavelmente o hipnotizou, e Frank provavelmente também foi reprovado nesse teste.

Abrigar um homem possivelmente perturbado e desesperado em um quarto de hotel no alto da Sétima Avenida não parecia mais um lamentável erro de julgamento. Parecia o prelúdio de um assassinato.

Quando Eric mandou exumar o corpo de seu pai em 1994, o patologista, Dr. James Starrs, encontrou um buraco na cabeça de Frank que - ele concluiu - foi causado pela coronha de uma arma e não por uma queda de uma janela do décimo andar.

"Bem, ele se foi", disse a voz do assistente de Sidney Gottlieb, Robert Lashbrook.
"É uma pena", foi a resposta. E os dois desligaram.
Havia cerca de quarenta jornalistas na coletiva de imprensa de Eric - equipes de todas as emissoras e muitos dos grandes jornais. Eric havia decidido - para fins de clareza - contar a história principalmente por meio da narrativa de seu fim de semana com Norman Cournoyer. Ele enfatizou várias vezes que essa não era mais uma história de família. Agora era uma história sobre o que aconteceu com os Estados Unidos na década de 1950 e como isso influencia o que está acontecendo hoje.
"Onde está a *prova?*", perguntou Julia Robb, a repórter do jornal local de Eric, o *Frederick News Post*, quando ele terminou. Tudo isso se baseia na palavra de *um* homem, amigo de seu pai?
Julia olhou ao seu redor para mostrar que esse Norman Cournoyer nem estava presente.
Não", disse Eric. Ele parecia exasperado. Como tentei lhe dizer, conceitualmente, isso se baseia na ideia de que há dois vetores nessa história e eles só se cruzam em um lugar.
Houve um silêncio desconcertante.
"Você está de alguma forma motivado pela ideologia em relação a isso?", perguntou o homem da fox
News perguntou.
"Apenas o desejo de saber a verdade". Eric suspirou.
Mais tarde, enquanto os jornalistas se aglomeravam, comendo do bufê disposto em mesas de piquenique, a conversa entre os Olsons e seus amigos se voltou para Julia Robb, a repórter do *Frederick News Post*. Alguém disse que achava uma pena que a jornalista mais hostil presente representasse o jornal local de Eric e Nils.
"Sim, é", disse Nils. É doloroso para mim. Sou um profissional aqui na cidade. Como dentista, tenho contato com a população local e vejo diariamente pessoas que vêm aqui e leem o jornal local, e isso me afeta.
Nils olhou para Eric do outro lado do jardim, que estava dizendo algo para Julia, mas não conseguimos ouvir o que era.
Nils disse: "Às vezes você passa por uma fase em que acredita que talvez a história *seja* um monte de bobagens e que *foi* apenas um simples suicídio com LSD, e *isso*" - Nils olhou para Julia - "pode desencadear uma espécie de espiral de vergonha. É como as sensações que você tem no meio da noite, às três da manhã, quando está tentando dormir e começa a ter algum pensamento e esse pensamento o leva a outro pensamento negativo e ele meio que sai do controle e você tem que se sacudir e talvez acender a luz e se ater à realidade novamente.
Eric e Julia estavam discutindo agora. Julia disse algo a Eric e depois se afastou, voltando para o carro. (Mais tarde, Eric me disse que Julia parecia "furiosa, como se toda a história a tivesse deixado furiosa de alguma forma profunda que ela não conseguia articular").
Quero dizer", disse Nils, "os Estados Unidos querem fundamentalmente pensar em si mesmos como sendo bons, e que estamos fundamentalmente certos no que estamos fazendo, e que temos uma

A responsabilidade pelo mundo livre é muito forte. E analisar algumas dessas questões é preocupante, porque se os Estados Unidos têm um lado mais sombrio, isso ameaça sua visão dos Estados Unidos e é como se disséssemos: "Puxa, se eu retirar essa base da consciência americana, isso é um castelo de cartas? Será que isso realmente ameaça a natureza fundamental dos Estados Unidos?

Voltamos para a piscina e, depois de uma hora, Eric se juntou a nós. Ele estava em casa, ao telefone. Ele estava rindo.

"Você está sabendo das últimas notícias?", disse ele.

"Coloque-me a par", disse Nils. Estou louco para saber.

"Julia", disse Eric, "ligou para Norman. Acabei de ligar para ela e ela disse: 'Eric, estou feliz por você ter ligado. Acabei de ligar para o Norman. Ele disse que não tem motivos para acreditar que a CIA assassinaria Frank Olson". Eu disse: "Julia, obrigado por respeitar minha vontade de não ligar para o Norman". Ela disse: "Eric, sou uma *repórter*. Tenho de fazer o que for necessário para conseguir a história".

Eric riu, mas ninguém mais riu.

E então dirigi até Connecticut, até a casa de Norman Cournoyer. Fiquei um pouco abalado com a notícia da ligação telefônica entre Julia Robb e Norman. Será que eu havia entendido Eric errado? Será que ele era algum tipo de fantasista?

Norman mora em um grande bangalô branco em uma rua de luxo no subúrbio. A esposa dele atendeu a porta e me levou até a sala de estar, onde Norman estava me esperando. Ele apontou para a mesa e disse: "Descobri algumas fotos antigas para você".

Eram de Norman e Frank Olson, de braços dados, em algum lugar no meio de Fort Detrick, por volta de 1953.

Você disse ao repórter do *Frederick News Post* que não tinha nenhuma evidência que sugerisse que Frank foi assassinado pela CIA? perguntei.

"Sim", disse Norman.

Por que você fez isso? perguntei.

"Por telefone?", disse Norman. Acho que um jornalista está cometendo um grande erro ao tentar fazer alguém falar por telefone.

"Então você acha que Frank foi assassinado? eu disse. "Tenho certeza disso", disse Norman.

E então ele me contou algo que não havia dito a Eric.

Eu vi o Frank depois que ele tomou o LSD", disse ele. Brincamos sobre isso. O que ele disse?", perguntei.

Ele disse: 'Eles estão tentando descobrir que tipo de pessoa eu sou. Se estou revelando segredos".

"Você estava brincando com isso? Eu disse.

"Brincamos com isso porque ele não reagiu ao LSD."

"Ele não estava se drogando?", perguntei.

"Não", disse Norman. 'Ele estava rindo disso. Ele disse: 'Eles estão ficando muito, muito nervosos agora por causa do que acreditam que sou capaz de fazer'. Ele realmente achava que estavam implicando com ele porque ele era o homem que poderia revelar os segredos".

"Ele ia falar com um jornalista?", perguntei.
Ele chegou tão perto que não foi nem engraçado", disse Norman.
"Ele voltou da Europa parecendo muito chateado? perguntei.
"Sim", disse Norman. Conversamos cerca de uma semana, dez dias, depois que ele voltou. Eu disse: 'O que aconteceu com você, Frank? Você parece muito chateado". Ele disse: "Ah, você sabe..." Devo admitir, com toda a honestidade, que só estou me lembrando agora. Ele disse...
De repente, Norman ficou em silêncio.
Não quero me estender mais do que isso", disse ele. Há certas coisas sobre as quais não quero falar".
Norman olhou pela janela. "Isso fala
por si só", disse ele.
Eric esperava que sua coletiva de imprensa, pelo menos, mudasse a linguagem da reportagem sobre a história. Na melhor das hipóteses, ela motivaria algum jornalista enérgico a aceitar o desafio e encontrar uma prova inequívoca de que Frank Olson foi empurrado pela janela.
Mas, nos dias que se seguiram à coletiva de imprensa, ficou claro que todos os jornalistas haviam decidido relatar a história da mesma maneira.
Eric finalmente havia conseguido "encerrar o caso".
Ele estava a caminho de ser "curado".
Ele havia "colocado seu mistério para
descansar".
Agora ele podia "seguir em frente".
Talvez "nunca saibamos" o que realmente aconteceu com Frank Olson, mas o importante era que Eric havia conseguido "encerrar o assunto".
A história estava divertida novamente.

16. A SAÍDA

27 de junho de 2004

Jim Channon me envia por fax sua estratégia de saída do Iraque. Esse é o mesmo documento que ele enviou ao chefe de gabinete do exército, general Pete Schoomaker, depois que Donald Rumsfeld pediu ao general que trouxesse pensadores "criativos" para o grupo.
A estratégia de Jim começa:
Quando saímos do Vietnã, fizemos isso com o rabo entre as pernas. Estávamos saindo em um ritmo indigno. Aos olhos do mundo que está observando, os últimos momentos são tão reveladores quanto os primeiros.

A PRIMEIRA SOLUÇÃO DO BATALHÃO TERRESTRE

Uma cerimônia comovente e sincera [composta por] mães, crianças, professores, soldados, enfermeiras e médicos de ambos os lados. Sempre que possível, as crianças levarão os prêmios reais (ou seja, medalhas, troféus, pequenas estátuas) de agradecimento e reconhecimento aos [soldados americanos e iraquianos] homenageados.
Os ambientes cerimoniais que projetamos são, em si, um presente para o futuro do Iraque. Recomendamos que uma bela aldeia global seja construída como cenário. Ela pode apresentar os tipos de energia alternativa, saneamento e tecnologia agrícola apropriados para essa parte do mundo.

[A cerimônia incluirá a entrega de] presentes de outras partes do mundo. Os tradutores das Nações Unidas estarão disponíveis para interpretar esses presentes. Um ancião poderá falar e um adolescente poderá falar sobre a promessa de cooperação.

29 de junho de 2004

Hoje, a soberania é transferida das forças de coalizão para o novo governo iraquiano. Quem organizou a cerimônia obviamente optou por não implementar as ideias de Jim:

Atrás de quilômetros prateados de novo arame farpado, atrás de altas barreiras de concreto mais fortes do que a maioria das fortificações medievais, atrás de sacos de areia, cinco verificações de segurança, veículos blindados dos EUA, soldados blindados dos EUA, forças especiais de vários países e seguranças particulares, um burocrata americano entregou um pedaço de papel a um juiz iraquiano, entrou em um helicóptero e deixou o país.

A primeira coisa que os repórteres viram ao sair do auditório banal, onde o governo iraquiano recém-empossado saudou a nova era, foram dois helicópteros Apache dos EUA, fazendo piruetas no céu de neve.

O medo dos bombardeiros deu à ocasião toda a pompa de uma festa de despedida de um escritório. Durou apenas 20 minutos.

James Meek, *Guardian*.

Suponho que este seja um livro sobre a mudança de relacionamento entre as ideias de Jim Channon e o exército em geral. Às vezes, o exército parece uma nação, e Jim um vilarejo em algum lugar no meio, como Glastonbury, visto com carinho, mas basicamente ignorado. Em outros momentos, Jim parece estar bem no centro das coisas.

Talvez a história seja a seguinte: no final da década de 1970, Jim, traumatizado pelo Vietnã, buscou consolo no emergente movimento do potencial humano da Califórnia. Ele levou suas ideias de volta para o exército e elas tocaram os altos escalões que nunca haviam se visto como uma Nova Era, mas em seu estado de choque pós-Vietnã, tudo fazia sentido para eles.

Mas, nas décadas seguintes, o exército, sendo o que é, recuperou sua força e viu que algumas das ideias contidas no manual de Jim poderiam ser usadas para destruir pessoas em vez de curá-las. Essas são as ideias que continuam vivas na Guerra ao Terror.

O "burocrata" mencionado no artigo *do Guardian*, Paul Bremer, pode ter deixado o país hoje, mas deixou atrás de si no Iraque 160.000 soldados, a grande maioria deles americanos. De acordo com o Institute for Policy Studies e o Foreign Policy in Focus, 52% desses soldados americanos estão com o moral baixo, 15% apresentaram resultados positivos para estresse traumático,
7,3% para ansiedade e 6,9% para depressão. A taxa de suicídio entre os soldados americanos aumentou de uma média de oito anos de 11,9 por 100.000 para 15,6 por 100.000.

Um total de 951 soldados da coalizão foram mortos desde o início da guerra, incluindo 836 americanos. Outros 5.134 ficaram feridos. Os hospitais militares relataram um aumento acentuado no número de amputações - resultado de um projeto "aprimorado" de blindagem corporal que protege os órgãos vitais, mas não os membros.

mas não os membros.

Entre 9.436 e 11.317 civis iraquianos estão mortos como resultado da invasão dos EUA e da ocupação que se seguiu.

invasão dos EUA e da ocupação que se seguiu, com mais 40.000 feridos. Esses números são menos exatos porque ninguém está realmente fazendo a contagem.

Oitenta por cento dos iraquianos dizem que não têm "nenhuma confiança" nas autoridades civis dos EUA ou nas tropas da coalizão, em parte, não tenho dúvidas, por causa das fotografias que detalhavam os métodos de interrogatório empregados pela inteligência militar em Abu Ghraib.

Recebi uma ligação telefônica muito estranha. Foi de alguém sobre quem escrevi neste livro, um homem que continua trabalhando nas forças armadas dos EUA. Quase não incluí o que ele me disse porque é totalmente bizarro e impossível de ser comprovado. Mas também soa verdadeiro. Ele disse que me contaria o segredo com a condição de que eu não revelasse seu nome.

Antes de repetir o que ele disse, devo explicar por que acredito que isso seja verdade. Primeiro, o fato de ser estranho não os impediu antes.

Certa vez, perguntei ao coronel Alexander se havia ocorrido algum tipo de renascimento do MK-ULTRA após o 11 de setembro.

"Não necessariamente LSD", acrescentei, "mas uma arma não letal do tipo MK-ULTRA. Veja a história do ghetto-blaster da Baía de Guantánamo. Certamente, a explicação mais provável é que eles estavam tocando algum tipo de ruído que altera a mente, enterrado em algum lugar abaixo do Fleetwood Mac.

"Você está parecendo ridículo", respondeu ele.

Ele tinha razão. Eu estava soando tão ridículo quanto soei quando perguntei aos amigos de Michael Echanis se eles sabiam se Michael já havia se envolvido em "influenciar o gado à distância". Mas essas eram as cartas que essa história tinha me dado.

(Lembre-se de que as pessoas loucas nem sempre se encontram do lado de fora. Às vezes, as pessoas loucas estão profundamente enraizadas em seu interior. Nem mesmo o mais imaginativo teórico da conspiração jamais pensou em inventar um cenário em que uma equipe de elite de soldados das Forças Especiais e generais importantes tentam secretamente atravessar suas paredes e encarar cabras até a morte).

"Ouça", disse o Coronel Alexander, irritado. Ninguém que tenha vivido o trauma do MK-ULTRA" (ele estava falando do trauma do lado da inteligência, o trauma de ser descoberto, não o trauma do lado dos Olsons) "jamais se envolveria em algo assim novamente. Ninguém que tenha passado por todas aquelas audiências no Congresso, aquela reação da mídia..." Ele fez uma pausa. Em seguida, disse: "Claro, você tem crianças na inteligência que leram tudo sobre o MK-ULTRA e pensaram: 'Puxa. Isso parece legal. Por que não experimentamos *isso*? Mas você nunca conseguiria uma reativação em nível de comando".

É claro que um grupo de jovens entusiastas da inteligência militar pensando "isso parece legal" é exatamente como essas coisas podem ganhar vida, e já aconteceu antes.

A outra razão pela qual acho que o segredo é verdadeiro gira em torno do mistério de por que o Major Ed Dames decidiu um dia revelar no programa de Art Bell

a existência da unidade de espionagem psíquica. Quando perguntei ao Major Dames em Maui qual era o motivo para isso, ele deu de ombros e um olhar distante cruzou seu rosto e ele disse: "Eu não tinha nenhum motivo. Não tinha motivo algum".

Mas ele disse isso de uma forma que me levou a pensar que, na verdade, ele tinha um motivo secreto e muito astuto. Na época, eu atribuí o meio sorriso enigmático de Ed à sua merecida reputação de criador de mistérios, um tanto engrandecedor.

Muitas pessoas culparam Ed pelo fechamento da unidade, e algumas sentiram o cheiro de uma conspiração. O ex-colega psíquico de Ed, Lyn Buchanan, disse-me certa vez que passou a acreditar que havia *outra* unidade psíquica, ainda mais profundamente escondida e, presumivelmente, com escritórios mais glamorosos do que os deles, e que a razão pela qual a unidade *deles* foi revelada ao mundo foi para desviar a atenção dessa misteriosa outra equipe psíquica. A implicação de Lyn era que Ed havia sido instruído a revelar os segredos por alguma cabala de alto escalão.

Na época, não dei muita credibilidade a essa teoria. Muitas vezes descobri que as pessoas que estão no centro das conspirações percebidas são, em geral, os próprios teóricos da conspiração. (Lembro-me de uma vez que conversei com um maçom de alto escalão de sua sede em Washington DC. Ele me disse: 'É claro que é simplesmente absurdo pensar que os maçons governam secretamente o mundo, mas vou lhe dizer quem governa secretamente o mundo: a Comissão Trilateral'). Eu atribuí a afirmação de Lyn a essa faceta peculiar do mundo da conspiração.

Mas agora não tenho tanta certeza.

Depois que Lyn Buchanan me apresentou sua teoria, enviei um e-mail para Skip Atwater, o ex-caçador de cabeças psíquico de Fort Meade, extremamente sensato. Skip esteve profundamente envolvido com a unidade, em uma capacidade administrativa, entre 1977 e 1987. Perguntei a ele se havia alguma verdade no que Lyn havia dito.

Ele me respondeu por e-mail:

É verdade que, se perguntada sobre o uso de visão remota, médiuns ou qualquer outra coisa, a CIA agora pode dizer algo como: "Havia um programa, mas ele foi encerrado". E essa é uma afirmação verdadeira, mas não é toda a verdade. Por motivos de segurança, não posso detalhar mais informações sobre programas que não sejam [de Fort Meade]. No entanto, suponho que, desde os anos em que tive acesso a essas informações, esses esforços mudaram um pouco de direção e agora estão altamente concentrados no combate ao terrorismo. Por motivos de gerenciamento de segurança, seria normal... bem, talvez eu não deva continuar neste ponto.

E esse foi o fim do e-mail de Skip.

Sei que quase todos os ex-espiões psíquicos da antiga unidade de Fort Meade receberam uma ligação telefônica dos serviços de inteligência nas semanas que se seguiram ao 11 de setembro. Foi-lhes dito que, se tivessem alguma visão psíquica de futuros ataques terroristas, não deveriam hesitar em informar as autoridades.

E eles o fizeram, em grande número. Ed Dames teve uma visão terrível da Al-Qaeda navegando em um barco cheio de explosivos em um submarino nuclear no porto de San Diego.

Eu sabia que o pessoal de Bin Laden era esperto", Ed me disse sobre sua visão, "mas não sabia que eram tão espertos assim".

mas não sabia que eram *tão* inteligentes".

Ed relatou suas descobertas ao escritório da Guarda Costeira da Califórnia.

Uri Geller recebeu uma ligação telefônica de Ron, mas isso é tudo o que sei sobre Uri e Ron.

Vários observadores remotos de segunda geração (espiões psíquicos que aprenderam o ofício com membros da unidade de Fort Meade e, posteriormente, criaram suas próprias escolas de treinamento) também foram contatados pelas comunidades de inteligência após o 11 de setembro. Uma delas - uma mulher chamada Angela Thompson - teve uma visão de nuvens em forma de cogumelo sobre Denver, Seattle e Flórida. Eu estava presente em uma convenção de reunião de ex-psíquicos militares em um hotel Doubletree em Austin, Texas, na primavera de 2002, quando Angela apresentou suas descobertas sobre as nuvens em forma de cogumelo. A sala de conferências estava cheia de espiões psíquicos aposentados e oficiais de inteligência. Quando Angela disse "nuvens em forma de cogumelo sobre Denver, Seattle e Flórida", todos na sala ficaram boquiabertos.

Prudence Calabrese estava na sala. Tudo parecia ter sido perdoado em relação aos suicídios em massa de Heavens Gate, porque o FBI telefonou para Prudence no final de setembro de 2001 e pediu que ela os informasse assim que tivesse alguma visão de futuros ataques terroristas.

Prudence de fato teve uma visão, ela me disse, uma visão realmente terrível. Ela enviou os detalhes de sua visão para o FBI. Eles lhe agradeceram e, desde então, têm solicitado mais informações psíquicas, disse ela.

"Qual foi a visão? Eu lhe perguntei.

Houve um breve silêncio.

"Colocando desta forma", disse ela. Londres é uma área de grande preocupação. Certamente é uma área que analisamos e há motivos para se preocupar se você mora em Londres.

Eu moro em Londres", eu disse.

Prudence tentou mudar de assunto, mas eu não deixei. "Quando?
perguntei.

Às 2h30 da manhã! Então ela riu e ficou séria. Realmente, não temos liberdade para dar mais informações sobre isso.

"Há mais *alguma coisa* que possa me dizer?", perguntei.

"Sabemos o suficiente para ter certeza de que algo vai acontecer", disse ela, "e sabemos o suficiente para conhecer a vizinhança geral onde algo vai acontecer".

"Um ponto de referência?
perguntei. "Sim", disse
Prudence.

"Um marco do tipo Casas do Parlamento? Perguntei.

"Não vou lhe contar", disse ela.

"Certamente não é o Palácio de Buckingham", eu disse, chocado.

Foi nesse ponto que meu interrogatório com Prudence finalmente a fez entender. "É o zoológico de Londres", disse ela.

O zoológico de Londres estava prestes a ser atingido por uma bomba suja, disse ela, uma bomba tão poderosa que derrubaria a BT Tower, que fica próxima.

"Como você *sabe* disso?", perguntei, visivelmente
chateado. "Os elefantes", disse ela.

Os elefantes estavam gritando em agonia em sua visão psíquica, explicou Prudence. A dor dos elefantes do zoológico de Londres era a imagem mais intensa e poderosa que ela havia recebido. Prudence havia reunido uma equipe de quatorze funcionários videntes, com sede em Carlsbad, San Diego. Todos eles, disse ela, haviam sentido a dor dos elefantes.

Quando voltei para casa, no Reino Unido, descobri, para meu alívio, que os elefantes do Zoológico de Londres haviam sido transferidos, alguns meses antes da visão psíquica de Prudence, para o Whipsnade Wild Animal Park, na zona rural de Bedfordshire, cerca de trinta quilômetros ao norte de Londres. Como os elefantes poderiam ser danos colaterais em uma bomba suja do Zoológico de Londres se não havia mais elefantes no Zoológico de Londres?

Eu me perguntei se o Escritório de Segurança Interna de John Ashcroft já emitiu um aviso não específico de um futuro ataque terrorista com base na inteligência fornecida por um vidente. Passei algumas semanas tentando descobrir se eles haviam feito isso, mas minhas ligações não me levaram a lugar algum, desisti e os médiuns saíram de minha mente.

Eu não havia passado muito tempo pensando nos médiuns até que recebi um telefonema inesperado e o homem do outro lado disse que tinha um segredo para revelar, desde que eu prometesse proteger sua identidade.

"Está bem", eu disse.

"Você conhece a visão remota?", disse ele. "Os
espiões psíquicos? Eu perguntei.

"Sim", disse ele. 'Há muito interesse nisso novamente'.

"Eu sei *disso*", eu disse.

Contei a ele sobre Ed, Angela, Prudence, Uri e o misterioso
Ron.

"Suponho que você não saiba quem é Ron?", perguntei a ele.

Não estou falando *daqueles* espectadores remotos', disse ele. 'Eles têm alguns novos caras e eles estão usando a visualização remota de uma maneira
muito diferente. "Mmm? Eu disse.

"Eles estão levando a visualização remota para fora do
escritório", disse ele. "Desculpe-me? Eu disse.

Eles estão tirando a visualização remota *do escritório*".

"Ok, obrigado", eu disse.

Eu não tinha ideia do que ele estava me dizendo, mas não parecia ser um segredo particularmente bom.

"Você entende?", disse ele, exasperado. "A visão remota não é mais
de escritório".

"Uh," eu disse.

Acho que ele estava começando a suspeitar que havia escolhido o jornalista errado para revelar seu segredo.

"Sinto muito por não ser experiente o suficiente para entender o que você está me dizendo de forma enigmática", eu disse.

O que você sabe sobre a história da visão remota?", ele perguntou,
lentam
ente. "Eu sei que era baseado no escritório", eu
disse. "É verdade", disse ele.
"E não é mais assim? perguntei, estreitando os olhos.
"Ah, pelo amor de Deus", disse ele. Se não é mais baseado no escritório, então...'
Ele fez uma pausa. Ele tinha duas opções. Ele poderia continuar revelando o
segredo
segredo de forma enigmática - que era um método que estava claramente irritando um pouco a nós dois - ou poderia simplesmente ir direto e me contar. E foi o que ele fez.

"Assassinos psíquicos", ele anunciou. Legal, não é? Eles estão ensinando os assassinos das Operações Especiais, os caras de Fort Bragg que saem a campo para rastrear e assassinar terroristas, a serem psíquicos. Eles costumavam confiar na inteligência, mas as coisas estão mudando. A inteligência é muitas vezes falha. Então, em vez disso, eles estão voltando ao poder da mente".

"Como isso funciona?", perguntei.

"Lançamos um agente de Operações Especiais em uma selva ou deserto ou em uma fronteira", disse ele. Sabemos que o alvo está a alguns quilômetros de distância, mas não sabemos exatamente onde. O que fazemos? Esperamos pelos aviões espiões? Esperamos que um interrogador decifre um prisioneiro? Claro, fazemos essas coisas, mas agora podemos aumentar tudo isso com o poder da mente.

"Então os assassinos", eu disse, "enquanto esperam por informações concretas, visualizam psiquicamente a localização de seus alvos e começam a rastreá-los imediatamente?

"Claro", disse ele. A mente está voltando em grande estilo em Fort Bragg.

15 de julho de 2004

Tive notícias de Guy Savelli. Ele parece empolgado e presumo que finalmente houve algum movimento em sua operação de investigação paranormal da Al-Qaeda. A última vez que falei com Guy, ele estava sendo inundado com ligações de jovens entusiastas de artes marciais baseados em países do eixo do mal que queriam aprender a matar cabras só de olhar para elas. Desde então, Guy está esperando o sinal verde para começar a ensinar o olhar fixo aos terroristas enquanto atua como espião em nome dos serviços de inteligência, mas isso ainda não aconteceu.

Presumo que ele esteja ligando para me dar as últimas notícias sobre o assunto, mas, segundo ele, algo mais, algo incrível, aconteceu. Ele recebeu uma ligação telefônica de Fort Bragg. Será que ele pode ir até lá "imediatamente" para demonstrar seus poderes a um novo general comandante que "vê o lado espiritual"?

"Estou indo neste fim de semana", diz ele.

"Você vai levar um animal com você? perguntei.

"Sim", diz ele. "Eles querem que eu leve um animal".

"Uma cabra? Eu pergunto.

"Meus recursos são limitados", diz Guy.

"Um hamster? Eu pergunto.

Tudo o que posso lhe dizer", disse Guy, "é que haverá algum tipo de envolvimento animal".

animal".

"Estamos falando de um animal pequeno, barato para comprar?

perguntei. "Correto", confirma Guy.

"Um hamster", eu

digo. Um silêncio.

"Sim", diz Guy. Vou levar um hamster para lá e vou deixá-los boquiabertos com ele.

Ouço a esposa de Guy dizer algo para ele do outro lado do telefone. São eles na outra linha agora", diz Guy, com urgência. Vou ligar de volta para você.

Guy!", grito atrás dele. Pergunte a eles se posso ir também!

19 de julho de 2004

Não tenho notícias do Guy há quatro dias. Envio-lhe um e-mail para perguntar se houve alguma movimentação e ele finalmente liga de volta.

"Parece que tudo está se ajeitando", diz ele. 'Você já

esteve em Fort Bragg com um hamster?

"É mais do que isso", diz Guy. Eles estão tentando fazer com que o que estou fazendo seja confidencial. Estão tentando me colocar em uma posição militar mais profunda.

"O que você quer dizer com isso?", pergunto.

Querem que eu vá com eles a alguns lugares. Alguns lugares do Oriente Médio.

Peço a Guy que me conte mais, e ele conta.

Depois que Jim Channon produziu seu *Manual de Operações do Primeiro Batalhão Terrestre*, seus comandantes o convidaram para criar uma unidade de Monge Guerreiro da vida real, viajando pelo mundo com seus poderes sobrenaturais. Como expliquei anteriormente, Jim recusou a oferta porque era racional o suficiente para perceber que atravessar paredes e assim por diante eram boas ideias no papel, mas não eram, necessariamente, habilidades realizáveis na vida real.

Mas agora, diz Guy, é exatamente isso que eles querem que *ele* faça. Eles querem que ele lidere uma unidade de Monge Guerreiro no Iraque.

"Com que tipo de poderes você será equipado? pergunto.

"Espero que com alguns", diz Guy, "porque teremos de ir sem armas".

"Por quê?", pergunto.

"Porque é a maneira pacífica e gentil", diz Guy. 'Esses homens são bons e gentis. Eles sabem que estão fazendo tudo errado no Iraque. Lembre-se: os caras das fotos de Abu Ghraib *foram treinados* em Fort Bragg. E eles fizeram uma grande besteira. Eles sabem que essa porcaria não pode mais continuar. Por isso, agora *me* pediram para ir até lá.

"E ensiná-los a encarar as pessoas até a morte? perguntei.

"Não", diz Guy. "Isso é diferente agora. Essa é uma ideia tão revolucionária que mudará a maneira como eles tratam os prisioneiros. Pense no que você pode fazer apenas com o olhar fixo. Você pode confundir as pessoas a ponto de elas não saberem para onde estão olhando, e elas lhe darão todo tipo de informação".

Guy diz que ainda não disse às Forças Especiais que está me mantendo informado

de todos os acontecimentos.

"Eles não ficarão furiosos? perguntei a ele.

"Não", diz Guy. 'Essa é a maneira mais gentil e amável. Eles vão *querer que* as pessoas saibam disso".

"Da próxima vez que você for a Fort Bragg com um hamster", eu disse, "posso ir?" "Vou perguntar a eles", disse Guy, "quando for a hora certa".

23 de julho de 2004

Guy liga. Ele esteve em Fort Bragg com um hamster.

"Vou lhe contar, Jon", diz ele. Os caras das Forças Especiais chegaram à reunião em um estado de espírito bastante hostil e saíram como crianças. Eles estão frustrados. Estão com medo. Sabem que estão fazendo uma besteira sem sentido no Iraque. E sabem que sua única alternativa *sou eu*. A projeção de pensamento está realmente afundando nesses caras. Eles definitivamente, cem por cento, querem voltar aos velhos tempos".

"Então você está indo para o Iraque?

perguntei. Parece que sim", diz Guy.

Quando? Pergunto.

Temos um tempo limitado antes de partirmos", diz Guy.

"Você já disse a eles que está me contando tudo? perguntei.

"Não", diz Guy. Mas eles não se importarão com isso. Tenho certeza de que você poderá vir comigo na próxima vez. Será uma ótima RP para eles. E há outro motivo pelo qual eu sei que eles vão querer você a bordo. Se o inimigo souber que temos esse *poder*, ele vai se assustar muito".

Guy faz uma pausa.

"Vou contar a eles tudo sobre você amanhã", disse ele.

28 de julho de 2004

Telefonei para Guy Savelli várias vezes hoje, como fiz durante toda a semana, mas ainda sem sucesso. Ele não me liga de volta.

29 de julho de 2004

Deixo mais mensagens no telefone de atendimento do Guy. Ele pode me informar se contou a eles sobre mim e, em caso afirmativo, qual foi a reação deles?

Não tenho notícias do Guy.

Presumo que a notícia não foi bem
recebida. EOF